



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JULIANA PIROLA DA CONCEIÇÃO

ENSINO DE HISTÓRIA E
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA LATINO-AMERICANA
NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC

FLORIANÓPOLIS
2010

**ENSINO DE HISTÓRIA E
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA LATINO-AMERICANA
NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC**

JULIANA PIROLA DA CONCEIÇÃO

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Sabino Dias

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

FLORIANÓPOLIS
2010

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

C744e Conceição, Juliana Pirola da
Ensino de História e consciência histórica no Colégio de
Aplicação da UFSC [dissertação] Juliana Pirola da Conceição
; orientadora, Maria de Fátima Sabino Dias. -
Florianópolis, SC, 2010.
171 p.: tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Universidade Federal de Santa Catarina - Colégio
de Aplicação. 2. Educação. 3. História - America Latina
- Estudo e ensino. I. Dias, Maria de Fatima Sabino. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Educação. III. Título.

AGRADECIMENTOS

*“Aqueles que passam por nós não vão sós.
Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”.*

Antoine de Saint-Exupéry

A elaboração de uma dissertação de mestrado é um produto coletivo embora sua redação, responsabilidade e *stress* sejam predominantemente individuais. Várias pessoas contribuíram para que este trabalho chegasse a bom termo. A todas elas registro minha gratidão.

Agradecimento primordial não poderia deixar de ser Àquele que me permitiu sonhar de uma forma que alargasse meus horizontes.

A minha família, em particular a minha mãe, pela base sólida e acima de tudo por me ensinar a encarar a vida de frente.

A minha orientadora, professora Maria de Fátima, pelos eternos ensinamentos, seus preciosos conselhos e sua inestimável confiança.

Aos colegas do NipeH e do Projeto Acervo, especialmente à Vergínia e ao Ronald, pelo carinho e pela generosidade. Crescemos juntos, acima de tudo como seres humanos, e por isso a saudade há de ficar.

Aos pesquisadores do Projeto *“A Escola e os jovens no mundo contemporâneo: processos de formação histórica latino-americana”*. Nossos caminhos se cruzaram diante de um ideal comum. Partilhamos cada descoberta, desafio e conquista. Vocês são os profissionais que me inspiram.

Aos alunos, professores e funcionários do Colégio de Aplicação da UFSC, que viabilizaram a realização deste trabalho e a quem esta pesquisa se destina.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), pela bolsa concedida durante a realização do mestrado.

Aos amigos queridos, que nos últimos anos se tornaram também minha família. Especialmente ao Jeff e às “meninas lá de casa”, pela paciência, pela companhia e pelas risadas. Sem dúvida a presença de vocês tornou mais amena essa jornada.

E de modo muito especial aos examinadores da banca, pela disponibilidade em aceitar o convite de tornar este trabalho mais rico. Especialmente à professora Juçara Leite, que acompanha a minha trajetória acadêmica desde a Graduação, por ter me encorajado em todos os aspectos da vida.

Aos que não constam na lista, que a ausência nunca signifique o esquecimento.

**ENSINO DE HISTÓRIA E
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA LATINO-AMERICANA
NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC**

JULIANA PIROLA DA CONCEIÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Florianópolis, 01 de junho de 2010.

Professor Dr. João Josué da Silva Filho
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade Federal de Santa Catarina

Banca Examinadora

Dra. Maria de Fátima Sabino Dias - Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Dra. Ernesta Zamboni
Universidade Estadual de Campinas

Dra. Juçara Luzia Leite
Universidade Federal do Espírito Santo

Dra. Jane Bittencourt
Universidade Federal de Santa Catarina

Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera
Universidade do Vale do Itajaí

RESUMO

A presente pesquisa propôs investigar a formação de uma consciência histórica latino-americana na disciplina de Estudos Latino-americanos (ELA) da 7ª série do Colégio de Aplicação (CA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O objetivo geral era conhecer quais relações a história ensinada – relativa à América Latina – estabelece com a formação da consciência histórica de jovens brasileiros. Em particular, desejou-se compreender qual a contribuição dos conteúdos latino-americanos na grade curricular de ensino para a formação histórica dos sujeitos na escola, tendo em vista que estes saberes são fundamentais na construção identitária dos jovens no mundo atual.

Metodologicamente, a pesquisa foi constituída em três etapas essenciais: a primeira envolveu uma investigação bibliográfica sobre a temática apresentada neste projeto – o ensino de História da América Latina e a formação da consciência histórica; a segunda envolveu o estudo do campo onde a pesquisa foi realizada – o CA da UFSC e a disciplina ELA; e a terceira envolveu uma pesquisa qualitativa com os sujeitos da pesquisa – jovens que cursam a 7ª série no CA em 2009, caracterizando um estudo de caso. Portanto, a seleção da amostra foi intencional e não probabilística.

Os resultados obtidos apontam que é possível afirmar que existe sim relação entre a história ensinada na disciplina de ELA e a formação de uma consciência histórica latino-americana. Isso esclarece sobre a contribuição dos conteúdos latino-americanos na grade curricular de ensino para a formação histórica dos sujeitos na escola. No entanto, esse aprendizado ainda não orienta as ações desses indivíduos nas tomadas de decisão face aos problemas da América Latina no presente.

Palavras-chave: Ensino de História – Consciência histórica – América Latina

ABSTRACT

This research proposed to investigate the construction of a Latin American historical awareness in the discipline of Latin American Studies (ELA) of the 7th series of the college of application (CA), Federal University of Santa Catarina (UFSC). The overall objective was to know which links the history taught - on Latin America – establishes with the historical awareness formation of young Brazilians. In particular, I was desire to understand what is the contribution of Latin American content in the teaching curriculum for the historical formation of the subjects at school, considering that these are basic knowledge in the identity construction of young people in the world today.

Methodologically, the survey consisted of three essential steps: the first involved literature search on the topic presented in this project - the teaching of Latin American history and the historical awareness formation; and the second involved the study of the field where the research was conducted - CA UFSC and ELA discipline; and the third one involved a qualitative study among the research subjects - students who attend the 7th grade in CA in 2009, characterizing a case study. Therefore, the sample selection was intentional and not probabilistic.

The results show that is possible to affirm there is relationship between the history taught in the ELA discipline and the construction of a Latin American historical awareness. This clarifies the contribution of Latin American content in the teaching curriculum for the historical formation of the subjects at school. However, this learning still does not guide the actions of these individuals in decision making face to the problems of Latin America at the present.

Keywords: History Teaching - Historical awareness - Latin America

LISTA DE ABREVIACÕES

| | |
|-------------|---|
| AME | Acervo de Memora Educacional |
| ANPHLAC | Associação Nacional de Pesquisadores em História da América Latina e Caribe |
| ANPUH | Associação Nacional de História |
| CA | Colégio de Aplicação |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CED | Centro de Ciências da Educação |
| DP | Desvio Padrão |
| ELA | Estudos Latino-americanos |
| EMC | Educação Moral e Cívica |
| ENPEH | Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História |
| FAPESC | Fundação de Apoio a Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina |
| FCF | Faculdade Catarinense de Filosofia |
| FUNPESQUISA | Fundo de Incentivo à Pesquisa |
| GTs | Grupos de Trabalho |
| IBASE | Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas |
| LAHIS | Laboratório de Ensino de História |
| MEN | Departamento de Metodologia e Ensino da UFSC |
| MERCOSUL | Mercado Comum do Sul |
| MSN | Microsoft Service Network |
| NIPEH | Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Ensino de História |
| OEA | Organização dos Estados Americanos |
| OSPB | Organização Social e Política do Brasil |
| SPSS | Statistical Package for the Social Sciences |
| UFES | Unniversidade Federal do Espírito Santo |
| UFSC | Universidade Federal de Santa Catarina |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| CAPÍTULO I - ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA | 24 |
| Aspectos teóricos..... | 25 |
| Aspectos metodológicos..... | 34 |
| CAPÍTULO II – OS CAMINHOS DO ENSINO DE HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA NO BRASIL | 38 |
| Identidade latino-americana e consciência histórica | 47 |
| CAPÍTULO III - O COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC E O ENSINO DE HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA | 55 |
| CAPÍTULO IV - ESTUDOS LATINO-AMERICANOS E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DOS JOVENS | 70 |
| Os sujeitos da pesquisa: perfil dos alunos da 7ª série do Colégio de Aplicação da UFSC em 2009..... | 71 |
| O que os jovens sabem sobre América Latina: elementos prévios para a construção do saber histórico escolar..... | 74 |
| Narrativas e consciência histórica latino-americana..... | 79 |
| REFLEXÕES FINAIS | 98 |
| Considerações..... | 102 |
| REFERÊNCIAS | 103 |
| ANEXOS | 111 |

A minha mãe.

INTRODUÇÃO

Vivemos um momento de conformação e consolidação de blocos regionais na América Latina e o sentimento de pertencer a um lugar, a um grupo no qual desempenhamos um papel social, ao qual estamos emocionalmente e afetivamente ligados, e com o qual nos identificamos, o que é muito importante para o ser humano e sua formação como sujeito histórico (ZAMBONI, 2008). Nesse contexto, a escola, e em especial o ensino de História, desempenham um papel fundamental como espaço privilegiado na difusão e consolidação de ideias, imagens e saberes associados à educação política, que podem contribuir para a formação de identidades, em particular uma identidade latino-americana.

Sabe-se que a instituição escolar estruturou, tradicionalmente, o ensino de História a partir da matriz nacionalista do século XIX, cujo objetivo era formar “brasileiros”, “argentinos” ou “chilenos” para a nova sociedade nacional que estava forjando os estados modernos, como afirma Mario Carretero (2007):

Esse projeto “moderno” e “positivista” tentava solapar as diferenças étnicas, sociais e culturais de sociedades complexas sob o grande controlador da “nação”. Hoje os estados nacionais tendem a moderar seu centralismo como fontes de sentido cultural; os fluxos de informação põem em permanente conexão os cidadãos como gente de todo o mundo; os intercâmbios culturais de pessoas, de bens, e serviços aceleram-se vertiginosamente; a informação já não pertence a órgãos centralizados, mas pode ser encontrada rapidamente pelas diversas formas de multimídia; em resumo, vivemos em sociedades que tendem cada vez mais à interdependência – em muitos casos, assimétrica e conflitiva. Esses componentes de nossa realidade demandam uma transformação significativa das instituições estatais, entre elas a escola, as quais nem sempre

são flexíveis às mudanças e costumam reagir com certa lentidão (CARRETERO, 2007. p. 09).

Apesar de todas as mudanças que a disciplina sofreu ao longo dos anos, o ensino de História reflete as disputas sociais a respeito das memórias possíveis sobre si mesmas, projetando futuros coletivos numa relação direta com o que se chama de “consciência histórica”¹, uma operação intelectual humana que envolve a mobilização de conhecimentos históricos para a tomada de decisões e orientação de ações futuras.

O saber histórico estrutura e é estruturado pela consciência histórica: a consciência que temos de nós mesmos e dos outros, numa relação constante entre o eu (presente), os que nos antecederam (passado) e os que virão (futuro). Nesse processo, o sujeito se apropria do mundo e se relaciona com outros, não de uma forma mecânica, mas pela sua subjetividade e sensibilidade (ZAMBONI, 2008).

De acordo com Jörn Rüsen, em uma narrativa que toma os acontecimentos do passado com o objetivo de dar identidade aos sujeitos a partir de suas experiências individuais e coletivas, o ensino de História torna inteligível o presente, conferindo uma expectativa futura à atividade humana atual. Portanto, a consciência histórica tem uma “função prática” de dar identidade aos sujeitos e fornecer à realidade em que eles vivem uma dimensão temporal, uma orientação que pode guiar a ação (*apud* SCHMIDT e GARCIA, 2005, p. 301). Nessa perspectiva acredita-se que produzir uma identidade coletiva latino-americana, e dentro dela uma consciência histórica específica e com ela sintonizada, é um aspecto essencial ao ensino de História no Brasil.

Cabe, então, perguntar qual a influência da escola na construção de saberes históricos sobre a América Latina e quais são, afinal, as relações que a história ensinada – relativa à América Latina – estabelece com a formação da consciência histórica dos jovens²?

¹ A referência para o conceito de “consciência histórica” é tomada a partir das considerações de Jörn Rüsen (2001). Segundo o autor, a consciência histórica funciona como um modo específico de orientação temporal em situações reais da vida presente, tendo como função ajudar-nos a compreender a realidade passada para agir no presente.

² A noção de “juventude” é tomada aqui a partir das colocações de Janice de Sousa e Olga Durand em “*Experiências educativas da juventude: entre a escola e os grupos culturais*”

Em 2008, um projeto catarinense intitulado “*A Escola e os jovens no mundo contemporâneo: processos de formação histórica latino-americana*”, coordenado pela Professora Dra. Maria de Fátima Sabino Dias³ deu início a essa investigação com o intuito de observar a quais processos formativos os jovens e as crianças estão submetidas na atualidade; quais os saberes históricos são privilegiados nessa formação e quais recursos são mobilizados no processo de formação de uma consciência histórica no contexto latino-americano, isto é:

Sendo a História uma das disciplinas fundamentais para a construção de idéias(sic), valores, imagens a respeito do ser humano e da sociedade, cabe-nos perguntar que concepções de Homem e de sociedade, particularmente de sociedade sul-americana constituem a cultura escolar, e de que forma os saberes históricos produzidos e disseminados na escola tem contribuído para a construção de uma sociedade democrática (DIAS, 2008. p. 03).

Inserida nesse projeto e amparada por uma equipe de pesquisadores⁴ analisei os conteúdos das narrativas históricas

(2004). Segundo as autoras, além de transição de uma condição etária para outra, a juventude pode ser caracterizada como elo de um tempo a outro – entre passado, presente e futuro –, sugerido através de seus papéis sociais, cujo sentido cabe desenhar e dos quais depende a própria sociedade. Esse elo o jovem estabelece tanto com ele mesmo, traçando sua biografia, como também com a própria sociedade.

³ A proposta integra um projeto nacional intitulado “*PEABIRÚ: Ensino de História e Cultura Contemporânea*”, sob a coordenação da Professora Dra. Ernesta Zamboni (UNICAMP). Trata-se de um projeto interinstitucional, envolvendo pesquisadores de sete universidades brasileiras e uma argentina – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO).

⁴ A equipe envolvida no projeto catarinense “*A Escola e os jovens no mundo contemporâneo: processos de formação histórica latino-americana*” é composta por: Dra. Maria de Fátima Sabino Dias (coordenadora), Dra. Maria José Reis, Dra. Vera Lúcia Sanbongi Di Rossi, Dra. Jane Bittencourt, Dra. Raquel Alvarenga Sena Verena, Dra. Marise da Silveira, Ms. Dilce Schueroff e os mestrands Juliana Pirola da Conceição, Ronald França e Marilei da Silva.

produzidas pelos alunos da 7ª série na disciplina de “Estudos Latino-americanos” (ELA), que compõe a grade curricular obrigatória do Colégio de Aplicação (CA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O objetivo principal era conhecer quais relações a história ensinada – relativa à América Latina – estabelece com a formação da consciência histórica de jovens brasileiros e entender de que forma os saberes desses jovens são reelaborados ao longo da trajetória escolar. Em particular, desejou-se compreender qual a contribuição dos conteúdos latino-americanos na grade curricular de ensino para a formação histórica desses sujeitos, tendo em vista que esses saberes são fundamentais na formação identitária dos jovens no mundo atual.

A ideia surgiu da necessidade de aliar a preocupação com o ensino de História e a temática latino-americana, campo que me desperta o interesse desde a graduação em História, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Na época, como monitora do Laboratório de Ensino de História (LAHIS) e sob a orientação da Profa. Dra. Juçara Luzia Leite, tive a oportunidade de desenvolver pesquisas sobre essa temática em livros didáticos de História, eixo que norteou as atividades do LAHIS em 2006. O objetivo era investigar as imagens do Brasil em livros didáticos de História latino-americanos e observar se elas favoreciam a formação de um imaginário social coletivo, no qual o Brasil fosse entendido como parte cultural da América Latina.

A pesquisa, intitulada “*Brasil, qual é o seu lugar? Representações imagéticas de Brasil em livros didáticos latino-americanos*”, teve como objeto dois livros didáticos de História de países latino-americanos do final do século XX e início do XXI: um da Argentina, que faz fronteira com o sul do Brasil e integra o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), e um da Colômbia, país que faz fronteira com o norte do Brasil e firmou acordos de cooperação na área cultural com o país em 2006. Os resultados foram apresentados em 2007 junto ao Departamento de História da UFES sob a forma de Monografia, com a orientação do Prof. Dr. Fábio Muruci, no VIII Congresso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana, em Buenos Aires, e no Simpósio Internacional Livro didático: Educação e História, em São Paulo.

Em suma, com essa pesquisa foi possível constatar que, apesar dos avanços nas discussões oficiais sobre a necessidade de se fomentar a formação de uma identidade nacional e latino-americana via ensino de

História, os livros didáticos de História analisados continuavam veiculando representações de si mesmos e dos outros países da América Latina que não favoreciam a formação dessa identidade. Nos livros analisados pôde-se observar que o Brasil era representado como o *exótico*, o *pitoresco*, o *outro* latino-americano, em detrimento de uma visão integrada da história do continente, em que prevalecessem as semelhanças do nosso processo histórico, o que termina por reafirmar antigos preconceitos e torna ainda mais difícil se pensar numa integração do Brasil no que se entende por América Latina.

Com intenção de dar continuidade às investigações nessa temática ingressei no Programa de Pós Graduação em Educação da UFSC com um projeto intitulado “*O Brasil no Mercosul: A imagem do Brasil em livros didáticos de História*”, que seria orientado pela Profa. Dra. Maria de Fátima Sabino Dias. No entanto, após entrar em contato com as discussões realizadas no Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Ensino de História (NIPEH) junto ao Projeto Peabirú e de realizar o estágio de docência na disciplina de Prática de Ensino para acadêmicos de História o projeto ganhou novos contornos e seguiu outra direção.

O contato com a escola durante a realização do estágio, especificamente na disciplina de Estudos Latino-Americanos do CA da UFSC, apresentou uma infinidade de possibilidades, de questionamentos e de inquietações. Foi ali, integrada ao cotidiano da escola, que a problemática desta pesquisa se revelou: a relação entre a história da América Latina ensinada e a formação de uma consciência histórica latino-americana. Ou seja, de que forma os jovens relacionam passado, presente e futuro da América Latina e como essa relação orienta as ações desses indivíduos na tomada de decisões face aos problemas da sociedade no presente.

A disciplina de ELA foi implementada no currículo do CA em 2003, substituindo à disciplina de OSPB. Inicialmente ela integrava a grade curricular da 7ª série do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio, contando com uma carga horária anual de 75 aulas em cada uma dessas séries. Em 2008, ela foi substituída por Sociologia nos 3º anos e passou a integrar a grade do 1º ano do Ensino Médio, permanecendo na 7ª série. No ano de 2009, ela foi ministrada para as 7ª séries pela Profa. Dra. Marise da Silveira.

Como o currículo oficial de História do CA não inclui conteúdos específicos sobre a América Latina, é apenas na 7ª série que os alunos

entram em contato com temática latino-americana. Por isso, investigar a produção do conhecimento histórico nessa etapa permitiu identificar os conhecimentos prévios sobre a América Latina trazidos pelos jovens para a escola e compreender como eles podem ser reelaborados ao longo da trajetória escolar.

Nessa perspectiva, este trabalho se insere no campo da história das disciplinas escolares, por relacionar a inclusão, a organização e a contribuição do ensino dispensado na disciplina de ELA com a produção de uma consciência histórica latino-americana, o que implica não só a análise do currículo e das práticas docentes em sala de aula, mas também as grandes finalidades que presidiram sua constituição.

De acordo com Maria de Fátima Sabino Dias (2005), o campo da história das disciplinas escolares se constitui, atualmente, como um marco importante para a história da educação, mais especificamente para a história do ensino, não apenas pela possibilidade de reflexão sobre as práticas desenvolvidas na sala de aula, como também pela possibilidade de analisar tanto as finalidades que presidem a sua organização quanto às mudanças que ocorrem no interior das disciplinas, como no caso do ensino de História da América Latina.

Circe Maria Fernandes Bittencourt (1999) comenta que a história dos currículos e das disciplinas escolares tem sido objeto de pesquisa nas últimas décadas e o interesse historiográfico sobre esta temática articula-se as indagações sobre as redefinições de políticas educacionais e problemáticas epistemológicas oriundas da denominada “crise paradigmática” dos anos de 1970. Segundo a autora, as décadas setenta e oitenta foram marcadas por políticas educacionais que, entre outras ações, cuidaram das reformulações curriculares em muitos países do mundo ocidental. Nesse processo de reformulações, o ensino de história da América Latina passou a ser considerado relevante no processo educacional brasileiro em consonância com acordos políticos e econômicos firmados no âmbito sul-americano.

André Chervel, principal referência no estudo das disciplinas escolares, afirma que os saberes escolares não representam vulgarização dos saberes científicos.

[...] são concebidos como entidades *sui generis*, próprios da classe escolar, independentes, numa certa medida, de toda realidade cultural exterior à

escola, e desfrutando de uma organização, de uma economia interna e de uma eficácia que elas não parecem dever a nada além delas mesmas, quer dizer à sua própria história (CHERVEL, 1990, p.180).

Os apontamentos de Chervel ajudam a compreender que as disciplinas escolares são criações espontâneas e originais do sistema escolar, ou seja, a escola não vulgariza as ciências ou faz delas uma adaptação para os alunos. Para Chervel (1990), a escola é o lugar de criação das disciplinas. Desse modo, as disciplinas escolares se constituem, ao mesmo tempo, como produto histórico do trabalho escolar e como instrumento de trabalho pedagógico no interior da cultura escolar.

A cultura perpassa todas as ações do cotidiano escolar e determina as relações entre conhecimentos, sujeitos, procedimentos, tempos e espaços na instituição. Tomando como referência os apontamentos de Dominique Julia (2001, p. 10), a categoria “cultura escolar” pode ser definida como o conjunto de normas que definem os conhecimentos a ensinar e as condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos.

Entendida dessa forma, essa categoria evidencia que a escola não é somente um lugar de transmissão de conhecimentos, mas é, ao mesmo tempo e talvez principalmente, um lugar de “inculcação de comportamentos e de habitus” (JULIA, 2001, p. 14).

Nessa perspectiva, a instituição escolar é capaz de produzir saberes específicos cujos efeitos podem se estender para fora dela. Assim, talvez seja possível dizer que a disciplina de ELA pode desempenhar um papel eminentemente ativo e criativo não só no âmbito do CA, mas também do seu entorno, oferecendo subsídios que estimulem a formação de uma consciência histórica crítica e articulada com uma identidade latino-americana.

A dissertação está organizada em quatro capítulos, além da introdução, das reflexões finais, das referências e dos anexos. No **“Capítulo I - Aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa”** são delineados os principais referenciais e metodologias utilizadas ao longo da pesquisa, a saber: o conceito de consciência histórica de Jörn Rüsen

(1992, 2001), a pesquisa bibliográfica sobre a temática abordada, a pesquisa documental e a observação participante no CA da UFSC, a elaboração de instrumentos para a coleta de dados e a pesquisa qualitativa com jovens através de um *survey* e de narrativas históricas.

No **“Capítulo II – os caminhos do ensino de história da América Latina no Brasil”** são recuperadas as trajetórias do ensino de História da América no Brasil por meio dos trabalhos de Maria de Fátima Sabino Dias (1997) e Circe Maria Fernandes Bittencourt (2005), além de outros pesquisadores brasileiros que se dedicam ao estudo dessa temática. Em seguida, relaciona-se a questão da identidade latino-americana com a formação da consciência histórica, destacando as principais pesquisas nessa área e justificando a pertinência deste estudo pelo seu caráter inovador.

No **“Capítulo III – O Colégio de Aplicação da UFSC e o ensino de história da América Latina”** são apresentados o campo onde a pesquisa foi realizada – O CA da UFSC –, evidenciando sua história, estrutura, organização e proposta pedagógica; e a disciplina de ELA, destacando o seu processo de inclusão, objetivos e planos de ensino.

No **“Capítulo IV – Estudos Latino-Americanos e a formação da consciência histórica dos jovens”** são apresentados os resultados da pesquisa qualitativa com os sujeitos da pesquisa: os alunos da 7ª série do CA que cursaram a disciplina de ELA em 2009. Primeiro traça-se um perfil sócio-econômico-cultural desses jovens, seu consumo de mídias e a interferência da disciplina de ELA no aprendizado da história da América Latina; em seguida comenta-se sobre o que eles já sabiam sobre a temática antes de frequentar a disciplina e, por fim, analisa-se as narrativas históricas produzidas por esses jovens sobre a inter-relação passado-presente-futuro da América Latina.

Nas **“Reflexões finais”** são comentados os principais resultados da pesquisa e evidenciadas as contribuições da disciplina de ELA para a formação de uma consciência histórica latino-americana. Ao final, são consideradas as limitações deste estudo e a necessidade de estudos complementares que confrontem os saberes históricos escolares com o consumo dos artefatos culturais da cultura contemporânea dos jovens, como filmes, programas televisivos, leituras, músicas, revistas, internet e outros.

Nas **“Referências”** constam os trabalhos citados ao longo deste trabalho e nos **“Anexos”** constam: o programa da disciplina de ELA

para a 7ª série do Ensino Fundamental; as atividades adaptadas pelos estagiários de História para a análise dos conhecimentos prévios dos jovens sobre a América Latina; o questionário utilizado para traçar o perfil sócio-econômico-cultural dos sujeitos da pesquisa, o seu consumo de mídias e a interferência da disciplina de ELA no aprendizado da história da América Latina; a tarefa escrita utilizada para a produção de narrativas históricas; as tabelas com a frequência dos dados obtidos com o *survey* e as narrativas escritas produzidas pelos jovens que participaram da pesquisa.

CAPÍTULO I

ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

“Trata-se de discutir se e como o pensamento histórico-científico se refere às necessidades de orientação da práxis vital humana”.
Jörn Rüsen, 2001

Aspectos teóricos

No intuito de entender de que forma os jovens relacionam passado, presente e futuro da América Latina e como essa relação orienta as ações desses indivíduos no presente, este trabalho fundamenta-se, essencialmente, nos dispositivos teóricos elaborados por Jörn Rüsen sobre a categoria “consciência histórica”. A intenção foi utilizar os dispositivos teóricos elaborados pelo autor como instrumento para a leitura e interpretação dos dados obtidos com a pesquisa empírica.

Jörn Rüsen é o principal expoente da atualidade no estudo dessa categoria. Os seus textos e investigações abrangem, sobretudo, os campos da teoria e metodologia da História, da historiografia, e da metodologia do ensino de História.

Segundo Pedro Spinola Pereira Caldas (2008), Rüsen estudou História, Filosofia, Literatura e Pedagogia na Universidade de Colônia na Alemanha, onde se doutorou em 1966 com um trabalho sobre a teoria da história do intelectual oitocentista Johann Gustav Droysen. De 1974 a 1989, foi professor na Universidade de Bochum. Em 1989, transferiu-se para a Universidade de Bielefeld, a qual também estiveram ligados historiadores como Jürgen Kocka, Reinhart Koselleck e Hans-Ulrich Wehler. Em Bielefeld, Rüsen foi o diretor do Centro de Pesquisas Interdisciplinares e em 1997 Rüsen transferiu-se para a Universidade de Witten, à qual se encontra vinculado até o presente.

Entre as suas obras mais conhecidas pelo mundo está a trilogia “Teoria da História: Princípios da pesquisa histórica”, com o primeiro volume intitulado “Razão histórica: os fundamentos da ciência histórica”, publicado em 1983 na Alemanha e em 2001 no Brasil, o segundo volume “Reconstrução do Passado – Teoria da História II: Os Princípios da Pesquisa Histórica”, publicado em 1986 na Alemanha e em 2007 no Brasil, e o terceiro volume “História viva – Teoria da História III: Formas e funções do conhecimento histórico”, publicado em 1989 na Alemanha e em 2007 no Brasil, todos com tradução do professor Estevão de Rezende Martins, da Universidade de Brasília.

Outros textos do autor também podem ser encontrados em português ou espanhol, facilitando o acesso dos pesquisadores interessados no trabalho com essa categoria, como “Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão”, traduzido por

Marcos Roberto Kusnick em 2006, “Perda de sentido e construção de sentido no pensamento histórico na virada do milênio”, traduzido por René E. Gertz em 2001, “El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico: una hipótesis ontogenética relativa a la consciencia moral”, traduzido por Silvia Finocchio em 1992, “Narratividade e objetividade nas ciências históricas”, traduzido em 1996, “Conscientização histórica frente à pós-modernidade: a História na era da 'nova intransparência'”, traduzido em 1989, e “Explicação narrativa e o problema dos construtos teóricos de narração”, traduzido em 1987. Esses textos não são fáceis de serem encontrados, restando ao pesquisador interessado procurar arduamente pelas pessoas que os tenham e tirar cópias ou ler os trabalhos produzidos por outros pesquisadores sobre esses textos.

Para as finalidades deste trabalho, fez-se o uso sistemático apenas do volume I da trilogia sobre teoria da História, no qual Rüsen expõe os processos intelectuais básicos que formam a consciência histórica humana; do artigo traduzido por Silvia Finocchio sobre o desenvolvimento da competência narrativa e do artigo traduzido por Marcos Roberto Kusnick sobre a relação passado-presente-futuro a partir do caso alemão. Além disso, a leitura de trabalhos fundamentados na teoria de Jörn Rüsen também foi essencial para o entendimento dos dispositivos teóricos elaborados pelo autor, como o artigo “Os conceitos de consciência histórica e desafios da didática da História” (2001), de Luis Fernando Cerri; “A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História” (2005), de Maria Auxiliadora Schmidt; “Literacia e consciência histórica” (2006), de Isabel Barca; “Concepções de passado como expressão da consciência histórica” (2007), de Marília Gago, e “Na esteira da razão histórica: olhares e diálogos com a obra de Jörn Rüsen” (2007), de Marizete Lucini, Sandra Regina Ferreira Oliveira e Sonia Regina Miranda.

Jörn Rüsen acredita que o eixo para refletir sobre o pensamento histórico é a racionalidade, pois o agir humano é sempre intencional e todo pensamento histórico se exprime sob a forma de uma argumentação. Contudo, isso não significa reprimir as subjetividades, mas aprender a ordená-las e a inseri-las de forma compatível com a cientificidade do conhecimento histórico.

Para Rüsen (2001, p. 57), a consciência histórica pode ser definida como a soma das operações mentais com as quais os homens

interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de tal forma que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo.

Rüsen (2001, p. 78) acredita que a consciência histórica não é algo que os homens podem ter ou não. Ela é algo universalmente humano:

A consciência histórica enraíza-se, pois, na historicidade intrínseca à própria vida humana prática. Essa historicidade consiste no fato de que os homens, no diálogo com a natureza, com os demais homens e consigo mesmos, acerca do que sejam eles próprios e seu mundo, têm metas que vão além do que é o caso (RÜSEN, 2001, p. 78).

Segundo o autor, o pilar do pensamento histórico é a incontornável carência de orientação da práxis humana, que pode ser interpretada como necessidade de uma reflexão específica sobre o passado, que o reveste do caráter de “história”. Para Rüsen, esse é o fundamento da ciência histórica:

Trata-se do interesse que os homens têm – de modo a poder viver – de orientar-se no fluxo do tempo, de assenhorar-se do passado, pelo conhecimento, no presente. [...] o pensamento histórico é fundamental para os homens se haverem com suas próprias vidas, na medida em que a compreensão do presente e a projeção do futuro somente seriam possíveis com a recuperação do passado (RÜSEN, 2001, p. 30).

Dessa forma, a consciência histórica funciona como um modo específico de orientação temporal em situações reais da vida presente, pois une o passado e o presente de tal forma que confere uma perspectiva futura à realidade atual. Para Rüsen (1992, p. 30), isso implica que a referência para o tempo futuro está contida na interpretação histórica do presente, já que é essa interpretação que deve guiar a ação. Essa interpretação, por sua vez, deve ser entendida como a habilidade de perceber diferenças de tempo entre passado, presente e

futuro através do entendimento de um todo temporal significativo, ou seja, a capacidade de utilizar a interpretação para analisar uma situação presente e determinar um curso de ação.

Segundo o autor, a noção de tempo assume duas formas distintas, porém mescladas: experiência (tempo natural) e intenção (tempo humano). A primeira é experimentada e interpretada, já a segunda é projetada:

A consciência histórica é o trabalho intelectual realizado pelo homem para tornar suas intenções de agir conformes com a experiência do tempo. Esse trabalho é efetuado na forma das interpretações das experiências do tempo. Estas são interpretadas em função do que se tenciona para além das condições e circunstâncias dadas da vida. [...] Trata-se de um processo da consciência em que as experiências do tempo são interpretadas com relação às intenções de agir e, enquanto interpretadas, inserem-se na determinação do sentido do mundo e na auto-interpretação do homem, parâmetros de sua orientação no agir e no sofrer (RÜSEN, 2001, p. 59).

Rüsen (2001, p. 49) afirma que é no ensino de História que a formação histórica assume uma função didática de orientação, transpondo a pretensão de racionalidade para o enraizamento da História como ciência na vida prática, em que o aprendizado histórico depende sempre da razão. Dessa forma, a dimensão didática da História é inerente a sua pretensão de racionalidade.

De acordo com Rüsen (1992, p. 30), as etapas do desenvolvimento da consciência histórica podem ser distinguidas a partir de características básicas dentro de uma tipologia geral do pensamento histórico. Para o autor, existem quatro formas básicas de argumentação histórica capazes de orientar a vida prática no tempo, são elas: a afirmação, a continuação, a negação e a transformação. Essas formas de argumentação, por sua vez, traduzem quatro tipos básicos de consciência histórica:

- a) O tipo tradicional: pressupõe a continuidade dos modelos de vida e dos modelos culturais prescritos. Esse tipo de orientação guia a vida humana por meio da afirmação das obrigações.
- b) O tipo exemplar: a memória é estruturada por meio de exemplos e pressupõe que a experiência do passado representa e personifica regras gerais de mudança temporal e conduta humana. Nessa perspectiva a história é entendida como uma lição para o presente.
- c) O tipo crítico: a história serve como ferramenta para romper a continuidade e construir uma identidade a partir da negação. As narrações críticas confrontam os valores morais com a evidência histórica de suas origens e consequências imorais.
- d) O tipo genético: aceita que a história faz parte do passado, mas concede a ela um novo futuro. Nessa perspectiva, diferentes pontos de vista são aceitos porque integram o entendimento de mudança temporal.

Segundo Rüsen (1992, p. 34), a sequência acima implica um grau crescente de complexidade. Nesse sentido, existe uma relação significativa entre as formas narrativas, a idade dos sujeitos e o nível de educação e de conhecimentos alcançados.

La experiencia de enseñar historia en escuelas indica que las formas tradicionales de pensamiento son más fáciles de aprender, la forma exemplar domina la mayor parte de los currícula de historia, las competencias críticas y genéticas requieren un gran esfuerzo por parte del docente y del alumno (RÜSEN, 1992, p. 34).

De acordo com Rüsen (1992, p. 29), seis elementos ajudam a desvendar as formas de argumentação:

- 1) O conteúdo
- 2) As formas de significado histórico
- 3) O modo de orientação externo ao sujeito
- 4) O modo de orientação interno ao sujeito
- 5) A relação com os valores morais

6) A relação com o raciocínio moral.

Rüsen (1992, 2001) afirma que a forma lingüística na qual esses tipos de argumentação podem aparecer é a narrativa histórica. A narratividade teria surgido como tema no âmbito da teoria da História, concebida como um modo de explicação próprio à explicação histórica, distinto de outros tipos de explicação.

Desde esta visión, las operaciones por las cuales la mente humana realiza la síntesis histórica de las dimensiones del tiempo simultáneamente encuentran en la narración: el relato de una historia. [...] Esa competencia puede definirse como la habilidad de la consciencia humana para llevar a cabo procedimientos que dan sentido al pasado, haciendo efectiva una orientación temporal en la vida práctica presente por medio del recuerdo de la realidad pasada (RÜSEN, 1992. p. 29)

Rüsen (2001, p. 62) aponta que a narrativa histórica constitui especificamente a consciência histórica na medida em que recorre a lembranças para interpretar as experiências do tempo, o que a difere da narrativa ficcional. Segundo o autor, o impulso é sempre dado pelas experiências do tempo presente.

A consciência histórica baseia-se na circunstância de que as experiências do tempo presente só podem ser interpretadas como experiências, e o futuro apropriado como perspectiva de ação, se as experiências do tempo forem relacionadas com as do passado, o que se processa na lembrança interpretativa que as faz presentes. Somente dessa forma obtém uma visão de conjunto das experiências do tempo presente e somente então os interessados podem orientar-se por elas. [...]

Só se pode falar de consciência histórica quando, para interpretar experiências atuais do tempo, é necessário mobilizar a lembrança de determinada

maneira: ela é transposta para o processo de tornar presente o passado mediante o movimento da narrativa (RÜSEN, 2001. p. 63).

Nesse sentido, a narrativa constitui a consciência histórica ao representar as mudanças temporais do passado, rememoradas no presente, como processos contínuos nos quais a experiência do tempo presente pode ser inserida interpretativamente e explorada em uma perspectiva de futuro. Segundo o autor, essa íntima interdependência entre passado, presente e futuro deve ser concebida como uma representação da continuidade, que serve à orientação na vida prática.

A narrativa histórica constitui a consciência histórica como relação entre interpretação do passado, entendimento do presente e expectativa do futuro mediada por uma representação abrangente de continuidade. Essa mediação deve ser pensada como especificamente histórica por operar a inclusão da interpretação do presente e do futuro na memória do passado (RÜSEN, 2001. p. 65).

Porém, a consciência histórica não se caracteriza apenas pela lembrança, mas também pelo esquecimento. Segundo Rüsen (2001, p. 84), somente o jogo do lembrar e esquecer fornece as referências temporais que o passado tem de assumir, a fim de poder produzir uma representação de continuidade.

De acordo com o autor, a narrativa histórica pode ser analisada nas perspectivas da forma, do conteúdo e da função. Nesta pesquisa, privilegiou-se a análise do conteúdo a partir constituição de sentido que, segundo Rüsen (2001, p. 155), opera-se em quatro planos:

- a) O da **percepção** e diferença no tempo;
- b) O da **interpretação** do percebido mediante a articulação narrativa;
- c) O da **orientação** da vida prática atual mediante os modelos de interpretação das mudanças temporais plenos da experiência do passado;
- d) O da **motivação** do agir que resulta dessa orientação.

Rüsen (2001, p. 156) afirma que o “sentido” articula esses quatro planos numa relação do indivíduo consigo mesmo e com o mundo para orientar e motivar o agir e conferir-lhe uma identidade histórica. Para tanto, são necessárias três condições: formalmente, a estrutura de uma história; materialmente, a experiência do passado; e funcionalmente, a orientação da vida humana prática mediante representações do passar do tempo.

De acordo com Rüsen (2001, p. 163), é possível identificar três dimensões da constituição do sentido histórico:

- 1) Na inter-relação entre as carências de orientação e as funções de orientação cultural, a constituição histórica de sentido é determinada por uma estratégia política da memória coletiva;
- 2) Na inter-relação entre as diretrizes de interpretação e os métodos de elaboração da experiência, a constituição histórica de sentido é determinada por uma estratégia cognitiva de produção do saber histórico;
- 3) Na inter-relação entre as formas de representação e as funções de orientação, a constituição histórica de sentido é determinada pela estratégia estética da poética e da retórica da representação histórica;

Como a finalidade desta pesquisa é investigar a formação de uma consciência histórica latino-americana, o entendimento do “sentido” dado ao ensino da história da América Latina é fundamental, sobretudo para a compreensão dos processos de formação da identidade latino-americana.

Rüsen (1992, p. 29) relaciona a constituição do sentido histórico com a formação da identidade do sujeito, pois ao dar conta de uma totalidade temporal este passa a fazer parte de um todo maior do que a sua própria vida:

Mediante a narrativa histórica são formuladas representações da continuidade da evolução temporal dos homens e de seu mundo, instituidoras de identidade, por meio da memória, e inseridas, como determinação de sentido, no quadro de orientação da vida prática humana (RÜSEN, 2001, p. 67).

Para Rüsén (2001) a categoria “identidade” deve ser definida pela relação do indivíduo com os outros:

A identidade é, contudo, uma relação dos homens e dos grupos humanos consigo mesmos, a qual se põe, por sua vez, em relação com os demais homens e grupos humanos. Identidade é um momento essencial da socialização humana. Justamente por isso está exposta às contínuas dificuldades que os homens encontram consigo e com os demais, quando se socializam. A identidade expressa pela narrativa das histórias não é um conteúdo fixo e definitivo. O que se é depende sempre do que os demais o deixam ser e do que se quer ser, na relação com os outros. Identidade é, por conseguinte, um processo social de interpretação recíproca de sujeitos que interagem sobre si. Nesse processo os sujeitos mesmos debatem-se continuamente entre si, à busca de serem aqueles que querem ser e de não quererem ser aqueles que deveriam ter sido. A constituição da identidade efetiva-se, pois, numa luta contínua por reconhecimento entre indivíduos, grupos, sociedades, culturas, que não podem dizer quem ou o que são, sem ter de dizer, ao mesmo tempo, quem ou o que são os outros com os quais tem a ver (RÜSEN, 2001. p. 87).

A esse respeito, Cerri (2001) aponta que a consciência histórica pressupõe o indivíduo existindo em grupo, tomando-se em referência aos demais, de modo que a percepção e a significação do tempo só pode ser coletiva.

Em comunidade, os homens precisam estabelecer a liga que os define como um grupo, cultivar esse fator de modo a permitir uma coesão suficiente para que os conflitos não desmboquem num enfraquecimento do grupo e coloque a sua sobrevivência em risco. Uma versão, ou um significado construído sobre a existência do grupo no tempo (integrando as dimensões do

passado – de onde viemos –, do presente – o que somos – e do futuro – para onde vamos) é o elemento principal da ligação que se estabelece entre os indivíduos. (CERRI, 2001. p. 101).

Coube então investigar *se* e *como* esses elementos se manifestam no ensino de história da América Latina na disciplina de ELA do CA da UFSC.

Aspectos metodológicos

Esta pesquisa foi constituída em três etapas essenciais: a primeira envolveu uma investigação bibliográfica sobre a temática da pesquisa – o ensino de História da América Latina e a formação da consciência histórica; a segunda envolveu o estudo do campo onde a pesquisa foi realizada – o CA da UFSC e a disciplina de ELA; e a terceira envolveu uma pesquisa qualitativa com os sujeitos da pesquisa – alunos que cursam a 7ª série no CA em 2009, caracterizando um estudo de caso. Portanto, a seleção da amostra foi intencional e não probabilística.

Maria Cecília de Souza Minayo (1996, p. 20) aponta que a pesquisa qualitativa tem, como universo investigativo, os significados, os motivos, as aspirações, as crenças, os valores e as ações dos indivíduos, expressos mediante relações que conformam uma dada sociedade. Desse modo, tendo definido como eixo desta investigação a formação da consciência histórica latino-americana, entende-se que os recursos metodológicos devem ser, fundamentalmente, qualitativos, o que não significa desconsiderar a contribuição dos estudos quantitativos que possibilitem uma visão geral do fenômeno em estudo.

Para a realização da primeira etapa da pesquisa, foi feita uma ampla pesquisa bibliográfica sobre a temática do ensino de História da América Latina no Brasil e sobre as relações entre o ensino de História e a formação da consciência histórica nos arquivos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), nos anais de congressos e boletins da ANPHLAC (Associação Nacional de Pesquisadores em História da América Latina e Caribe) e do ENPEH (Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História); e nas publicações de pesquisadores ligados aos GTs (Grupos de Trabalho)

Ensino de História da América, da ANPHLAC, GT Ensino de História e Educação da ANPUH (Associação Nacional de História) e ao NIPEH/UFSC. Os resultados dessa pesquisa são apresentados no capítulo I deste trabalho.

Na segunda etapa, foi realizado um estudo aprofundado sobre o CA da UFSC – investigando aspectos da cultura escolar e da cultura da escola, como espaço físico, estrutura administrativa, normas e regulamentos, recursos humanos etc., caracterizando um trabalho de campo. De acordo com Minayo (1996), o campo corresponde ao recorte espacial que contém, em termos empíricos, a abrangência do recorte teórico que corresponde ao objeto da investigação. Nesse sentido, o trabalho de campo proporcionou a aproximação com a realidade da escola, o desenvolvimento de conversas informais, o estabelecimento de contatos e a apresentação da proposta de trabalho. Os resultados deste trabalho são apresentados no capítulo II.

O trabalho de campo também foi acompanhado de uma pesquisa documental sobre o CA e a disciplina de ELA, envolvendo o currículo e o regimento da escola, os documentos disponíveis sobre a inclusão dessa disciplina na grade curricular obrigatória da escola, as ementas da disciplina e os relatórios de estagiários que lecionaram na disciplina de ELA em 2009.

Cabe destacar a importância da pesquisa documental para o trabalho do historiador da Educação, pois é a partir dos vestígios preservados pelo tempo que a história é construída e reconstruída. O documento é resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu e também das épocas sucessivas durante as quais continuou a existir (LE GOFF, 1984).

Por fim, a terceira etapa desta pesquisa teve início em abril de 2009, com a realização do estágio de docência na disciplina de Prática de Ensino de História, sob a orientação da Profa. Dra. Maria de Fátima Sabino Dias, caracterizando uma “observação participante”. Como parte das minhas atividades consistia em ajudar no planejamento e acompanhar a regência de futuros professores de História, tive o privilégio de observar como os diversos sujeitos envolvidos no processo – professores, estagiários e alunos – se relacionavam com os saberes relativos à América Latina. Os resultados dessa observação, nada desinteressada, estão no capítulo III deste trabalho, juntamente com a análise de algumas atividades realizadas pelos professores-estagiários

para identificar os conhecimentos prévios dos jovens sobre a América Latina, apresentando um estudo preliminar sobre a construção de saberes históricos latino-americanos entre os jovens selecionados para a pesquisa. Essas análises também foram apresentadas em forma de artigo no VII Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História, realizado em novembro de 2009, em Uberlândia, Minas Gerais.

Em seguida, foi aplicado um questionário do tipo *survey* (ver anexo D) com o objetivo de caracterizar a amostra selecionada, identificando o perfil sócio-econômico-cultural dos sujeitos da pesquisa, o consumo de midiático desses jovens e a interferência da disciplina de ELA no aprendizado da história da América Latina. O questionário era de autopreenchimento e não-identificado, composto por 42 questões de múltipla escolha semiabertas. Ele foi validado por quatro dos professores doutores que compõem o projeto “*A Escola e os jovens no mundo contemporâneo: processos de formação histórica latino-americana*”, coordenado pela Profa Dra. Maria de Fátima Sabino Dias, e testado com 05 jovens da mesma faixa etária da amostra selecionada. Os dados obtidos através do *survey* foram tabulados e analisados com o auxílio do *software* SPSS 17.0 (Statistical Package for the Social Sciences) e as tabelas com a frequência das respostas estão no anexo F.

Os *surveys* são utilizados para produzir enunciados descritivos sobre alguma população e pontuar a distribuição de certos traços e atributos, que se apresentam como resultado de um estudo exploratório acerca de algum tema. A metodologia *survey* tem importante papel nas pesquisas de opinião e levantamentos estatísticos que visam identificar determinadas situações e que, em muitos casos, atende como base de informações a outros tipos de pesquisa. Segundo Earl Babbie (1999), a pesquisa de *survey* se refere a um tipo particular de pesquisa social empírica. Nesse sentido, o *survey* é utilizado quando se trata de um problema ao qual se pretende descrever a situação atual.

Logo após, foi proposta a realização de uma tarefa individual e por escrito que estimulasse a imaginação histórica dos jovens envolvidos na pesquisa para a produção de narrativas que interrelacionem o passado, o presente e o futuro da América Latina (ver anexo E). O conteúdo das narrativas produzidas, concebidas como manifestações da consciência histórica, foi analisado a partir da adesão à proposta da atividade (relacionar passado, presente e futuro da América Latina); das questões de significância, ou seja, os elementos mais

frequentes nas narrativas; das perspectivas de futuro e dos quatro eixos constituintes de sentido narrativo, elaborados por Jörn Rüsen (2001, p. 155), a saber: a percepção, a interpretação, a orientação e a motivação que, juntos, articulam a orientação para a vida prática nas tomadas de decisão face aos problemas da sociedade no presente. As tabelas, com a frequência das respostas, estão no anexo G.

A aplicação dos dois instrumentos (*survey* e tarefa escrita) ocorreu no dia 13/11/2009 para a turma 7^aA e no dia 20/11/2009 para as turmas 7^aB e 7^aC, durante a aula da disciplina de ELA, em situação previamente negociada com a professora da disciplina. Ao total, 67 jovens participaram da pesquisa, sendo 21 alunos da 7^aA, 21 alunos da 7^aB e 25 alunos da 7^aC. Os resultados da pesquisa são apresentados no capítulo III, juntamente com o perfil dos sujeitos da pesquisa e a análise dos conteúdos das narrativas produzidas.

CAPÍTULO II

OS CAMINHOS DO ENSINO DE HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA NO BRASIL

*Produzir a identidade coletiva, e dentro dela uma consciência
histórica específica e com ela sintonizada
é um dado essencial a qualquer grupo humano
que pretende sua continuidade.*

Luis Fernando Cerri, 2001

Estudos realizados mostraram que o Colégio de Aplicação da UFSC é a única escola do Brasil a ter Estudos Latino-americanos como disciplina autônoma na grade curricular obrigatória do Ensino Fundamental e Médio. Contudo, isso não significa que seu conteúdo seja algo novo nos currículos educacionais do Brasil.

Em um estudo intitulado “A invenção da América na cultura escolar no Brasil”, Maria de Fátima Sabino Dias (1997) analisa a origem e constituição da disciplina de História da América no Brasil, em meados do século XX. Segundo esse estudo, a disciplina de História foi introduzida no Colégio Dom Pedro II, em 1838 e em 1856, proposta pelo Frei Camilo de Monserrate, declarando que o ensino da história nacional não poderia ser completo sem que fosse paralelo ao estudo das outras nações americanas, e que vários problemas existentes no Brasil só seriam resolvidos com os recursos dos dados fornecidos pela história dos outros países do Novo Mundo. Porém, a história da América estava presente apenas os últimos três itens na lista de conteúdos e raramente dava tempo de ser trabalhada até o final de um ano letivo.

Somente no início do século XX as reformas educacionais tentaram introduzir nos currículos os conteúdos de História da América nas escolas brasileiras. Em 1931, a História da América foi incluída no currículo oficial de ensino secundário com a Reforma Francisco de Campos. Mas a reforma vigorou somente até 1942, quando foi substituída pela Reforma Gustavo Capanema, que introduziu História do Brasil como disciplina autônoma e reduziu o pouco espaço consagrado à História da América.

De acordo com Dias (1997), com a afirmação do regime republicano no Brasil, alguns intelectuais brasileiros que discordavam das abordagens históricas, até então hegemônicas, tentaram introduzir os conteúdos de História da América nas escolas brasileiras. Para Manuel Bomfim, diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, essa disciplina deveria ser ministrada no curso de formação de professores primários, devendo, posteriormente, ser estendida para as escolas elementares. Para concretizar tal finalidade, Bomfim propôs um concurso, em que a obra didática premiada foi o “*Compêndio de História de América*”, de José Francisco Rocha Pombo, cuja primeira edição é datada de 1899. Dias (1997) afirma que a sua visão humanitária contrapunha-se às obras didáticas permeadas pela difusão da superioridade racial dos brancos.

Todavia, essa abordagem não predominou nas escolas brasileiras, tendo esse livro didático pouca aceitação.

Dias (1997) também comenta que, em meados do século XX, a aproximação cultural dos Estados Unidos com a América Latina na área educacional fez parte dos princípios do pan-americanismo e estava dentro dos critérios definidos pelo sistema Interamericano, que em meados do século passado representou a capacidade de adequação da América Latina às diretrizes formuladas pelos Estados Unidos e de seu papel de liderança no mundo capitalista. Um exemplo dessa influência foi o Plano de Ação Cultural Interamericano proposto pela Organização dos Estados Americanos (OEA), que ofereceu alguns parâmetros para se pensar as noções de América e de Educação Secundária propostas para o continente americano pelo pan-americanismo.

Segundo o Plano Cultural (apud DIAS, 1997), um dos grandes problemas da América Latina é o isolamento e o desconhecimento entre as nações latino-americanas. Portanto, um método de ação cultural deve combater o “isolacionismo”, propondo um maior conhecimento entre os povos americanos através de uma intercomunicação mais efetiva entre as nações e os conjuntos de cultura. Para isso, o Plano Cultural destaca a importância de implementar, no ensino secundário dos países americanos, estudos de História e de Cultura Interamericana, com o objetivo de “*romper as barreiras internacionais*”.

Nesta perspectiva, em 1951, a portaria nº 724 aprovou um programa de História que contemplava a História da América na segunda série ginásial, propiciando o seu aparecimento como disciplina autônoma. No entanto, no final da década de cinquenta e início da de sessenta, essa disciplina desapareceu novamente dos currículos. Durante esse período, muitos intelectuais brasileiros elaboraram uma crítica à dominação norte-americana, motivados pelo fortalecimento do nacionalismo anti-imperialista, pela revolução cubana e pela teoria da dependência. Muitos desses intelectuais, docentes de diversos níveis de ensino, fizeram de suas salas de aula um “centro de ação”, um “terreno de resistência” contra um currículo de História que enaltescesse os valores norte-americanos e menosprezasse a cultura e o povo latino-americano.

Segundo Dias (1997), durante a ditadura militar no Brasil, o tema da América Latina foi praticamente abolido dos programas de História, que cedeu lugar aos Estudos Sociais. Somente no final da década de

setenta é que foi reintroduzido nos programas oficiais do ensino médio das escolas paulistas os estudos sobre a América, com ênfase na história latino-americana. O programa enfatizava os aspectos econômicos e situava o tema da dependência dos países latino-americanos. De acordo com Circe Maria Fernandes Bittencourt (2005), tratava-se de entender a inserção do Brasil no sistema capitalista e seu alinhamento junto aos países “subdesenvolvidos”.

Mais recentemente, novas perspectivas têm sido introduzidas no ensino da História da América Latina. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de História para as 5ª e 8ª séries do Ensino Fundamental encontram-se várias sugestões de temas de história da América Latina, dentre elas: “*Relações entre a sociedade, a cultura e a natureza na História dos povos americanos na Antiguidade e entre seus descendentes hoje*”; “*Relações de trabalho em diferentes momentos da História dos povos americanos*”, “*Processos de constituição dos Estados Nacionais na América, confrontos, lutas, guerras, revoluções*” (PCN, MEC, 1998. p. 58, 60 e 70).

Sobre esse aspecto, Bittencourt (2005) afirma que existe uma tendência nos manuais didáticos em apresentar “uma história integrada” sem as tradicionais divisões de História Geral, História do Brasil e História da América, em um esforço de constituir um tempo sincrônico que identifique as relações históricas de sociedades situadas em espaços diversos. Contudo, essa perspectiva coloca novos problemas para o ensino de História, notadamente no que se refere na definição de conteúdos que favoreçam a construção de um sentimento de pertencimento do Brasil na América Latina.

Maria Dolores Zundt (2001), em sua dissertação intitulada “*América curricular: saberes históricos no ensino fundamental 1980-2001*”,

—
elaborados a partir da crise da ditadura no Brasil, nos anos de 1980 —, bem como as metodologias que acompanham

assume, d
econômica.

Vitória Rodrigues e Silva (2004), assim como Thamar Kalil de Campos Alves e Selva Guimarães Fonseca (2008), basearam-se nos trabalhos acima citados e também trataram de identificar o lugar do ensino de História da América nos programas oficiais ao longo do século XX. Segundo Silva (2004), enquanto vigorou a ditadura militar no Brasil, os temas da História da América, especialmente da América Latina, estiveram presentes nas salas de aula e nos programas curriculares oficiais – inclusive como forma de resistência política; mas, à medida que o processo de redemocratização se consolidou e os professores adquiriram maior autonomia e liberdade para definir seus programas, esses temas foram pouco a pouco deixando de fazer parte da pauta das aulas, dos livros didáticos e dos vestibulares. Hoje, quando as relações do Brasil com seus vizinhos sul-americanos experimentam uma fase de aproximação, chegando mesmo a formar um bloco regional, praticamente não se estudam tais temas.

Thamar Kalil de Campos Alves e Selva Guimarães Fonseca (2008), por sua vez, afirmam que a historicidade dos programas de ensino e currículos para o ensino de História nos possibilita compreender, no campo da história das disciplinas, como os construtos de determinadas culturas em determinados períodos agem, intervêm, revelam, omitem, negam e, ao mesmo tempo, produzem determinadas identidades, imagens de América “Latina”, “Hispânica”, “Portuguesa”.

Paulo José Koling (2008), ao analisar como o tema das sociedades ameríndias pré-hispânicas e o da conquista espanhola são abordados nos livros didáticos e em obras paradidáticas de História adotados nas escolas públicas da educação básica do Oeste do Paraná constata que ainda predomina uma visão deficitária das sociedades ameríndias e do processo da conquista europeia, introduzindo um juízo de valor europeu para a riqueza, enquanto valor universal.

A invenção da(s) América(s) permanece, enquanto produto europeu, na produção historiográfica que reproduz, desde os cronistas, uma história do Ocidente, inclusive quando trata dos temas das sociedades ameríndias antes de

1492 ou suas ações durante o processo da conquista. Além dos limites que demarcaram a historiografia que versa sobre alguns destes temas – inação dos indígenas, anacronismo, eurocentrismo, determinismo, arcaísmo e inferioridade (KOLING, 2008. p. 03).

Em outra pesquisa que merece destaque, Daniela Vallandro de Carvalho e Elisabeth Weber Medeiros (2006) desenvolvem um projeto envolvendo o curso de História do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) e professores da rede pública estadual e municipal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, para a produção de formas alternativas do ensino de História da América a partir das novas abordagens teórico-metodológicas. Segundo as autoras, as novas abordagens historiográficas constituem em um terreno fértil para que a “história de todos” aconteça. O grande desafio seria, então, provocar discussões e novas experiências didático-pedagógicas para que o ensino da história da América Latina ocupe um maior espaço do currículo do Ensino Básico e se apresente dotado de um novo significado tanto para os que ensinam como para aqueles que aprendem.

Maria de Fátima Sabino Dias também organizou artigos de pesquisadores brasileiros e argentinos sobre essa temática em um livro intitulado “*História da América: ensino poder e identidade*” (2004), condensando a produção de teses e dissertações sobre o assunto de nove pesquisadores do ensino de História da América, em sua maioria filiados a um programa de intercâmbio entre professores e alunos da Universidade Federal de Santa Catarina / Colégio de Aplicação e da Universidad Nacional de Córdoba / Escola Superior de Comércio Manuel Belgrano, no âmbito de um Acordo de Cooperação entre Brasil e Argentina no contexto do Mercosul; e pesquisadores do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa no Ensino de História (NIPEH). Dentre eles, evidenciam-se os de Maria Silvia Cristofoli, de Maria José Reis, de Ivonete da Silva Souza, de Marise da Silveira Veríssimo e da própria Maria de Fátima Sabino Dias.

Maria Silvia Cristofoli (2004a), no artigo “*Trilhando caminhos diferentes: as representações dos professores de História através do intercâmbio cultural Brasil – Argentina*”, analisa a fala de professores participantes do Acordo e se debruça sobre uma questão crucial: é

possível estimular a formação de uma identidade latino-americana? E vai mais além: qual seria o papel da educação e em particular do ensino de História para isso? Para Cristofoli (2004a), não é possível ignorar a escola como segmento da sociedade, que tem assumido um papel importante na transmissão cultural ao longo da história.

Segundo Cristofoli (2004a), a representação construída pela história oficial argentina em relação ao Brasil é de uma ameaça em situações de disputa, como guerras e conflitos territoriais, o que contribui para a construção de estereótipos e preconceitos. No entanto, ela defende o ensino de História, sobretudo o da América Latina, como ferramenta capaz de trabalhar diferenças e semelhanças para superar os isolamentos e, possivelmente, criar um sentimento de pertencimento.

Em outro artigo, produzido em coautoria com Maria de Fátima Sabino Dias para o IV Encontro da ANPHLAC, intitulado “*História da América: entre o prescrito e práticas docentes*” (2004b), Maria Silvia Cristofoli trata o ensino de História de América Latina prescrita nos documentos oficiais do Mercosul Educacional, nas discussões dos especialistas do Grupo de Trabalho de História e Geografia do Mercosul.

Segundo as autoras, enquanto os documentos oficiais das reuniões de ministros apontam para a preocupação dos governos com a questão da integração e com uma identidade regional ressaltando no campo educacional a integração cultural e a produção de materiais didáticos para o Mercosul, as discussões dos especialistas revelavam o grande desafio para a educação e para o ensino de História em particular, encaminhando propostas que minimizam o isolamento cultural entre as nações latino-americanas.

A história nacional como enfoque principal da História, tem levado a exclusão da História da América Latina nos programas de História. Um olhar que valorize aspectos culturais e antropológicos esquecidos pelas histórias nacionais que primam pelo enfoque político, administrativo e militar poderia ser uma alternativa para a superação do estranhamento e para a derrubada de estereótipos e preconceitos tão presentes nas histórias dos países latino-americanos (CRISTOFOLI; DIAS, 2004b. p. 25).

Maria José Reis (2004), no artigo “*Interculturalismo e educação: reflexões a partir de um intercâmbio discente*”, complementa o trabalho de Maria Silvia Cristofoli (2004a) analisando as representações dos alunos intercambistas participantes do Acordo. A autora afirma que, paralelamente ao esforço de regionalização das políticas econômicas nacionais, iniciativas têm sido tomadas no sentido de incentivar, sobretudo no âmbito do ensino da História e da Geografia, a produção de diagnósticos que explicitem o que os integrantes de cada um dos países membros do Mercosul pensa sobre si mesmo e sobre os outros latino-americanos. A pesquisadora também enfatiza o papel fundamental do ensino de História no sentido de contribuir para a formação de uma consciência histórica que elimine as distorções frequentemente existentes nas histórias nacionais oficiais, contribuindo para a alteração das representações cristalizadas e estereotipadas e fomentando a criação de uma identidade latino-americana, capaz de identificar as semelhanças, conviver solidariamente com as diferenças e lutar para suprimir as desigualdades socioculturais.

Maria de Fátima Sabino Dias (2004), no artigo “*Nacionalismos e estereótipos: a imagem sobre a América nos livros didáticos de História no Brasil*”, analisa a visão de América presente nos livros didáticos brasileiros de História da América na década de 1950. Segundo a autora, no processo de desenvolvimento do nacionalismo e da “americanização”, o Brasil vai se afirmar através de sua relação com as outras nações americanas das quais se diferencia, ou com as quais se identifica: “[...] os demais povos americanos servirão como um espelho para fazer revelar a sua própria imagem” (DIAS, 2004. p. 49)

Marise da Silveira Veríssimo (2004), no artigo “*América Latina – Ensino e poder*”, discorre sobre o projeto educacional dos governos militares, em especial no que se refere ao ensino de História, no conjunto de decretos leis que marcam o período das ditaduras militares na América Latina, que tornam explícita a preocupação dos governos com as práticas políticas dos profissionais da educação, com o caráter doutrinário do ensino, bem como com a história a ser ensinada. A autora afirma que projetos políticos que disputam o poder do Estado têm, necessariamente, que apresentar uma proposta educacional para a sociedade.

Por tratar-se de um setor estratégico a médio e longo prazo, a educação torna-se um destes

setores privilegiados em termos de mudanças, tanto no corpo administrativo, quanto nos conteúdos formais de ensino, assim que grupos diferentes assumem o poder (VERÍSSIMO *apud* DIAS, 2004. p.105).

Nesse sentido, a intervenção oficial no currículo da disciplina no período estudado vai resultar na reescritura da História, apagando aquilo que se quer esquecer e introduzindo o que parece necessário para a formação ou consolidação da memória coletiva que se quer, e do caráter do cidadão que se almeja formar.

Ivonete da Silva Souza (2004), por sua vez, no artigo intitulado “*Estudos latino-americanos: a criação e a inclusão de uma nova disciplina escolar no ensino fundamental e médio no Brasil*”, analisa o processo de criação da disciplina de ELA no CA da UFSC em 2003, onde esta pesquisa é realizada. Segundo a autora, a proposta alia-se ao espírito do Tratado de Assunção de 1991, realizado entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai e que procura estabelecer critérios e currículos mínimos na área de História e Geografia entre esses países; ao Plano Trienal 1998-2000, voltado exclusivamente para a educação e defensor do desenvolvimento da identidade regional por meio do estímulo ao conhecimento mútuo e a uma cultura de integração, com a implementação de programas que privilegiem a perspectiva regional na aprendizagem da História e da Geografia; ao Compromisso de Brasília de 1996, que estabeleceu desafios e metas para o setor educacional do Mercosul e propôs a compatibilização de aspectos curriculares e metodológicos a partir de uma perspectiva regional e o desenvolvimento de metodologias e de materiais didáticos, acadêmicos e pedagógicos para o ensino de História e de Geografia; ao Plano de Ação do Setor Educacional do Mercosul 2001-2005 e ao Acordo de Cooperação e Intercâmbio Cultural realizado entre o CA da UFSC e a Escola Superior de Comércio Manuel Belgrano da Universidade Nacional de Córdoba, realizado em 1992.

Nessa perspectiva, esta pesquisa tem por finalidade investigar as contribuições dos conteúdos latino-americanos da disciplina de ELA na grade curricular obrigatória de ensino seis anos após a sua implementação. Como já foi dito, o objetivo é conhecer quais relações a história ensinada – relativa à América Latina – estabelece com a

formação da consciência histórica de jovens brasileiros, pois se acredita que formar uma identidade coletiva latino-americana, e dentro dela uma consciência histórica específica e com ela sintonizada, é um dado essencial ao ensino de História no Brasil.

Identidade latino-americana e consciência histórica

A questão da identidade latino-americana é abordada de maneira recorrente desde o processo de colonização, ganhando maior destaque a partir das lutas pela independência colonial e, recentemente, na segunda metade do século XX, tanto a partir dos novos movimentos revolucionários quanto sob os novos imperativos econômicos internacionais. Simón Bolívar, que tentara pôr fim à dependência colonial e sonhara com a unidade da América Latina liberta de toda forma de dependência escravizadora se embateu com este problema até o final de sua vida. No discurso de Angostura, em 1819, ele afirmava:

Não somos europeus, não somos índios, mas sim uma espécie intermédia entre os aborígenes e os espanhóis. Americanos por nascimento e europeus por direito, nos encontramos em meio ao conflito de disputar os títulos de propriedade aos nativos e manter-nos no país que nos viu nascer, contra a oposição dos invasores. De maneira que o nosso caso é extremamente extraordinário e complicado.

[...] Estamos colocados num grau inferior ao da servidão. Mantenhamos presente que o nosso povo não é nem europeu, nem americano do norte, é antes uma composição de África e América do que uma emanção da Europa [...] é impossível determinar com propriedade a que família humana pertencemos (BOLÍVAR, 1819 *apud* MANCE, 1995).

Pensadores latino-americanos, como Simón Bolívar (1783-1828), Francisco Bilbao (1823-1865), José Martí (1853-1895), Juan Bautista

Alberdi (1850-1853), José Mariátegui (1895-1930), Leopoldo Zea (1912-2004) e tantos outros, cada qual refletindo a partir da realidade em que estava inserido, discutiram a identidade latino-americana no contexto da integração continental. Partiam da premissa de que somos diferentes e temos uma identidade própria.

O primeiro a utilizar o termo “América Latina” foi Francisco Bilbao⁵ (1823-1865), em 1856, durante uma conferência pronunciada em Paris. O termo foi adotado em seguida por Napoleão III para legitimar a invasão francesa no México em oposição à América anglo-saxônica.

Posteriormente, vários intelectuais como Caicedo (*apud* ARDAO, 1986), Bruit (2000), Santos (2003) e Filho (2005), chegaram a afirmar que não existe uma, mas várias Américas Latinas, pois longe de resultar em unidade, os movimentos de independência produziram realidades políticas distintas. Contudo, isso não significa dizer que não exista certa comunidade de heranças, problemas e desafios entre os países que compõem o continente.

Renato Ortiz (2006), por sua vez, afirma estar cada vez mais convencido de que nós brasileiros não somos “latino-americanos”. Segundo o autor, nossa atração pelo nacional alimenta a ilusão de que estaríamos inteiramente à parte de uma história que nos aproxima da realidade dos países latinos: colonização, populismo, modernização tardia, questão social e indígena, desigualdade e pobreza, pois o Brasil isola-se como se fosse uma essência inteiramente distinta, um todo específico cuja compreensão se esgotaria no interior de suas fronteiras geográficas. Ortiz (2006) acredita que devemos despertar dessa ficção indolente sem, contudo, regressar à velha nostalgia bolivarista inventada justamente quando nasce a rivalidade entre as nações do continente.

Não se trata de imaginar um futuro lúdico no qual diversos países comungariam o espírito de uma mesma “raça”, como acreditava o filósofo mexicano José Vasconcelos. Tal perspectiva é muito mais uma ideologia do que propriamente

⁵ Escritor e político chileno, conhecido como “Apóstolo da liberdade” por suas ideias liberais.

uma análise sociológica da realidade que nos envolve (ORTIZ, 2006).

Segundo Ortiz (2006), nas malhas da globalização tecnológica e econômica e da mundialização da cultura importa entender as estruturas comuns que transcendem as identidades nacionais, reflexão que permite, a partir do outro, uma maior compreensão de um “nós”, este sim brasileiro. Por isso, acredita-se que os esforços para a formação de uma “identidade latino-americana” devem passar pela valorização das similitudes de nosso processo histórico, a fim de tornar possível o entendimento de que, apesar das particularidades da história de cada país, a América Latina partilha de uma história comum, que é diferente das dos demais continentes, nações.

Em consonância com essas ideias o ensino de História da América Latina tem buscado assinalar, cada vez mais, entre os seus objetivos, a formação de uma identidade latino-americana, na qual a história de cada país deve ser pensada, conjuntamente, com a história do continente americano. Contudo, continua um grande desafio para a educação, e para o ensino de História em particular, o encaminhamento de propostas que minimizem o isolamento cultural entre as nações latino-americanas. Como aponta Cristofoli (2004), o maior de todos os desafios seria a superação do desconhecimento dos países entre si na América Latina como um todo – desconhecimento esse que teria levado a distorções nas histórias nacionais e a preconceitos e estereótipos que resultam numa forma de isolamento, fazendo com que a realidade latino-americana seja ignorada pela visão nacionalista da história dos países. Por isso, é de suma importância investigar de que forma jovens latino-americanos relacionam passado, presente e futuro da América Latina e como essa relação orienta as ações desses indivíduos nas tomadas de decisão face aos problemas da sociedade no presente.

A temática da consciência histórica entre os jovens tem sido a preocupação de alguns grupos de pesquisas, tanto nacionais como internacionais. Os resultados dessas pesquisas têm estimulado o diálogo entre os grupos e aprofundado o debate teórico-metodológico em torno dos princípios epistemológicos desse campo de conhecimento no âmbito do contexto escolar e fora dele.

Destaca-se aqui as contribuições dos trabalhos de Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt e Tânia Maria F. Braga Garcia

(2005, 2006a, 2006b, 2009), Luis Fernando Cerri e Gonzalo de Amézola (2007, 2009), Daniel Hortêncio de Medeiros (2006), Ronaldo Cardoso Alves (2006), Sandra Regina Ferreira Oliveira (2006), Marlene Cainelli (2006), Olinda Evangelista e Jochemara Triches (2006) e Marcos Roberto Kusnick (2008), no Brasil, de Peter Lee (2006), no Reino Unido, de Rosalyn Ashby (2006), no Canadá, de Isabel Barca (2001, 2004, 2007, 2009) e Marília Gago (2007), em Portugal, e de Rodrigo Henríquez Vásquez (2004), na Espanha.

Também cabe destacar aqui os estudos sobre Educação Histórica e Literacia Histórica. Mesmo que utilizem uma nomenclatura diferente, esses estudos também tratam da formação de uma consciência histórica no ensino de História, geralmente por um viés cognitivista.

A pesquisa na área da cognição histórica desenvolve-se desde meados da década de 1960, principalmente na Inglaterra, Estados Unidos e Canadá onde se destacam os trabalhos de Peter Lee e Roselyn Ashby. São igualmente importantes os estudos empreendidos em Portugal e Espanha desde a década de 1970, destacando-se os trabalhos de Isabel Barca e Olga Magalhães realizados nos anos de 1990. Nessa área, os pesquisadores iniciaram um estudo sistemático dos princípios e estratégias de aprendizagem histórica em crianças, jovens e adultos, tendo como pressupostos a natureza do conhecimento histórico e a análise das ideias que estes sujeitos manifestam *em* e *sobre* a História. De acordo com Barca (2001), a investigação em Educação Histórica assumiu o pressuposto de que é necessário atender a dois polos fundamentais no ensino da disciplina: a natureza do conhecimento histórico (epistemologia) e a natureza das aprendizagens (através da Psicologia construtivista).

Marília Gago (2007) aponta que a consciência histórica dos indivíduos contemporâneos tem um papel fulcral nas suas tomadas de decisão, o que por sua vez influencia o desenvolvimento pessoal e social. Nesse sentido, a Educação Histórica – ou Literacia Histórica – busca compreender como as crianças, os jovens e os professores conceituam a relação temporal entre passado, presente e futuro, numa perspectiva de orientação do indivíduo para a tomada de decisões face aos problemas da sociedade.

Nesse sentido, educar historicamente seria proporcionar através do contato com fontes primárias e secundárias diversificadas, a construção progressiva de uma narrativa aberta e problematizadora da

vida, conducente ao exercício de uma atitude argumentativa que permita exercitar a fundamentação de posições de base em critérios racionais (BARCA, 2001).

A contribuição da Psicologia, em especial da Psicologia Cognitiva, permitiu compreender os processos de abstração, a partir dos estudos de Piaget. Contudo, mais do que compreender a forma como cada indivíduo constrói sentido, deve-se olhar para a forma como os processos de interação social cultural e histórica modelam o sentido, fornecendo os alicerces da consciência histórica do indivíduo.

Essas reflexões encontraram eco no Brasil, principalmente entre pesquisadores no estado do Paraná, dentre os quais se destacam os trabalhos de Maria Auxiliadora Schmidt e Tânia Braga Garcia (2005, 2006a, 2006b), que tratam da formação da consciência histórica de alunos e professores no cotidiano em aulas de História. Segundo as autoras, a realização de pesquisas indica que novas formas de captação e didatização dos conteúdos a serem ensinados em história contribuem para o desenvolvimento da consciência histórica crítico-genética, que supera, mas não exclui formas tradicionais de consciência histórica (SCHMIDT e GARCIA, 2005). Em diálogo com os pesquisadores portugueses acima citados, Maria Auxiliadora Schmidt (2009) tem dado continuidade a essas investigações no intuito de entender e comparar os significados das narrativas produzidas por jovens brasileiros e portugueses enquanto manifestações da consciência histórica. Segundo os pesquisadores, através da análise da narrativa sobre o passado pode-se construir algum entendimento sobre os tipos de consciência histórica e de identidade de seus produtores.

Para as finalidades deste estudo, no entanto, destacamos as pesquisas realizadas por Luis Fernando Cerri e Gonzalo de Amézola (2007, 2009) que, ao tratar de aspectos da consciência histórica, os relaciona com aspectos da juventude latino-americana. Trata-se de um *survey* intercultural que visa a levantar os elementos pertinentes à aprendizagem histórica, consciência histórica e cultura política de jovens de 15 anos no Brasil, na Argentina e no Uruguai.

Segundo os autores, a pesquisa se sustenta na ideia de que é possível levantar elementos da consciência histórica e da cultura política de populações determinadas por meio da resposta a questões nas quais os sujeitos identifiquem suas concepções gerais sobre o tempo e a história, com um componente decisional envolvido. Com isso, os

autores também esboçam um levantamento sobre alguns aspectos do estado atual do ensino e aprendizagem de História (CERRI e AMÉZOLA, 2009, p. 02).

A pesquisa, ainda em andamento, envolve a aplicação de dois tipos de questionários – uma para alunos e outro para professores – e baseou-se no projeto europeu Youth and History, desenvolvido pela Standing Conference on History Didactics, em meados dos anos de 1990, com a participação de 33 países europeus, além de Turquia, Israel e a Autoridade Palestina.

As questões para os alunos envolvem opiniões sobre o significado da história, a importância de seus objetivos, formas de história que mais agradam e em quais mais se confia, importância de religião e política, as práticas de sala de aula, conhecimentos de cronologia sobre processos históricos, interesse em períodos e temas de história, noção de passado e projeções para o futuro (pessoal e coletivo), tópicos importantes do conteúdo escolar da história (Idade Média, Colonização, Revolução Industrial, Adolf Hitler, grau de importância de elementos da vida pessoal e coletiva, sentido da História, interpretação da riqueza e pobreza, compreensão da historicidade, definições de nação, solidariedade social, próceres, Mercosul, democracia, papel da mulher, governos militares e posicionamento quanto a temas polêmicos contemporâneas.

O questionário dos professores é mais restrito, é em geral aplicado aos professores dos alunos respondentes, e tem por objetivo comparar concepções e práticas de sala de aula com os alunos, além de levantar informações adicionais sobre o contexto em que os alunos responderam os questionários (CERRI e AMÉZOLA, 2009, p.03).

Após analisarem as repostas de alguns itens de 986 questionários respondidos por alunos e de 45 respondidos por professores nos três países envolvidos na pesquisa, os autores concluem que:

- a) embora participem das mesmas aulas, professores e alunos têm percepções distintas sobre a frequência e a intensidade de metodologias e temas;
- b) os dados revelam que a renovação metodológica é escassa, mas alguns avanços historiográficos já são perceptíveis nas concepções dos alunos;
- c) os jovens concentram sua atenção em objetivos e interesses individuais e familiares, havendo significativo descrédito quanto a identidades político-territoriais mais amplas;
- d) a visão predominante entre os alunos quanto ao regime militar é negativa, prevalecendo a opinião sintonizada com os seus opositores de fracasso econômico e crise dos direitos humanos e liberdades civis.

Em outra linha investigativa, Daniel Hortêncio de Medeiros (2006) e Ronaldo Cardoso Alves (2006) pesquisam a utilização de manuais didáticos na formação da consciência histórica via ensino de História. Medeiros (2006) analisa as condições econômicas e sociais de produção de um manual didático e discute as condições necessárias a um manual didático de História para orientar a formação de uma consciência histórica crítica.

Ronaldo Cardoso Alves (2006), por sua vez, trata das representações sociais na formação da consciência histórica em alunos e professores do ensino básico a partir do encontro/confronto em sala de aula dos saberes oriundos do senso comum e da ciência da História. Tendo como base os aportes teóricos de Serge Moscovici e Jörn Rüsen, Alves (2006) utiliza-se de elementos da pesquisa etnográfica, de questionários e de entrevistas para investigar a aplicação do conceito de “revolução” por professores e alunos de escolas públicas da periferia de São Paulo. O autor conclui que a consciência histórica se constitui na medida em que a demanda de interesses de ação no tempo do grupo se conforma com a experiência.

Marlene Cainelli (2006), em outra perspectiva, trata do desenvolvimento das noções temporais que fundamentam a consciência histórica nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A autora investiga as possibilidades do ensino de História entre crianças de 8 a 10 anos. Segundo Cainelli (2006), as crianças constroem narrativas seguindo as experiências familiares e do grupo de convivência. Dessa forma, elas começam a elaborar conceitos relativos ao mundo onde vivem

estabelecendo comparações entre as temporalidades e os espaços vividos e não vividos. Cainelli (2006) também comenta que:

Mesmo que inicialmente estejam estas noções ligadas ao conceito de progresso é preciso desenvolver a noção de simultaneidade e transformação tendo como ponto de partida a percepção do aluno de que o tempo gerou a mudança e quais as implicações disso na sociedade. É preciso que o professor tenha condições de ensinar a pensar historicamente a partir do entendimento da criança dos múltiplos tempos e espaços que formam o tempo e o lugar em que ele está vivendo (CAINELLI, 2006. p. 70).

Após evidenciar a trajetória do ensino de História da América no Brasil e de identificar algumas das principais pesquisas e pesquisadores que o transformaram em objeto de estudo, assim como as principais pesquisas realizadas no país que relacionam o ensino de História com a formação da consciência histórica, observa-se a existência de poucos estudos sobre a relação entre consciência histórica e identidade latino-americana, o que revela a pertinência deste estudo e acentua o seu caráter inovador.

CAPÍTULO III

O COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC E O ENSINO DE HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA

O desafio estava lançado e voltar atrás era impensável.
Ivonete Silva Souza, 2004

As informações relatadas a seguir são uma síntese da análise dos dados obtidos no Regimento Escolar do CA da UFSC, nos relatórios, documentos e artigos produzidos sobre a inclusão da disciplina de ELA no CA, nas visitas realizadas à escola durante a observação participante e nos relatórios finais dos acadêmicos de História que cursaram a disciplina de Prática de Ensino de História no CA da UFSC em 2009, na qual atuei como estágio docente.

O Colégio de Aplicação da UFSC localiza-se dentro do campus universitário da Universidade Federal de Santa Catarina e foi fundado em 17 de julho de 1961 pela Portaria nº 673, sob a denominação de Ginásio de Aplicação, com o objetivo de servir de campo de estágio destinado à prática docente dos alunos da Faculdade Catarinense de Filosofia (FCF). No ano de 1970, foi substituído o nome Ginásio de Aplicação para Colégio de Aplicação e a escola passou a ter a primeira série do segundo ciclo, com os cursos Clássico e Científico. As demais séries do Ensino Médio foram implementadas gradativamente nos anos seguintes.

Em 1980, foi acrescentado aos cursos já existentes o Ensino Fundamental com a implementação de oito turmas, duas (turno matutino e vespertino) para cada uma das quatro séries iniciais. Os alunos que frequentavam a escola até então eram filhos de professores e servidores técnico-administrativos da Universidade Federal de Santa Catarina. Somente a partir da Resolução nº 013/CEPE de 1992 ficou estabelecido que o ingresso de alunos nessa escola passaria a ocorrer via sorteio aberto à comunidade, com exceção do 3º ano do Ensino Médio, para o qual não há vagas de ingresso.

Atualmente, o CA integra o Centro de Ciências da Educação (CED) da UFSC e se apresenta como uma escola experimental, mantida pela Universidade e integrada ao Sistema Federal de Ensino, onde se desenvolvem práticas e se produzem conhecimentos em função da qualidade de ensino, pesquisa e extensão.

O Projeto Político Pedagógico da Escola ainda está em construção, mas segundo o Regimento do CA a escola tem por finalidade:

- 1) Servir de campo de ensino, pesquisa e extensão, voltado para o desenvolvimento de diferentes práticas pedagógicas;

- 2) Proporcionar a prática de ensino aos alunos dos cursos de Licenciatura e Educação e os estágios supervisionados do Centro de Ciências da Educação, podendo, ainda, atender solicitações pertinentes ao Ensino Fundamental e Médio dos demais centros da Universidade Federal de Santa Catarina e de outras instituições públicas;
- 3) Desenvolver práticas e produzir conhecimentos em função da qualidade de ensino, pesquisa e extensão;
- 4) Formar cidadãos livres, conscientes e socialmente responsáveis;
- 5) Instrumentalizar o educando para uma atuação crítica e produtiva no processo de transformação e construção consciente de uma sociedade justa, humanitária e igualitária

Entre os objetivos da escola estão a transmissão, produção, construção, divulgação e apropriação crítica do conhecimento com o fim de promover a responsabilidade social e a afirmação histórica de educandos e educadores.

A organização administrativa e pedagógica do CA está diretamente vinculada ao CED através da direção do Centro e do Conselho de Unidade. As decisões da escola são tomadas por um Colegiado, órgão máximo consultivo e deliberativo nas questões administrativas e nas pertinentes ao Ensino, Pesquisa e Extensão, definindo a política do CA, em consonância com sua comunidade escolar e a legislação vigente.

Atualmente, são trinta e cinco turmas na escola: da Primeira Série do Ensino Fundamental até a Terceira Série do Ensino Médio, totalizando cerca de 900 alunos, distribuídos em turmas de no máximo 25 integrantes. Os alunos têm acesso a todas as bibliotecas da UFSC, sendo que há uma específica para seu uso, localizada dentro do CA, que possui um grande acervo de livros, revistas e outros materiais de pesquisa, específicos para suas séries, e que também podem ser utilizados pelos demais alunos da Universidade.

O CA também conta com um periódico institucional, a Revista “Sobre Tudo”, que desde 2000 veicula textos de ficção, crônicas, poemas, ensaios, trabalhos acadêmicos e demais produções discentes e docentes, e um site (www.ca.ufsc.br), onde se encontram todas as informações sobre a escola, arquivos de notícias e uma central do aluno com *login* e senha para acompanhamento individual.

O corpo docente do CA é constituído por professores habilitados, aprovados em concursos públicos organizados pelos órgãos responsáveis da UFSC. Atualmente, esse corpo docente é formado por 102 profissionais, sendo 59 efetivos e 43 substitutos. Dos 59 efetivos, 12 são doutores e 37 mestres. São 05 professores de História, ministrando aulas de História Geral, História do Brasil e Estudos Latino-Americanos, sendo que apenas 03 destes são efetivos.

Os professores dedicam algumas horas ao atendimento individual de alunos, para auxiliar àqueles que tiveram alguma dificuldade de aprendizado. Esses atendimentos, somados aos de sala de aula e pesquisa, já são contabilizados na carga horária geral do professor e são realizados em horários opostos aos das aulas, assim como as aulas de Artes e Educação Física. Dessa forma, o CA também se caracteriza pela jornada escolar em regime semi-integral.

A organização didática do Ensino Fundamental e Médio do CA está estabelecida em dois níveis: currículos e planos de ensino. O currículo compreende o conjunto de todas as experiências que o educando realiza e vivencia dentro e fora da escola, sob a responsabilidade da mesma. Esse currículo é estruturado obedecendo às determinações da LDB/96, do Conselho Nacional de Educação, das orientações propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e o Projeto Político Pedagógico da Escola. Qualquer alteração curricular a título de experiência, como a inclusão da disciplina de Estudos Latino-americanos, deve constar como projeto devidamente aprovado pelo Colegiado.

Para as finalidades desta pesquisa, destaca-se aqui que o CA desenvolve uma série de Projetos vinculados à Pesquisa e Extensão, entre eles o *Projeto Córdoba*, que desde 1992 promove o intercâmbio de alunos e professores entre a Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano, em Córdoba na Argentina, e o CA da UFSC. Os objetivos principais desse intercâmbio são:

- 1) Possibilitar o estreitamento de relações culturais através de intercâmbio entre professores e estudantes da Escuela Manuel Belgrano de UNC e do Colégio de Aplicação da UFSC.
- 2) Conhecer elementos específicos de cada cultura em particular e, através do acesso a estes conhecimentos, possibilitar a professores e estudantes envolvidos, a discussão e reflexão a respeito de uma

identidade latino-americana e, especificamente, da Argentina e do Brasil.

3) Possibilitar a reflexão a respeito de elementos comuns, e portanto integradores, não deixando de reconhecer e de identificar os aspectos plurinacionais e pluriculturais das referidas sociedades.

Segundo consta na proposta de inclusão da disciplina de Estudos Latino-americanos no CA, a consolidação do Projeto Córdoba aproximou alunos e professores, estabeleceu parcerias e abriu um grande espaço para que, antes mesmo da assinatura do Tratado de Assunção, que oficializou o MERCOSUL, fossem estabelecidas metas para pensar a realidade latino-americana através de um projeto educacional.

O documento também informa que em 1998 um grupo de pesquisadores brasileiros e argentinos, professores da disciplina de História e ligados às Instituições integrantes do Acordo de Cooperação, propôs-se a refletir, através de um Projeto de Pesquisa, a formação das identidades latino-americanas na cultura escolar, o olhar sobre o "outro" e o "nós" latino-americanos. O Projeto estava inserido no campo da história das disciplinas escolares e se intitulava: *"Identidades e Representações: Um Projeto de Pesquisa Comparada sobre o Ensino de História na Argentina e no Brasil"*. Ele foi aprovado pelo Colegiado do Colégio de Aplicação e pelo Fundo de Incentivo à Pesquisa da UFSC (FUNPESQUISA) e seus relatórios encontram-se na Coordenadoria de Pesquisa e Extensão do CA e no NIPEH.

A perspectiva de pensar uma proposta curricular para trabalhar os temas da América Latina, aplicável simultaneamente às duas Instituições de Ensino envolvidas no acordo, era uma proposta comum. Elaborou-se, assim, um estudo dos programas e currículos de História no CA e na Escola Superior de Comércio Manuel Belgrano, no período de 1985 a 1995. Através dos Relatórios anuais da Equipe de Coordenação do Acordo do Brasil, realizou-se também um estudo das representações culturais dos alunos intercambiados: brasileiros e argentinos (SOUZA e VERÍSSIMO, 2003).

Em 1998, a partir do referido Projeto de Pesquisa, iniciou-se uma experiência na 7ª série do CA, na disciplina Organização Social e Política do Brasil (OSPB), então ministrada pela Professora Maria de Fátima Sabino Dias, coordenadora do Projeto. A disciplina trabalhou

especificamente temas referentes à História da América Latina e a experiência manteve-se nos anos seguintes como uma experimentação até que surgisse a possibilidade concreta da criação de uma nova disciplina na grade curricular do CA da UFSC, denominada "Estudos Latino-Americanos" (ELA), substituindo oficialmente a disciplina de OSPB. Isso aconteceu em fevereiro de 2003, quando professores do CA e do Departamento de Metodologia e Ensino da UFSC (MEN) se organizaram e construíram uma proposta de inclusão da disciplina no currículo do Ensino Fundamental e Médio da escola. A disciplina foi então ministrada naquele mesmo ano.

A proposta de inclusão da disciplina de Estudos Latino-americanos no currículo de História do CA é de autoria das professoras Ivonete da Silva Souza e Marise da Silveira Veríssimo, atual professora de ELA no CA, tendo como consultoras as professoras Maria Sílvia Cristofoli e Maria de Fátima Sabino Dias, ex-professora do CA, atual professora do MEN/UFSC, coordenadora do NipeH e uma das idealizadoras do Projeto Córdoba.

A inclusão de uma nova disciplina no currículo de uma escola busca uma legitimidade identitária que na prática escolar já vem apresentando indícios, seja através de experiências isoladas ou de reflexões que se vem construindo no cotidiano dos professores, seja através de projetos existentes, de pesquisas e diagnósticos apontados, seja mesmo através de mudanças, novas perspectivas e compromissos didáticos institucionais (SOUZA e VERÍSSIMO, 2003. p. 01).

A proposta da disciplina é estimular o rompimento dos estereótipos existentes e preconceitos existentes a respeito de "si" e do "outro" latino-americano. *“Estes jovens que estão anualmente indo e vindo das nossas escolas são sujeitos fundamentais neste processo de desconstrução deste comportamento cultural estereotipado e preconceituoso”* (SOUZA e VERÍSSIMO, 2003. p. 09).

Nesse sentido, entendeu-se que a disciplina "Estudos Latino-americanos" precisava constituir-se com uma identidade própria, com

caráter de disciplina, com conteúdos específicos, com objetivos claros e estratégias bem traçadas,

[...] porque esta inclusão ultrapassa as questões internas da cultura escolar, ela manifesta uma postura política perante o mundo globalizado que vivemos, a coerência com nosso discurso crítico ao eurocentrismo e favorável ao respeito às diferentes culturas e, especificamente, à nossa consciência de americanidade (SOUZA e VERÍSSIMO, 2003. p. 09).

Pioneiro nessa proposta, o CA da UFSC coloca-se, assim, dentro das atuais preocupações, tanto do ponto de vista dos Parâmetros Curriculares Nacionais, quanto das preocupações encaminhadas através das reuniões do Mercosul Educacional:

Os Parâmetros defendem a ênfase na História da América em todos os ciclos do ensino fundamental, corroborando com a nossa proposta de criação de uma disciplina de Estudos Americanos para o CA. Na verdade, os Parâmetros sugerem uma certa preferência no trato desses temas nos conteúdos de história. E não obstante, sugira o ensino de história mediante uma vertente temática, enfatizam os conteúdos sobre o Brasil, seguido de América, Europa e África. Portanto, os conteúdos sobre Europa devem permanecer, assim como devem ser incluídos temas sobre os continentes africano e asiático.

Contudo, é sabido que nas escolas existe um forte predomínio do ensino de história que se orienta segundo a vertente do quadripartismo, e que temas americanos e outros que não europeus, somam-se aos conteúdos daquela vertente de forma muito ocasional e espontânea. Temas de América, por exemplo, ainda que constem de alguns programas, são

deixados para trás ou são abordados a partir de concepções emotivas e parcialistas, como por exemplo, a Guerra entre Brasil e Paraguai. Por outro lado, os professores de história têm se manifestado a respeito da constatação que está presente também nos Parâmetros, de que a vastidão e a complexidade do conhecimento histórico inviabilizam a idéia de que seja possível ensinar "toda a história". Logo, é necessário que a cultura escolar faça escolhas a respeito dos conteúdos dessa disciplina. Assim, dada a existência de espaço na grade curricular do CA, ocupado atualmente pela disciplina de OSPB, constante da carga horária dos professores de história dessa instituição, é compreensível que neste espaço oficializemos a disciplina Estudos Americanos, posto que na prática, tal já vem ocorrendo (SOUZA e VERÍSSIMO, 2003. p. 10).

Por outro lado, a lei nº 866, de 14 de junho de 1993, que extinguiu oficialmente OSPB do currículo escolar brasileiro, aponta que a carga horária das disciplinas de Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política do Brasil (OSPB) deveriam ser preenchidas por disciplinas da área das ciências humanas e sociais.

A disciplina de ELA está alocada no currículo de História do CA, havendo flexibilidade para que ela seja trabalhada, de forma interdisciplinar, pelas demais disciplinas das ciências humanas. Inicialmente, ela integrava a grade curricular da 7ª série do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio, contando com uma carga horária anual de 75 aulas em cada uma dessas séries. A partir de 2008, ela foi substituída por Sociologia nos 3º anos e passou a integrar a grade do 1º ano do Ensino Médio, permanecendo nas 7ª séries.

Entre os objetivos explicitados na proposta de inclusão da disciplina estão:

Propiciar a reflexão sobre as questões históricas, sociais e culturais da América numa perspectiva que problematize questões ligadas às identidades

locais, nacionais e continentais, que discuta como essas questões se articularam aos diversos projetos políticos, as vicissitudes econômicas e as perspectivas históricas desses povos.

Objetivos específicos:

- Possibilitar o auto-conhecimento (sic) étnico-político a partir da problematização de questões recorrentes e inéditas na América Latina.
- Propiciar o contato entre cidadãos brasileiros, argentinos e outros, numa perspectiva de alteridade e solidariedade.
- Divulgar a história dos povos americanos, numa perspectiva comparativa, fazendo emergir o conhecimento significativo sobre as sociedades do continente, contrapondo-se a estereótipos e preconceitos (SOUZA e VERÍSSIMO, 2003. p. 12).

Ivone da Silva Souza (2004) comenta sobre sua experiência enquanto primeira professora de Estudos Latino-americanos no CA.

Estudos Latino-americanos (E.L.A.) foi, assustadoramente, aprovada em clima de euforia e otimismo político pedagógico. Assustador porque um novo desafio se fez presente: o de traduzir as grandes finalidades da disciplina em procedimentos escolar cotidiano. Assustador pelo fato de perceber a grande expectativa criada em torno de ELA, e a pouca reflexão existente no interior da escola a respeito dos limites do fazer pedagógico. Assustador, também, pelo fato de que as representações a respeito da relação professor/aluno/conhecimento insistem em ser românticas. E mais assustador ainda é a ansiedade em torno de que aconteça situações espetaculares, de que procedimentos didáticos sejam maravilhosos. Enfim, é assustador a pressa por resultados imediatos, quando é sabido que o fazer pedagógico e a aprendizagem são processuais (SOUZA, 2004. p. 86-87).

No entanto, Souza (2004) aponta para as perspectivas dessa nova disciplina:

[...] acho importante demarcar o papel questionador e formador dessa disciplina, no sentido de que para além dos benefícios imediatos que ela possa trazer à sua clientela estudantil, traz um valor que somente será melhor percebido a longo prazo, que é a noção de que a história a humanidade não pode ser refém de um conhecimento histórico unilateral de inspiração eurocêntrica. O fato de direcionar nosso olhar para o contexto latino americano, implica construir mais um campo de possibilidade de aproximação do Brasil com os países vizinhos (SOUZA, 2004. p. 98).

Segundo a autora, no momento da elaboração da proposta, foram feitos dois esboços de currículo: um para o terceiro ano do Ensino Médio e outro para a sétima série do Ensino Fundamental.

O programa da sétima série, por conta da minha experiência em trabalhar com alunos dessa faixa etária, pautou-se por questões de cunho antropológico, inclusive porque incluía uma série de itens sobre as sociedades ameríndias e também se pautou em aspectos metodológicos relativos à aprendizagem e ao desenvolvimento de habilidades.

Quanto ao terceiro ano do ensino médio, o programa ganhou um perfil político, mesmo porque a elaboração deste pautou-se pela perspectiva de professores de história do CA que atuaram tão somente no ensino médio ou que desenvolveram seus trabalhos de pesquisa no campo das questões políticas do Brasil contemporâneo.

A rigor, o programa da sétima série abrangeria o contexto cultural ameríndio pré e pós-

colombiano, incluindo o contexto colonial. O programa do terceiro ano abrangeria os séculos XIX e XX da América Latina contemporânea (SOUZA, 2004. p. 87).

Atualmente, o currículo prescrito de ELA para a 7ª série (ver Anexo A) tem como foco as reflexões em relação à América Latina, problematizando especialmente os estudos comparativos a respeito dos processos históricos e políticos, e questões sociais e culturais dos seus países. O objetivo geral é desenvolver reflexões a respeito das diferenças e semelhanças presentes entre os povos que fazem parte das nações latino-americanas, atendendo, simultaneamente, a objetivos que compartilhem mecanismos de integração, identidade e alteridade com a finalidade de fomentar noções de respeito cultural e solidariedade continental. Nesse sentido, o conteúdo programático para a 7ª série abrange o período “pré-colombiano” e colonial na América Latina, tendo como eixo a história das relações sociais, cultura e trabalho. A ideia é começar pela situação atual da América Latina e depois seguir com o programa normal, estimulando os alunos a observarem as mudanças, as permanências e as simultaneidades.

Os conteúdos a serem trabalhados são distribuídos em uma só unidade – História das relações sociais, cultura e trabalho – que contém cinco linhas temáticas, a saber: 1) Noções de tempo, diferença/semelhança, permanência/mudança; a ocupação da América por sociedades pré-colombianas; diferentes formas de vida; 2) A terra e as comunidades indígenas na América, mitos e ritos e relações sociais de poder; 3) Diferenças no uso/apropriação dos modos de vida na organização dos sistemas produtivos coloniais; desorganização das comunidades indígenas/formas de mercantilização da terra; diversificação na organização do trabalho e nas relações com a terra; 4) Rebeliões e resistências no processo de desapropriação da terra e da força de trabalho; 5) Mudanças e permanências no processo de construção dos Estados Independentes da América – as identidades nacionais.

Os objetivos desses conteúdos são oferecer aos alunos a possibilidade de conhecer e identificar características culturais e históricas de sociedades pré e pós-colombianas, respeitando e reconhecendo as contribuições das sociedades indígenas para o

conhecimento e acúmulo da experiência cultural e humana; desenvolver a observação, o reconhecimento e a memória visual a respeito do patrimônio cultural das sociedades ameríndias; identificar as semelhanças e diferenças existentes nas culturas e sociedades latino-americanas, no sentido de acessar uma perspectiva crítica e respeitosa ante a diversidade histórica dos povos do continente; e comparar os processos de ocupação territorial e colonial das sociedades latino-americanas.

Segundo o programa da disciplina, a transposição didática se pauta em dinâmicas e recursos pedagógicos, numa constante busca de interdisciplinaridade com outras áreas de conhecimento, e com mediações pedagógicas oriundas da cultura escolar, tais como: aulas expositivas dialogadas, leitura, interpretação e análise de textos didáticos, utilização de linguagens como vídeo, cinema, multimídia, documentos, estudo de meio e atividades lúdicas; e a avaliação leva em conta aspectos multifacetados da relação entre: sujeito/ conhecimento/ sujeito; teoria/prática; responsabilidade/ assiduidade/ solidariedade; profundidade de conhecimento/coerência argumentativa, assim como habilidades de descrição/comparação/interpretação/dedução/explicação e síntese.

Souza (2004) destaca que embora alguns marcos de referência temporais estejam muito próximos da disciplina de História, as ementas da disciplina de ELA já apresentam uma perspectiva específica, enfatizando os estudos comparados a respeito da cultura e das identidades dos povos latino-americanos.

Segundo a autora, um dos principais desafios da disciplina é a escassez de materiais didáticos, fazendo-se necessário realizar transposições didáticas a partir de obras acadêmicas. Para resolver esse problema, em 2003 foi aprovado junto à Fundação de Apoio a Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (FAPESC) um projeto intitulado “*Fontes Documentais e Materiais Didáticos na Perspectiva da História Comparada no Contexto Sul Americano*” para organizar um Acervo Documental sobre a História da América Latina e aprofundar o intercâmbio na área da pesquisa em história comparada na dimensão do contexto sul-americano, bem como subsidiar a formação de professores e de pesquisadores de História.

O projeto estava sob a coordenação da Profa. Dra. Maria de Fátima Sabino Dias (MEN/UFSC) e contou com a participação da Profa.

Dra. Maria José Reis, da Profa. Doutoranda Marise da Silveira Veríssimo, da Profa. Ms. Ivonete da Silva Souza, Profa. Ms. Maria Silvia Cristofoli, da acadêmica de História Leia Adriana da Santiago e da Profa. Silvia Rainer. Esse Projeto produziu um acervo documental físico e virtual sobre materiais didáticos de História e documentos educacionais sobre a América Latina, indispensáveis para atender aos novos desafios postos pela disciplina de ELA, e atualmente encontra-se no NIPEH.

Contudo, é em 2007, com a aprovação do projeto “Acervo Documental, Memória Educacional e Formação de Professores”, junto ao Ministério da Educação que tem início a elaboração do MUTAL⁶, uma série paradidática organizada pelas professoras Maria de Fátima Sabino Dias e Maria José Reis para o ensino de História numa perspectiva interdisciplinar diante da diversidade sócio-cultural latino-americana. A série conta com sete cadernos divididos em eixos temáticos, a saber:

- 1) *O ensino de História e a diversidade sócio-cultural latino-americana*, de autoria de Maria de Fátima Sabino Dias e Maria José Reis;
- 2) *Pérolas Negras: personagens do Brasil*, de autoria de Alexandra Elisa Vieira Alencar, Elizabete Paulina Gomes e Margarete Rosa Vieira;
- 3) *Compreendendo o universo indígena*, de autoria de Clarícia Otto, Beatriz Catarina Maestri e Benedito Prezias;
- 4) *Pedra do Sol: cinco eras, cinco sóis, cinco humanidades*, de autoria de Ivonete da Silva Souza;
- 5) *Representações e princípios gerais nas culturas meso-americanas*, de autoria de Ivonete da Silva Souza;
- 6) *Estudos latino-americanos*, de autoria de Ivonete da Silva Souza;
- 7) *Coatlícue: saia de serpente*, de autoria de Ivonete da Silva Souza

O MUTAL também inclui jogos com o objetivo de estimular a formação de uma memória visual sobre a América Latina. A série foi

⁶ MUTAL é uma palavra maia que significa "pacote verde" ou, metaforicamente, "primeira profecia". Yax Mutal é o nome original da cidade maia de Tikal, o grande centro maia do sul desde o período préclássico. Sua importância e sua influência sobre outros territórios foi notória.

produzida para professores e demais interessados com o objetivo de oferecer subsídios teórico-metodológicos e didáticos para o ensino de conteúdos latino-americanos em uma perspectiva interdisciplinar, mas ainda não se encontra disponível para a comercialização, pois necessita ser testado e validado por professores e alunos.

Esse breve recorrido pela história do CA da UFSC e da inclusão da disciplina de ELA revela aquilo que já era anunciado por Chervel (1990) sobre a capacidade da escola em produzir uma cultura específica, singular e original. Ao discorrer sobre a construção das disciplinas escolares Chervel criticava a noção de escola como simples agente de transmissão de saberes elaborados fora dela, lugar portanto do conservadorismo, da rotina e da inércia. Para o autor, a instituição escolar era capaz de produzir um saber específico cujos efeitos estendiam-se sobre a sociedade e a cultura, e que emergia das determinantes do próprio funcionamento institucional. O CA da UFSC é um claro exemplo disso. A criação da disciplina de ELA por iniciativa de seus próprios professores evidencia que é possível pôr em funcionamento os dispositivos escolares de maneira criativa e respeitando às normas estabelecidas para modificar a cultura no interior da escola e no seu entorno:

Porque são criações espontâneas e originais do sistema escolar é que as disciplinas merecem um interesse todo particular. E porque o sistema escolar é detentor de um poder criativo insuficientemente valorizado até aqui é que ele desempenha na sociedade um papel que não se percebeu que era duplo: de fato ele forma não somente os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global (CHERVEL, 1990. p. 184).

A trajetória histórica percorrida pelo CA da UFSC revela o compromisso da instituição em desenvolver estratégias que estimulem a formação de uma cultura democrática que privilegia a diversidade cultural no Brasil e na América Latina. Esse compromisso foi assumido não só pelos profissionais envolvidos nos diversos projetos realizados, mas por toda a comunidade escolar, que com seu poder de voz e voto

sancionou todas as alterações necessárias para fortalecer esse compromisso na cultura escolar do CA. Contudo, cabe destacar que grande parte do sucesso dessas realizações, sem dúvida, se deve ao caráter experimental do CA que, através da Coordenadoria de Pesquisa e Extensão e da parceria com a Universidade, proporciona o desenvolvimento de experiências pedagógicas. A isso, somam-se também os esforços pessoais de professores/intelectuais comprometidos com as políticas de integração latino-americanas, que fizeram/fazem de suas trajetórias docentes um exemplo para futuros profissionais.

CAPÍTULO IV

ESTUDOS LATINO-AMERICANOS E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DOS JOVENS

*“História” é exatamente o passado sobre o qual os homens têm de voltar o olhar,
a fim de poderem ir à frente em seu agir, de poderem conquistar seu futuro.*
Jörn Rüsen, 2001

Os sujeitos da pesquisa: perfil dos alunos da 7ª série do Colégio de Aplicação da UFSC em 2009

Para a caracterização da amostra selecionada para esta pesquisa, foi aplicado um questionário do tipo *survey* (ver anexo D) com o objetivo de identificar o perfil sócio-econômico-cultural dos alunos da 7ª série do CA em 2009, seu consumo midiático e a interferência da disciplina de ELA no aprendizado da história da América Latina. O questionário era de autoperenchimento e não-identificado, composto por 42 questões de múltipla escolha semiabertas. Ele foi validado pelos quatro professores doutores que compõem o projeto “*A Escola e os jovens no mundo contemporâneo: processos de formação histórica latino-americana*”, coordenado pela Profa Dra. Maria de Fátima Sabino Dias, e testado com 05 jovens da mesma faixa etária da amostra selecionada para esta pesquisa. Os dados obtidos através do *survey* foram tabulados e analisados com o auxílio do *software* SPSS 17.0 (Statistical Package for the Social Sciences); as tabelas com a frequência das respostas estão no anexo F.

A aplicação do questionário ocorreu no dia 13/11/2009 para a turma 7ªA e no dia 20/11/2009 para as turmas 7ªB e 7ªC durante a aula da disciplina de ELA, em situação previamente negociada com a professora da disciplina.

Ao total, 67 jovens⁷ participaram da pesquisa, sendo 21 alunos da 7ªA, 21 alunos da 7ªB e 25 alunos da 7ªC. Destes, 51 informaram que estudam no CA desde a Educação Infantil. Em relação ao sexo, 34 se identificaram como do sexo feminino e 33 como do sexo masculino. A partir da idade informada pelos participantes, identificou-se que a média de idade do grupo é de 13,65 anos ($dp=1,00$).

Sobre o local de residência, 66 alunos afirmaram residir no município de Florianópolis e 51 alunos informaram serem naturais da capital do Estado. 64 alunos afirmaram residir em casa ou apartamento com a família, sendo que 32 alunos informaram residir com o pai e mãe, 15 só com a mãe e 4 só com o pai.

⁷ Retoma-se aqui a noção de juventude elaborada por Janice de Sousa e Olga Durand (2004) que permeia todo o trabalho (ver nota da página 11-12).

Para 54 alunos, a casa em que residem é própria e 58 alunos informaram que o principal meio de transporte da família é o automóvel próprio. 52 alunos afirmaram ter plano de assistência médica e 50 alunos afirmaram ter TV por assinatura.

Sobre a renda familiar, 37 alunos informaram ter renda superior a cinco salários mínimos. Para 18 alunos, as pessoas que mais contribuem para renda familiar são o pai e a mãe juntos e 63 alunos afirmaram que não trabalham e têm os gastos custeados.

Em relação à escolaridade dos pais, 41 alunos informaram que a mãe possui ensino superior completo, sendo que 28 destas possuem pós-graduação. 38 alunos afirmaram que o pai possui ensino superior completo, sendo que 24 destes possuem pós-graduação. De acordo com os alunos, 25 pais e 16 mães são funcionários públicos (governo federal, estadual e municipal), e 11 pais e 11 mães são profissionais liberais, professores ou técnicos do ensino superior.

No que se refere ao tempo que passam com a família e amigos, 36 alunos informaram passar em média mais de 5h com a família e de 3h a 5h com os amigos. As mães participam da vida escolar de 58 alunos e os pais da vida escolar de 45 alunos. Para 44 alunos a principal contribuição do tempo que eles passam com a família está na esfera dos comportamentos e atitudes e para 48 alunos a principal contribuição do tempo que eles passam com os amigos está na esfera das ideias.

Sobre o que preferem fazer no tempo livre, 44 alunos informaram que preferem usar o computador e 60 alunos indicaram fazer alguma atividade extraclasses, sendo que 25 destes realizam uma atividade esportiva.

Em relação ao acesso à informação, 59 alunos afirmaram que quando precisam de alguma informação buscam na Internet; 47 alunos afirmam que a internet é o meio mais utilizado para se manter informado. 55 alunos afirmaram participar de alguma comunidade virtual como o Orkut e 17 já criaram um Blog. 63 alunos informaram que acessam a internet de casa e 32 alunos disseram que nunca um adulto acompanha esse acesso.

Já no que se refere ao consumo de mídias, 44 alunos informaram que em média passam até 3h ouvindo música e lendo jornais/revistas/livros impressos diariamente. 18 alunos afirmaram ler com frequência livros de literatura, 22 alunos afirmaram ler revistas de

vez em quando e 27 alunos afirmaram que raramente leem jornais impressos.

Sobre o uso do computador, 30 alunos informaram que passam até 3h por dia em frente ao computador. 54 alunos afirmaram que ele é mais utilizado para a conversa com amigos através de programas específicos e 38 alunos disseram utilizar mais o computador para jogar.

38 alunos informaram que passam até 3h por dia vendo televisão. Sobre a frequência diária de acompanhamento de programas televisivos, 36 alunos afirmaram ver filmes, 33 novelas, 33 desenhos animados, 33 seriados e 23 jornais.

Em relação à interferência da disciplina de ELA no aprendizado sobre a América Latina, 51 alunos afirmaram que ela foi um dos meios que mais contribuiu para o aprendizado sobre a história da América Latina. No entanto, o peso de outros meios como viagens, internet e documentários é superior. Resta investigar se a interferência desses meios não se deu exatamente pelas demandas da disciplina.

28 afirmaram que acreditam que ao estudar a história da América Latina estão estudando sobre sua própria história. Contudo, as respostas “não” e “talvez” somaram mais do que as respostas “sim”. Mas quando questionados sobre a participação da disciplina para pensar a situação da América Latina na atualidade, 33 alunos informaram que a disciplina contribuiu sim para este aspecto. E neste caso as respostas “sim” totalizam 2,9% a mais que as respostas “não” e “talvez” somadas. Isso leva a investigar qual seria então a real contribuição da disciplina para o conhecimento da história da América Latina e se a disciplina conseguiu realmente atingir seus objetivos ao final de um ano letivo.

26 alunos informaram que o que mais gostaram de estudar na disciplina foi a cultura dos povos distantes e 29 alunos indicaram que alguma coisa mudou em seu cotidiano com o estudo da disciplina, sendo que 16 passaram a se interessar mais pelas notícias veiculadas nos meios de comunicação sobre a América Latina, 12 passaram conversar sobre a América Latina com seus amigos e familiares e 12 passaram a ver mais filmes relacionados à América Latina. Mas será que essas mudanças também não foram motivadas pelas demandas da própria disciplina? De qualquer forma, é possível afirmar que a disciplina interferiu na rotina desses jovens pelo menos durante o ano letivo de 2009 e que de alguma forma o conhecimento histórico sobre a América Latina tem orientado a vida prática desses alunos.

Sobre os planos para o futuro, 52 alunos informaram que desejam ter uma profissão e trabalhar, 43 pretendem continuar estudando e fazer uma faculdade e 32 querem casar e ter filhos.

Os dados obtidos com o *survey* mostram que, em geral, os alunos da 7ª série do CA da UFSC em 2009 possuem um nível sócio-econômico considerado alto em relação ao restante da população brasileira⁸. Seus pais possuem um alto padrão de escolaridade, sendo que boa parte deles trabalha no funcionalismo público. No entanto, como a forma de entrada desses alunos no CA é pelo sorteio, é possível afirmar que esses jovens fazem parte de uma amostra ainda maior com um perfil semelhante a este.

Em relação ao acesso à informação e ao consumo de mídias, o *survey* mostrou que todos os 67 alunos têm acesso à internet e a utilizam como meio de comunicação e informação. Além disso, o consumo de filmes, de programas televisivos e de livros de literatura também é muito alto.

A principal ocupação desses jovens é a música, em primeiro lugar, depois os amigos e o computador em seus vários usos, desde jogar e pesquisar na internet até conversar com amigos através de programas específicos como o MSN. Em seu tempo livre, esses jovens preferem ver televisão e ler literatura. O esporte aparece apenas como atividade extraclasse. A vida familiar desses jovens é bastante significativa e os pais participam consideravelmente da vida escolar dos filhos.

O que os jovens sabem sobre América Latina: elementos prévios para a construção do saber histórico escolar

Durante o primeiro semestre de 2009, tive a oportunidade de realizar um estágio de docência⁹ na disciplina de Prática de Ensino da

⁸ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a renda média da população brasileira era de R\$ 1.345,18 em 2008.

⁹ O estágio de docência é uma atividade curricular para estudantes de pós-graduação *stricto-sensu*, definida como a participação do aluno em atividades de ensino na instituição, sob a supervisão de seu orientador, neste caso a professora Maria de Fátima Sabino Dias.

Licenciatura em História na UFSC, sob a orientação da Profa. Dra. Maria de Fátima Sabino Dias. Como a prática docente dos acadêmicos matriculados na disciplina foi realizada com as três turmas de 7ª série na disciplina de ELA do CA – a amostra selecionada para esta pesquisa – essa experiência, além de caracterizar uma espécie de “observação participante”, também possibilitou a primeira coleta de dados para a pesquisa através de atividades¹⁰ aplicadas pelos professores-estagiários. O objetivo dessas atividades era conhecer e avaliar os conhecimentos prévios dos jovens sobre a América Latina e a sua transformação ao longo da trajetória escolar.

A primeira atividade (ver anexo B) foi aplicada aos 25 alunos da 7ªC no dia 15/04//2009 e envolvia a associação de palavras. Enquanto o professor-estagiário ditava algumas palavras, os alunos deveriam escrever numa folha separada a primeira palavra que viesse à cabeça, relacionada à América Latina. Foi interessante observar que muitos alunos falavam as palavras enquanto as escreviam e algumas chamaram a atenção:

- ANIMAL: “cachorro – tem cachorro na América Latina né”
- TERRA: “agricultura”, “muita terra”
- PESSOAS: “Ronaldo”
- ROUPAS: “fio dental”
- TRANSPORTE: “busão”, “topique”
- COMUNICAÇÃO: “celular”
- CLIMA: “quente”
- CASA: “barraco”, “favela”
- TRABALHO: “desemprego”
- RECURSOS: “dinheiro”, “petróleo”
- LÍDER: “Hugo Chávez”, “Fidel”, “Lula”, “Che Guevara”, “Fernandinho Beira-Mar”
- JOGO: “futebol”
- COR: “preto”, “cor de merda”

¹⁰ As atividades utilizadas pelos estagiários são adaptações de atividades traduzidas pela monitora da disciplina de Prática de Ensino, Caroline Cabral Bueno, retiradas do livro O' BRIEN, Kelly (ed.). **African Studies Handbook** – Curriculum and Resource Guide for Elementary and Secondary School Teachers. 3Th ed. Massachusetts: University of Massachusetts Center for International Education, 2003.

- PAÍS: “Brasil”, “Argentina”, “Chile”, “Trinidad e Tobago”, “Jamaica”
- RECREAÇÃO: “futebol”
- POPULAÇÃO: “muita gente”, “bilhões”

Com essa atividade foi possível observar que, quando solicitados a falar sobre a América Latina, a maioria dos alunos apresentaram referenciais sobre o Brasil, o que leva a pensar que ou existe certo desconhecimento sobre os demais países da América, ou o imaginário desses jovens apresenta uma visão bem articulada do Brasil na América Latina. Além disso, a maioria dos alunos apresenta uma visão bem pessimista sobre o continente, envolvendo muitos referenciais de pobreza e desemprego.

As respostas escritas não foram diferentes. Em associação à expressão “América Latina” além de palavras como “cidades” (1), “futebol” (1), “floresta” (1), “América do Sul” (1), “exploração” (1) e “bonita” (1), também apareceu em quatro respostas a palavra “Incas”. Por que a associação a esse grupo específico? No entanto, o que mais me chamou a atenção foi que nove alunos associaram “América Latina” a nomes de países, como “México”, “Uruguai”, “Jamaica” e “Argentina”, sendo que cinco desses alunos associaram à palavra “Brasil”. De onde vem essa representação? Será que essa ideia está ligada ao papel preponderante que o país assume no continente, dadas as suas proporções geográficas e sua importância econômica? Quais os perigos de jovens associarem um continente tão diverso como a América Latina a um só país? O que fazer quando se constata que para jovens brasileiros a América Latina corresponde somente ao Brasil?

Em estudos anteriores, pesquisadores haviam suscitado que o Brasil era pensado como o “outro”, o “diferente” na América Latina, por si mesmo e nos demais países latino-americanos, o que dificultaria a formação de uma identidade latino-americana no Brasil (CRISTOFOLI, 2004 e CONCEIÇÃO, 2007). No entanto, o que esses dados mostram é que, pelo menos no CA da UFSC, o país é facilmente associado à América Latina, não havendo, portanto, nenhuma dificuldade em se identificar com essa categoria. Resta saber se essa identificação é positiva, ou se pretende demonstrar a superioridade brasileira sobre os demais países.

Outra questão que se destaca é a associação à palavra “líder”. Nas respostas escritas encontramos personalidades como “Bob Marley” (2), “Fidel Castro” (4), “Che Guevara” (1), “Hugo Chávez” (1), “Luis

Inácio Lula da Silva” ou só “Lula” (6) e também “Fernandinho Beira-Mar” (2) e “Osama Bin Laden” (1). O que chama à atenção é que 14 alunos associaram a palavra “líder” a lideranças de esquerda e 8 alunos à palavra “presidente”. Esses dados informam sobre as representações políticas que se constroem no imaginário social da juventude brasileira, indicando que a figura dos principais revolucionários de esquerda da América Latina são muito conhecidos entre os jovens. Por outro lado, associar liderança a presidencialismo – forma de governo fundamentalmente articulada à ideia de democracia – pode ser um indício de que “ditaduras”, mesmo de esquerda, não têm muito espaço nas concepções políticas dos jovens.

Em contrapartida, associar Fernandinho Beira-Mar – considerado um dos maiores traficantes de armas e drogas da América Latina (FELTRIN, 2002) – e Osama Bin Laden – considerado como “terrorista” por uns e como o maior ativista do fundamentalismo islâmico por outros – como lideranças na América Latina, mesmo que talvez de forma despreziosa e em caráter de brincadeira para chamar a atenção dos colegas ou desafiar os professores-estagiários, revela as diferentes concepções de liderança que estão em voga entre a juventude brasileira. É necessário perguntar então o que esses jovens entendem por “líder”, para não incorrer no erro de contaminar as respostas dos alunos com as nossas concepções políticas. Mas é possível ir além: que tipo de líderes estão se formando na América Latina?

A segunda atividade (ver anexo C) foi aplicada aos 23 alunos da 7ªB, também no dia 15/04/2009. A professora-estagiária pediu aos alunos que respondessem às seguintes questões: “Defina o que é América para você”, “Defina o que é América Latina para você” e “Se pudesse escolher qualquer lugar do mundo para conhecer, para onde você iria?”. Os alunos deveriam anotar suas respostas numa folha separada, que seria entregue às estagiárias e devolvida apenas ao final do estágio, para que eles pudessem comparar as respostas com os conhecimentos que adquiriram ao longo das aulas.

Como resposta à primeira questão (“Defina o que é América para você”), além de respostas como “*é um nome*” (1), “*é um pedaço de terra no meio do oceano*” (3), “*é um continente*” (2), “*é um conjunto de países*” (4), seis alunos afirmaram que a América é dividida em três partes: América do Norte, América Central e América do Sul. Outros três alunos foram um pouco mais além e afirmaram que a América “*é*

um continente que foi dominado pela Europa”, que “é um continente que foi colonizado em modo de exploração, criando hoje países subdesenvolvidos” e que “é um conjunto de demarcações territoriais que foi descoberto em 1492 por Colombo”. Outra resposta também se destacou: “América é um país que fica no norte do mapa, que lá tem muita tecnologia”.

Já no que se refere à definição de América Latina, que é o nosso interesse neste trabalho, além de respostas como “*não sei*” (3), “*também é um nome*” (1), “*é outro pedaço de terra no meio do oceano*” (3), “*é um conjunto de países*” (2), “*é o conjunto das Américas sul e central*” (4), “*da América do Sul até o México e ilhas próximas*” (2) ou “*do México pra baixo*” (2), também apareceram respostas como “*é um lugar com muitos animais e bom para se viver*” (1). Outros alunos foram um pouco além: “*são o conjunto de países colonizados por países latinos*” (2) e, mais destacadamente, “*é onde fica os países subdesenvolvidos do continente americano*” (2) ou ainda “*é a parte sul do continente, que junto com da América Central, foram colonizados em modo de exploração, criando hoje, países subdesenvolvidos*” (1).

As respostas, mesmo que diversas, apontam para o entendimento da América Latina como um nome e um lugar. Mas o que chama à atenção é a associação do continente com a colonização e a exploração em cinco repostas, desencadeando a atual situação de “subdesenvolvimento” do continente. Além da ideia de passividade que essa visão da história traz, retirando dos latino-americanos a sua condição de agentes históricos e colocando a responsabilidade sobre todo o mal que nos aflige no outro do passado, esse grupo de alunos, assim como os alunos da 7^aC, também apresentou uma visão muito negativa da América Latina. De onde vêm essas representações? O que isso diz sobre a forma como esses alunos se relacionarão com os saberes históricos escolares sobre a América Latina? De que maneira se poderia reverter esse quadro?

Na última questão proposta, que se referia aos lugares do mundo que eles gostariam de conhecer, apenas uma aluna incluiu “México” e “Buenos Aires” em sua lista, ao lado de “Hollywood”, “Paris”, “Londres” e “Madri”. Nenhum dos alunos respondeu que gostaria de conhecer algum lugar do Brasil e os demais também fizeram listas, nas quais o Alasca aparece em uma resposta, o Japão aparece em duas, a

Espanha em duas, a França em cinco, a Itália em duas, a Inglaterra em três, o Canadá em uma e os Estados Unidos em quatro. Por que o Brasil e os demais países da América Latina não são objeto de interesse da maioria dos alunos? O que o ensino de História tem a ver com isso?

Mesmo sem poder responder a todas essas perguntas, os elementos trazidos por essas atividades informam sobre a forma como os jovens brasileiros se relacionam com a América Latina e, portanto, com sua reinvenção na forma de saber escolar. Se um saber só tem sentido e valor por referência às relações que supõe e produz com o mundo, consigo e com os outros, que implicações uma visão negativa da América Latina traz para o estudo da história desse continente? Será que se estaria motivado a estudar e aprender sobre um “conjunto de países subdesenvolvidos”, que não se tem o menor interesse de conhecer e que produz líderes como Fernandinho Beira-Mar? Que identidade se constrói com esses referenciais? Qual o papel do ensino de História para ressignificar esses saberes?

Narrativas e consciência histórica latino-americana

Após um trimestre de aulas na disciplina de Estudos Latino-Americanos, solicitei às professoras-estagiárias da 7ªB a inclusão de uma questão diretamente ligada a esta pesquisa na prova que elas haviam elaborado para a avaliação do trimestre, aplicada no dia 10/06/2009:

“Depois de conhecer um pouco mais sobre a história dos povos que habitaram a América Latina no passado, como você caracteriza a América Latina hoje? Como você imagina que estará a América Latina daqui a 50 anos? E o Brasil?”

O objetivo era observar como os alunos relacionavam a história que eles haviam aprendido com o presente da América Latina e quais perspectivas isso trazia para o futuro, incluindo o Brasil. Ou seja, o objetivo, assim como o desta pesquisa, era perceber de que forma o ensino de História da América Latina se relaciona com a formação de uma consciência histórica latino-americana.

As respostas novamente foram surpreendentes. Além de mostrarem um senso crítico avançado por parte dos alunos, algumas sugerem a reelaboração dos conhecimentos prévios anteriormente identificados e ainda trazem novos elementos para reflexão.

Dos 22 alunos que fizeram a prova, seis apresentaram uma visão totalmente positiva sobre o Brasil e a América Latina, na atualidade e no futuro¹¹.

“Eu acho que a América Latina, é um lugar bom de se viver, que tem diversas culturas bonitas, etc. Eu acho que daqui a 50 anos a América Latina vai ser mais valorizada pelos outros países. O Brasil vai ser um lugar melhor, sem tanta violência e também será mais valorizado, e não vai ter tanta corrupção e mendigos nas ruas, ou não”(B20).

“A América Latina é maravilhosa, tem vários museus, culturas e etc... A tecnologia está de bom tamanho.. Eu imagino a América Latina bem melhor, mais novidades, mais e mais lugares para irmos... o Brasil também” (B19).

Esta última resposta pertence à mesma aluna que afirmou não saber definir a América Latina no exercício proposto no início do trimestre, e escreveu que se pudesse escolher qualquer lugar do mundo para conhecer iria para Miami ou Espanha.

Mesmo que representem apenas 27% do total de 25 respostas, essas narrativas mostram que o estudo da história dos povos pré-colombianos de alguma forma ajudou na reelaboração de algumas representações negativas em relação à América Latina e até em relação ao Brasil. Alguns alunos, inclusive, demonstraram ser capazes de relacionar passado, presente e futuro de forma articulada e explicitaram a importância dos conteúdos estudados para justificar o seu

¹¹ Para garantir o sigilo sobre a identidade dos alunos que participaram da pesquisa as narrativas estão identificadas apenas pela turma (A, B e C) e pelo número de ordem correspondente à entrega do instrumento.

posicionamento. No entanto, também é notável uma ideia implícita de evolução:

“Eu acho que a América Latina se desenvolveu muito dos tempos dos povos pré-colombianos, porque antes ela era muito dependente da mão humana e hoje em dia se vive muito das máquinas e acredito que daqui a 50 anos ela vai viver mas ainda de máquinas, pois cada vez mais ela se desenvolve” (B06).

“Hoje, a América Latina está bastante diferente de antigamente, antigamente as cidades eram governadas por chefes e hoje por presidentes, governadores etc. Antigamente a agricultura era praticada manualmente e os escravos trabalhavam em obras públicas. Já hoje existem máquinas na agricultura e as pessoas recebem salário. A 50 anos as expectativas de vida estarão melhor e o Brasil estará muito violento” (B17).

Esta última resposta pertence ao mesmo aluno que afirmou no exercício anterior que a América Latina é apenas um pedaço de terra no sul da América. Não obstante, respostas como essas trazem um elemento novo para a discussão: a relação com a “modernização”, a “industrialização” e o “avanço tecnológico”. Esses elementos apareceram em 11 repostas, só que de maneira distinta. Para uns, o que é chamado de “desenvolvimento”, é visto como algo positivo, já para outros, é encarado como um dado negativo, capaz de comprometer o futuro da América Latina e do Brasil pelos danos causados à natureza e à cultura.

“Eu caracterizo hoje a América Latina, um lugar bem mais desenvolvido que antigamente. Como eu acho que a América Latina daqui a 50 anos será bem tecnológica, bem mais moderna que hoje em dia. E o Brasil daqui a 50 anos será uma espécie de E.U.A só que com mais mato (árvores, plantas)” (B12).

“Eu caracterizo a América Latina como muito rica em cultura, sabedoria e tecnologia graças aos nossos antepassados, mas daqui a 50 anos se o mundo ainda existir, a América latina e o Brasil estará toda destruída pela tecnologia, desmatamento e não restará mais nenhuma sabedoria deixada por seus antepassados” (B13).

Esta última resposta pertence ao mesmo aluno que, no exercício anterior, afirmou que América Latina era onde ficam os países subdesenvolvidos do continente. Contudo, não se pode deixar de comentar que muitos alunos ainda apresentam uma visão muito negativa em relação à América Latina e ao seu futuro. Outros afirmam que a América Latina é um lugar bom de se viver, mas pouco valorizada, e tende a ser esquecida no futuro.

“Eu caracterizo com um lugar melhor para se viver (menos por causa da poluição) e eu acharia a América Latina daqui a 50 anos como um lugar com pouca vegetação mais poluído e um lugar pior para se viver” (B03).

“Acho que estará muito desenvolvida e sem nenhum vestígio de cultura em país algum. Igualmente para o Brasil acho que estará completamente esquecido culturalmente” (B14).

“Daqui a 50 anos acho que vai ser um lugar seco por causa do aquecimento global, vai chover pouco. Muitas pessoas vão precisar de água por causa do desperdício” (B10).

“Daqui a 50 anos eu acho que vai ser muita poluição, pessoas disputando água para beber e acontecendo muitos fenômenos naturais” (B11).

“Eu acho que a América Latina é muito pouco desenvolvida comparada a europa e os Estados Unidos. Eu acredito que daqui a 50 anos a América latina vai estar mais desenvolvida, mas

também estará poluindo muito mais. O Brasil estará igual a América latina desenvolvida e poluído muito mais” (B08).

Um dado interessante que merece ser comentado é que em duas respostas apareceu a ideia de que o nosso futuro depende das decisões que forem tomadas no presente, ou seja, o futuro é algo que está em construção e nós temos o poder de escolher como queremos estar daqui a 50 anos:

“Se cada um cuidar da terra até lá, tudo vai melhorar, mas isso depende de cada um” (B04).

“Se ninguém tomar medidas, daqui há 50 anos a América Latina poderá estar na maior pobreza” (B05).

Para finalizar a pesquisa, ao final do ano letivo de 2009, foi proposta aos alunos a realização de uma tarefa individual e por escrito, que estimulasse a imaginação para a produção de narrativas históricas (ver anexo E). O objetivo, assim como nas outras etapas, era observar de que forma os alunos relacionam passado, presente e futuro da América Latina e como essa relação orienta as ações desses indivíduos nas tomadas de decisão face aos problemas da sociedade no presente. A tarefa se intitulava “Cápsula do tempo: mensagens para o futuro” e propunha:

“Quando somos jovens, fazemos coisas que ficam guardadas para sempre na memória. Em alguns casos é comum pegar objetos – como algum bonequinho velho, moedas de pouco valor, botões de camisa ou recortes de jornal – fechá-los dentro de alguma lata e enterrá-los no quintal. Uma espécie de “cápsula do tempo” que algum dia no futuro será aberta por alguém que não viveu naquela época.

No dia 21 de junho deste ano várias crianças da cidade de Campos, no Rio de Janeiro, depositaram suas histórias, seus sonhos e seus desejos para o futuro dentro de uma cápsula do tempo que só será aberta no dia 05 de setembro de 2017. Esse evento também aconteceu em outros três países e foi organizado pela equipe do Clube de

Astronomia Louis Cruls em parceria com a Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima.

Imagine que você, por ser aluno da disciplina de Estudos Latino-americanos no CA, foi escolhido(a) para participar de um projeto semelhante com a tarefa de elaborar um documento contando a história da América Latina até os dias atuais para ser guardado numa cápsula do tempo que será reaberta somente daqui a 50 anos. Como você contaria a história da América Latina? Como você descreveria a América Latina no presente? O que você espera para o seu futuro e para o futuro da América Latina nos próximos 50 anos?"

A aplicação desse instrumento ocorreu no dia 13/11/2009 para a turma 7^aA e no dia 20/11/2009 para as turmas 7^aB e 7^aC, durante a aula da disciplina de ELA e em situação previamente negociada com a professora da disciplina. O conteúdo das narrativas produzidas, concebidas como manifestações da consciência histórica, foi analisado a partir da adesão à proposta da atividade (relacionar passado, presente e futuro da América Latina), das questões de significância, das perspectivas de futuro e dos quatro eixos constituintes de sentido narrativo, elaborados por Jörn Rüsen (2001, p. 155), a saber: a percepção, a interpretação, a orientação e a motivação, que juntos articulam a orientação para a vida prática nas tomadas de decisão face aos problemas da sociedade no presente. As tabelas com a frequência das respostas estão no anexo G.

Das 67 narrativas analisadas, 50 aderiram à proposta da atividade e fizeram considerações sobre o passado, o presente e o futuro da América Latina. Nessas narrativas as questões de maior significância, ou seja, os elementos mais frequentes foram:

a) A ocupação europeia violenta e aculturação da população nativa – 35 alunos:

“Com o passar dos tempos os homens (colonizadores) encontraram essas terras e iludiram o povo que habitava, os explorando e roubando suas riquezas, seus bens. Com estes acontecimentos estes povos tão antigos foram se extinguindo. Se apossando destas terras foram

implantando suas culturas, criando um lugar para eles os colonizadores escravizaram os povos e foram eles que realizavam serviços, obras pois não tinham custo de vida auto” (A13).

“Os índios que viviam na América Latina foram torturados e massacrados pelos Espanhóis que se achavam superiores e que o deus deles era melhor que o dos índios” (B03).

“O passado da América foi triste pois seu povo foi massacrado em cima pelos espanhóis e embaixo pelos portugueses. Essa colonização brutal deixou marcas até hoje no presente” (B10).

“Mas esses povos foram destruídos com a chegada dos europeus, que não tiveram dó nem piedade e escravizaram e até mesmo mataram os povos da América Latina” (C14).

b) Os nomes de povos pré-colombianos – 31 alunos:

“Em relação aos povos podemos destacar os povos Maias, Astecas, Olmecas e Incas, que foram grandes civilizações da América Latina” (A01).

“Na América Latina tinha vários povo grupos indígenas, que veremos logo mais os povos por exemplo tupi-guarani, vivia da caça, era um dos maiores grupos indígenas abitado na América do sul, eles viviam da caça, da pesca” (A08).

“Durante anos na América Latina os únicos ou alguns dos povos que abitaram as terras da américa latina foram os Maias, os Astecas, incas, olmecas e guerreavam durante anos eles guerreavam e tomavam territórios” (B18).

“No passado a América Latina eram as terras de muitos povos, como Incas, Astecas, Olmecas, etc.” (C05).

c) América Latina é subdesenvolvida ou está em desenvolvimento – 19 alunos:

“Agora, no presente a América Latina é um lugar que a maioria de seus países estão em desenvolvimento, crescendo mundialmente” (A03).

“Por causa da extração de riquezas da América Latina os países hoje tem como seu desenvolvimento muito baixo conhecido como subdesenvolvido” (A05).

“Agora, no presente, a América Latina é um lugar em desenvolvimento, há pouco tempo era subdesenvolvida graças a essa exploração tão sangrenta” (B05).

“Hoje, a América Latina abriga muitos povos, e vem se desenvolvendo” (C05).

d) A profecia Maia sobre o fim do mundo – 13 alunos:

“Há uma profecia dizendo que o mundo vai acabar em 2012, pessoalmente acho que vão apenas acontecer mudanças” (A01).

“[...] mas os maias preveram que alguma ruim vai acontecer em 21 de dezembro de 2012 então não sei o que esperar do futuro” (B03).

“Para mim a américa latina vai acabar devido a previsão maia que o mundo vai acaba em 2012, então para mim o mundo vai acabar e nem vai chegar em 2050” (B21).

e) A tecnologia – 10 alunos:

“[...] agora com o avanço da tecnologia tudo melhorou e no futuro vai ficar melhor ainda” (A19).

“Por que os povos do futuro vão ser concerteza, do jeito que a tecnologia está evoluindo, ser bem mais desenvolvidos materialmente que nós, tudo que temos de tecnologia agora eles vão ter melhor e mais que ainda vão inventar” (A21).

“No passado da América Latina, as coisas eram menos “tecnológicas digamos”, a televisão era sem cor, não existia computador, não tinha celular, e hoje em dia as coisas são mais tecnológicas, existe mais coisas e são mais avançada na tecnologia” (B02).

“Do passado até os dias atuais a América Latina se desenvolveu muito tecnologia e culturalmente e acho que vai continuar se desenvolvendo” (C07).

f) A história da América Latina teria começado com a chegada dos europeus – 8 alunos:

“A américa-latina começou com a chegada dos Europeus. Grande parte da América Latina quase por inteira foi colonizada pelos Espanhóis, México, Peru, Argentina, Uruguai, Paraguai, Colombia e entre outros. Por Portugal somente o Brasil foi colonizado, outros países que foram colonizados por Europeus foram as Guianas, foram colonizadas pelos franceses” (B11).

“A américa-Latina era só um pedaço de terra quando foi descoberta. Explorada e “massacrada” pelos portugueses e espanhóis, não se tornou uma potência no mundo” (B14).

g) A chegada do homem à América pelo Estreito de Bering – 6 alunos:

“Os antigos povos que habitavam a África eram nômades e foram na direção norte e, durante a Era do Gelo, eles atravessaram o Estreito de Bering e foram para a América do Norte. Eles foram para o sul até chegar na América Latina e lá existiam muitos povos” (A01).

“Para mim, a história da América Latina começou quando os nômades Africanos atravessaram o estreito de Bering que estava congelado a milhares de anos atrás” (A02).

“Tudo começou no estreito de Bering, onde os homo sapiens passaram por um mar congelado era glacial, então foi daí que foi sendo construídas as tribos, como Maias, Astecas, Incas e os Omecas” (A04).

h) Desmatamento / Poluição – 5 alunos:

“Acredito que a AL vai ser um dos países desenvolvidos o mundo, porém não acho que vai ser o paraíso, pois se a poluição, o aquecimento global, e os erros que a sociedade comete continuarem e não mudarem, acredito que boa parte da A.L será tomada pela água” (A17).

“[...] sei que está havendo muita poluição queima da floresta amazonica e outras coisas. Futuro eu acho que a terra não vai durar muito pois como a poluição cria buracos na camada de ozônio e com isso a temperatura tende a aumentar muito” (B08).

Essas questões indicam que de alguma forma a disciplina de ELA interferiu no conhecimento desses alunos sobre a América Latina, pois os elementos mais frequentes nessas narrativas estão diretamente relacionados aos conteúdos ministrados durante o ano letivo de 2009. Cabe destacar que nas últimas semanas anteriores à aplicação do

instrumento os alunos estudaram sobre a chegada dos europeus na América Latina na disciplina de ELA. Ou seja, a questão de maior significância entre as narrativas produzidas fez referência direta ao último conteúdo estudado.

Para esses alunos, o processo de colonização da América Latina foi extremamente violento e deixou marcas perceptíveis no presente, seja pela atual situação dos povos indígenas, seja para justificar o subdesenvolvimento do continente. No entanto, afora a real brutalidade desse processo, essas narrativas evidenciam uma visão vitimizada da história da América Latina, assim como se observou nas narrativas produzidas pelos alunos de uma das turmas investigadas na metade do ano letivo. Esse olhar que faz dos latino-americanos eternas vítimas de um mundo hostil e tira-lhes a responsabilidade sobre sua história traz implicações negativas para o horizonte de expectativas e possibilidades de ação desses jovens. Ivonete da Silva Souza, primeira professora a ministrar a disciplina de ELA no CA da UFSC, já havia feito esta constatação em 2004:

É sob o olhar atento de ministrante de Estudos Latino-Americanos que percebo com nitidez a perplexidade que os alunos do ensino médio atribuem, genericamente, a manutenção do sistema colonial ibérico, a independência dos países latino-americanos, a abolição da escravidão, a fragmentação do continente em diversos países e o subdesenvolvimento dos mesmos à ação deliberada, onisciente e unilateral da Inglaterra. Esta representação é, ao mesmo tempo, explícita e mecânica, dando a impressão de que no contexto das sociedades latino-americanos não havia grupos de interesses opostos e conflituosos. É como se a América, vazia de responsabilidades e intencionalidades, tivesse, secularmente, unitariamente, sempre a condição trágica da vítima (SOUZA apud DIAS, 2004. p. 90-91).

Isso mostra que permanece um desafio para a disciplina a ressignificação desse olhar sobre o continente. Além disso, para 8

alunos a história da América Latina ainda começa com a chegada dos europeus.

Esse dado pode estar relacionado ao estudo recente do processo de colonização da América Latina, pois nas outras atividades realizadas ao longo do ano esses mesmos alunos apresentaram aspectos da cultura pré-colombiana como parte integrante da história da América Latina. Isso evidencia um dos aspectos fundamentais desta pesquisa: a produção de narrativas está permeada de contradições e cabe ao pesquisador atento observar a relação entre o que muda e o que permanece quando uma mesma questão é posta de forma diferente.

Nessa perspectiva cabe destacar que as questões referentes à tecnologia, desmatamento e poluição – frequentes também nas atividades realizadas no início e na metade do ano letivo – continuam presentes de forma significativa nas narrativas históricas produzidas ao final do ano letivo. Em muitos casos a relação entre esses elementos também é contraditória, pois enquanto para uns o desenvolvimento tecnológico garante um futuro melhor, para outros agrava os problemas com a poluição e o desmatamento.

Também permanece recorrente entre muitos alunos a ideia de que América Latina é subdesenvolvida ou está em desenvolvimento. Essa ideia pode estar articulada ao lugar que ocupam os países latino-americanos na economia mundial. É comum pensar que o mundo está dividido em países desenvolvidos e países subdesenvolvidos. Os países em desenvolvimento seriam as antigas colônias e países dependentes que têm um desenvolvimento econômico pequeno em comparação com os países altamente industrializados. No entanto quais países podem ser considerados desenvolvidos atualmente? Quais são os critérios que determinam que um país ou continente está em uma ou outra categoria?

Retornando às categorias de Rüsen, no que se refere às manifestações da consciência histórica e ao sentido temporal de orientação no tempo, 34 alunos apresentaram em suas narrativas a percepção de mudança no tempo:

“A História da América Latina mudou completamente com a vinda dos Europeus, pois eles guerreavam, trouxeram novas religiões e novos modos de viver” (A02).

“[...] praticamente todos os dias estão ocorrendo mudanças aqui, de todas as maneiras, assim eu acho que daqui um tempo as coisas vão ser bem diferentes. Um exemplo disso, é os maias, astecas, incas, etc. nas suas épocas as coisas eram muito diferentes do que são hoje, e eu acho que as mudanças vão continuar acontecendo” (B20).

No entanto, na maioria dos casos essa percepção da mudança está num sentido positivo, com a crença no progresso. Esse dado também foi observado por Schmidt e Barca (2009), ao analisarem as narrativas históricas de jovens brasileiros e portugueses sobre a história contemporânea de seus países.

A ideia de progresso remete a um processo gradativo de transformação, de um tempo linear, que vai de um estágio pior para um melhor, aonde tudo que vem depois é melhor do que já aconteceu. Essa ideia tem como base a capacidade do homem e da humanidade de resolver os problemas materiais que são colocados pela natureza ou pela própria vida em comum, melhorando-a, tornando-a mais perfeita. Mas será que podemos afirmar que o futuro será melhor que o passado ou o presente? Será que os avanços científicos e tecnológicos garantem melhores condições de vida para a população?

Sobre o entendimento do passado como interpretação, no CA da UFSC 41 alunos trouxeram esse elemento em suas narrativas:

“A América Latina teve uma colonização muito difícil, pois teve varios colonizadores, mortes dos indigenas, muita escravidao. Mas apesar disso teve uma consêquencia importante e muito boa, a cultura. Esse cultura que até hoje está até hoje presente no nosso dia-a-dia” (A18).

“Antigamente existia povos separados por culturas, modos de viver e os povos não se misturavam, cada um em cantos do mundo e cada povo com o seu. Até a hora em que um povo começou a se achar melhor que o outro e começou as guerras, e com essas guerras povos foram cendo destruidos e os que prevaleceram

por anos foram formando a América Latina até chegar ao que é hoje depois de milhares de séculos” (B06).

“A história da América Latina é marcada pela violenta colonização feita pelos europeus. Depois de muito tempo os países que compõem a América Latina, começaram a se recuperar economicamente e socialmente dessa grande tragédia. Atualmente a situação desses países é melhor mas ainda há os países sofrem com a pobreza” (C06).

Para além do fato de que a interpretação é própria do ato de narrar, Rüsen (1992, p. 30) aponta que a habilidade de interpretação está em perceber diferenças entre passado, presente e futuro através da concepção de um todo temporal. Nos termos desta pesquisa, a categoria “interpretação” foi concebida como a capacidade de traduzir experiências do passado da América Latina para a compreensão da realidade presente. Como mais da metade dos alunos que participaram da pesquisa recorreram a elementos do passado para explicar a atual situação da continente latino-americano é possível afirmar que o estudo da história da América Latina na disciplina de ELA ajuda a compreender a situação do continente na atualidade. Esse dado também apareceu no *survey*, quando 33 alunos informaram que a disciplina de ELA ajudou a pensar sobre a situação da América Latina no presente.

A leitura atenta das narrativas produzidas por esses alunos deixa claro que eles literalmente interpretam a história do continente latino-americano e mediante a articulação narrativa conferem um sentido próprio a essa história, que por isso mesmo pode variar tanto na forma quanto no conteúdo.

Já sobre a mobilização do passado na orientação da vida prática, apenas 7 alunos apresentaram indícios dessa possibilidade em suas narrativas:

“Hoje em dia ainda há estudos sobre estes antigos povos que influenciam as nossas vidas até hoje, como a astronomia maia que resultam hoje em coisas como calendários” (A01).

“No passado a América Latina era habitada pelos ameríndios. A América Latina era cheia de grupos de povos diferentes. Cada um com sua cultura, modo de viver, entre outros. A América Latina tinha uma grande diversidade natural. Tudo isso foi tirado pelos portugueses quando eles chegaram aqui achando estar nas índias. Hoje a nossa cultura é influenciada pela dos europeus (portuguesa), nossas línguas, comércio, entre outros” (C09).

“Antes da chegada dos europeus a América Latina era basicamente uma floresta fechada onde viviam povos bem estruturados com sua cultura estabelecida e uma crença própria em seus deuses. Assim que os europeus chegaram já declararam que aquelas terras pertenciam ao rei da Espanha e comessaram a colonizar a América Latina. A partir de então tudo mudou, a cultura, a religião...” (C20).

De acordo com Rüsen (1992, p. 30), a mobilização do passado na orientação da vida prática supõe a capacidade de utilizar o todo temporal, com seu conteúdo de experiência, para os propósitos de orientação da vida cotidiana. Segundo o autor, isso implica guiar a ação por meio das noções de mudança temporal, articulando a identidade humana com o conhecimento histórico. Nesse aspecto poucos alunos apresentaram em suas narrativas elementos que permitam entender de que forma eles articulam o conhecimento sobre o passado com a sua vida prática. Essa sem dúvida é uma tarefa extremamente difícil, inclusive para historiadores e professores de História. Como aproximar o conhecimento histórico da realidade dos jovens? A grande dificuldade talvez resida em relacionar aspectos do cotidiano atual com o estudo de acontecimentos de nível macro distantes no tempo em muitos séculos. Como, por exemplo, relacionar a rotina diária de um adolescente de 13 anos, que passa grande parte do seu dia ouvindo música e na frente do computador com o processo de colonização da América Latina? A tarefa é difícil, mas não é impossível. Ela é antes de tudo necessária, pois é

condição básica para que o jovem se reconheça como sujeito histórico, capaz de transformar a realidade em que vive.

O *survey* mostrou que 29 alunos indicaram que alguma coisa mudou em seu cotidiano com o estudo da história da América Latina na disciplina de ELA, seja na conversa com os amigos, na leitura de revistas ou no interesses por notícias veiculadas nos meios de comunicação. Ainda que essas mudanças possam ter sido motivadas pelas demandas da própria disciplina, isso significa que de alguma forma o conhecimento histórico sobre a América Latina tem orientado a vida prática desses alunos.

Contudo, nenhuma das narrativas analisadas indicou que essa orientação motiva a ação. Isso pode estar relacionado à idade desses alunos (média de 13,65 anos), já que vários estudos comprovaram que o desenvolvimento da consciência histórica está relacionado ao desenvolvimento intelectual e cognitivo, ao grau de percepção da autonomia desses indivíduos e ao comodismo e inércia que muitos acreditam caracterizar a situação da juventude na atualidade.

Faz-se corrente nos meios de comunicação e no senso comum o discurso que caracteriza a juventude atual como alienada, individualista, imediatista, consumista e irresponsável, que nada respeita e que não tem limites. Afirma-se também que essa juventude não se interessa por política, não respeita ninguém e não tem ideais. Parece até que todos os jovens das gerações anteriores eram engajados na luta por liberdade e justiça. Mas a juventude de hoje é tão apática quanto sempre foi. Há jovens alienados agora, assim como havia antes. O exagero na afirmação da “apatia juvenil” do século XXI esconde que a crise da participação cidadã é um fenômeno social ampliado que atinge todas as faixas etárias da população e que em todos os lugares e idades há dificuldades para se encontrar meios de ação para a resolução dos problemas coletivos.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) em 2005, intitulada “*Juventude Brasileira e Democracia – Participação, Esferas e Políticas Públicas*”, revelou que na atualidade existem muitos jovens críticos e propositivos, tentando se inserir e buscando caminhos para isso. De acordo com coordenadora adjunta da pesquisa, Anna Luiza Salles Souto, a sociedade de maneira geral não consegue perceber a juventude para além do estereótipo da apatia e da inércia. Segundo a pesquisadora, ao mesmo

tempo em que há pouca participação juvenil em espaços políticos formais, nota-se a presença de jovens em outros tipos de ações coletivas que contribuem para a constituição de espaços públicos juvenilizados em torno de diferentes experiências sociais participativas.

Por tudo isso, acredita-se que o argumento da apatia juvenil não é suficiente para justificar a ausência de mobilização de atitudes face aos problemas da sociedade no presente nas narrativas históricas produzidas pelos alunos do CA. Defende-se aqui que como os outros três elementos constitutivos do sentido para a formação de uma consciência histórica crítico-genética estão presentes nessas narrativas, essa ausência pode estar relacionada à idade dos alunos e ao seu nível de desenvolvimento intelectual e cognitivo. Não obstante, é preciso considerar que em geral o sistema escolar não favorece ao desenvolvimento de posturas autônomas diante da realidade presente. Será que esses jovens se dão conta de que podem interferir na realidade em que vivem? A autonomia, entendida aqui como a capacidade de uma pessoa ou de uma comunidade de tomar as decisões que a afetam construindo suas próprias regras, é essencial para a orientação de ações face aos problemas da sociedade no presente. Mas um indivíduo só se torna autônomo se pouco a pouco ele tiver a oportunidade de tomar as decisões que o afetam. Faz-se, então, necessário investigar se existe lugar para a autonomia nos espaços que esses jovens ocupam dentro e fora da escola.

Em relação às perspectivas de futuro, para 27 alunos o futuro será melhor que o presente:

“No futuro eu acredito que a América Latina vai ter crescido economicamente e que será um local com muitos países desenvolvidos, terá muita tecnologia” (A03).

“Eu acho que o Brasil vai se tornar uma potência mundial e toda a América latina irá se desenvolver” (B10).

“A América-Latina no futuro será uma super potência mundial, só atrás dos Estados Unidos e Japão” (B14).

“Eu acho que no futuro a américa latina vai um local muito poderoso economicamente” (C13).

Mas para 41 alunos ele será pior do que o presente:

“Futuro: Acredito que a AL vai ser um dos países desenvolvidos o mundo, porém não acho que vai ser o paraíso, pois se a poluição, o aquecimento global, e os erros que a sociedade comete continuarem e não mudarem, acredito que boa parte da A.L será tomada pela água” (A17).

“Acho que no futuro já vai ser bem desenvolvido com varios tipos de tecnologia, mas vai ficar muito perigoso, e não sei onde isso vai parar a população vai cresce e diminuir com tantas mortes e não vai ter muitos empregos” (A22).

“A américa latina vai ser destruída por tsunames e vulcões, movimentação da crosta terrestre, terremotos e pelos assassinos marroquinos” (B07).

“[...] eu acho que a terra não vai durar muito pois como a poluição cria buracos na camada de ozonio e com isso a temperatura tende a aumentar muito” (B08).

“[...] eu não vejo o futuro, mas como eu estou falando da américa latina, o mundo vai acabar” (B13).

“[...] o futuro eu acho todo mundo vai morre congelado” (C25).

Para 20 alunos o futuro já está fechado:

“Por que os povos do futuro vão ser concerteza, do jeito que a tecnologia está evoluindo, ser bem mais desenvolvidos materialmente que nós, tudo

que temos de tecnologia agora eles vão ter melhor e mais que ainda vão inventar” (A21).

“No futuro imagino, que o mundo acabara mais não porque os maias preveram mais sim da vinda de Jesus” (B01).

mas para 32 alunos ele está em construção:

“O futuro está sendo formado pelas decisões das pessoas, se a poluição e o desmatamento continuarem o futuro será horrível, mas se pararem irá melhorar” (A01).

“Futuro: Estou fazendo no presente” (C04).

O pessimismo em relação ao futuro, envolvendo tanto a profecia maia quanto as catástrofes climáticas, por conta do desmatamento e da poluição, ou o aumento da violência e do desemprego configuram um cenário assustador em relação ao futuro da América Latina. Esse dado também apareceu nas pesquisas desenvolvidas por Cerri, Ferreira e Pacievitch (2009), utilizando o *survey* intercultural entre jovens brasileiros, argentinos e uruguaios.

A presença desse elemento nas narrativas dos alunos do CA pode estar relacionada ao discurso catastrófico dos meios de comunicação de massa sobre os danos irreversíveis causados ao meio ambiente. Por outro lado, se o futuro é construído pelas escolhas feitas presente, o que esses jovens estão fazendo para reverter esse quadro? Qual o seu papel enquanto sujeitos desse processo? A ausência do fator de mobilização nas narrativas desses jovens limita as possibilidades de transformação da realidade latino-americana.

Contudo, cabe destacar que o caminho para a formação de uma consciência histórica latino-americana do tipo “crítico-genética (RÜSEN, 1992), articulada com a mobilização de atitudes, já começou a ser percorrido. Três dos quatro eixos constitutivos do sentido histórico já podem ser encontrados nas narrativas elaboradas por esses alunos em 2009 e certamente isso está diretamente relacionado ao ensino da história da América Latina na disciplina de ELA.

REFLEXÕES FINAIS

A temática da consciência histórica entre os jovens tem sido a preocupação de alguns grupos de pesquisas, tanto nacionais como internacionais. Os resultados dessas pesquisas têm estimulado o diálogo entre os grupos e aprofundado o debate teórico-metodológico em torno dos princípios epistemológicos deste campo de conhecimento no âmbito do contexto escolar e fora dele. Mesmo que o volume dessas pesquisas não seja tão grande quanto o desejado, tornou-se imprescindível fazer um levantamento dos principais trabalhos publicados sobre essas temáticas, tornando possível o estabelecimento de um diálogo “com” e “entre” esses estudos.

Esse levantamento revelou a existência de poucos estudos sobre a relação entre consciência história e identidade latino-americana, o que indica a pertinência deste trabalho e acentua o seu caráter inovador. Como já foi dito, continua um grande desafio para a educação, e para o ensino de História em particular, o encaminhamento de propostas que minimizem o isolamento cultural entre as nações latino-americanas.

As narrativas históricas produzidas pelos alunos sobre a inter-relação passado em momentos distintos ao longo de um ano indicam a interferência da disciplina de ELA no aprendizado da história da América Latina, pois os elementos mais frequentes nessas narrativas estão diretamente relacionados aos conteúdos ministrados durante o ano letivo de 2009. Esses elementos contribuíram de forma essencial para o desenvolvimento de uma consciência histórica latino-americana, articulada com a orientação da vida prática.

Durante a primeira coleta de dados para a pesquisa, na realização do estágio de docência/observação participante, ficou claro que mesmo antes do estudo propriamente dito da história da América Latina vários alunos de duas das turmas investigadas já apresentavam muitos referenciais sobre o continente, seja sobre seus principais líderes, seja sobre seus países ou sobre aspectos da sua história, revelando inclusive uma visão bem articulada do Brasil na América Latina. No entanto, boa parte desses referenciais envolvia idéias de pobreza e subdesenvolvimento. Essas idéias foram reelaboradas por alguns alunos ao longo do ano, mas ainda permanecem recorrentes para outros.

De acordo com Luis Fernando Cerri (2001, p. 110), a formação histórica dos alunos depende apenas em parte da escola, o que torna necessário considerar com interesse cada vez maior o papel dos meios de comunicação de massa, da família e do meio imediato em que o

aluno vive. Nessa medida, como já se sabe que esses alunos têm um alto consumo de mídias, que passam boa parte do seu dia com amigos e familiares e a principal contribuição desse tempo está no campo das idéias, dos comportamentos e das atitudes, pode-se afirmar que assuntos ligados à América Latina têm feito parte desses momentos.

As narrativas produzidas na metade do ano letivo, por sua vez, trouxeram novos elementos para a reflexão: a significância da tecnologia, da poluição e do desmatamento para caracterizar a América Latina no presente e indicar as perspectivas de futuro. Esses elementos apareceram de maneira contraditória, pois enquanto para uns o desenvolvimento tecnológico é visto como algo positivo, para outros, ele é encarado como um dado negativo, capaz de comprometer o futuro da América Latina e do Brasil pelos danos causados à natureza e à cultura. Não obstante, a ideia de desenvolvimento, ligada à ideia de progresso, revelou uma visão linear e evolucionista da história em boa parte dos alunos, na qual o desenvolvimento social é considerado um processo inevitável e determinado.

Ao final do ano letivo, o *survey* mostrou que apesar de 51 alunos terem apontado a contribuição da disciplina para o seu aprendizado sobre a história da América Latina, o peso de outros meios como viagens, internet e documentários é superior. Resta investigar se a interferência desses meios não se deu exatamente pelas demandas da disciplina. O mesmo acontece em relação às mudanças efetivas no cotidiano desses jovens em função do estudo dessa história: será que a leitura de livros e revistas, as pesquisas na internet e as conversas com amigos sobre assuntos relacionados à América Latina também não foram motivadas pelas demandas da própria disciplina? De qualquer forma, é possível afirmar que a disciplina interferiu na rotina desses jovens pelo menos durante o ano letivo de 2009.

No que se refere ao entendimento de que ao estudarem a história da América Latina esses jovens estariam estudando sobre sua própria história, as respostas “não” e “talvez” somam mais do que as respostas “sim”. Mas quando questionados sobre a participação da disciplina para pensar a situação da América Latina na atualidade, as respostas “sim” totalizam 2,9% a mais que as respostas “não” e “talvez” somadas. Isso leva a investigar qual seria então a real contribuição da disciplina para o conhecimento da história da América Latina e se a disciplina conseguiu realmente atingir seus objetivos ao final de um ano letivo.

Como mais de 70% dos 67 alunos que participaram da pesquisa identificaram características culturais e históricas das sociedades pré e pós-colombianas, reconhecendo as contribuições das sociedades indígenas para o conhecimento e acúmulo da experiência cultural e humana pode-se sim afirmar que a disciplina cumpriu as suas finalidades. Além disso, esses alunos também demonstraram ser capazes de identificar as semelhanças e as diferenças existentes nas culturas e sociedades latino-americanas e de comparar os processos de ocupação territorial e colonial nessas sociedades.

Portanto, mesmo que as contribuições da disciplina de ELA não tenham atingido a totalidade dos alunos, no ano de 2009 ela cumpriu com os seus objetivos e ofereceu aos alunos das 7^a séries subsídios para conhecerem e refletirem sobre a história da América Latina e sobre sua própria história.

Já em relação à formação de uma consciência histórica latino-americana, mesmo que a maioria dos alunos tenha apresentado em suas narrativas a percepção de mudança no tempo e as noções de passado como interpretação e orientador do presente, essas idéias parecem ainda não motivar as ações desses jovens face aos problemas da América Latina no presente. Essa ausência de motivação na elaboração de narrativas pode estar relacionada tanto à idade dos alunos, e ao seu nível de desenvolvimento intelectual e cognitivo, quanto ao grau de percepção da autonomia desses indivíduos.

De acordo com Rüsen (1992, p. 34), o aprendizado da História é um processo de digestão de experiências de tempo em formas narrativas. Segundo o autor, esse aprendizado envolve a aquisição de habilidades para experimentar o tempo passado, interpretá-lo na forma de história e utilizá-lo para um propósito prático na vida. Para completar efetivamente esse processo é preciso tempo. Por isso, reforça-se aqui a importância de dar continuidade a esse processo nas séries seguintes, especialmente na disciplina de ELA, de modo a estimular as ações desses indivíduos na tomada de decisões face aos problemas da América Latina no presente.

Considerações

As narrativas históricas produzidas pelos jovens que participaram desta pesquisa evidenciaram a contribuição dos conteúdos latino-americanos na grade curricular de ensino para a formação histórica dos sujeitos na escola, tendo em vista que estes saberes são fundamentais na formação identitária dos jovens no mundo atual. No entanto, considera-se que a produção de saberes históricos escolares deve ser confrontada com o consumo dos artefatos culturais da cultura contemporânea dos jovens, como filmes, programas televisivos, leituras, músicas, revistas, internet e outros, manifestos no vocabulário e no comportamento desses sujeitos dentro e fora das salas de aulas de História.

Os resultados desta pesquisa empírica não são generalizáveis. A seleção da amostra foi intencional e não probabilística, envolvendo jovens com um padrão de vida que pode ser considerado alto em relação aos demais jovens que frequentam o ensino público, e que têm acesso a uma disciplina inédita no Brasil em seu currículo obrigatório, a disciplina de Estudos Latino-americanos. Estes dados devem, portanto, ser confrontados com outras pesquisas que envolvam jovens com características sócio-econômicas diferentes e que não tenham acesso a essa disciplina. Isso já começou a ser feito em Santa Catarina pelos pesquisadores que integram o Projeto *“A Escola e os jovens e crianças no mundo contemporâneo: processos de formação histórica latino-americana”*, integrado ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Ensino de História da UFSC e financiado pela FAPESC. Os resultados serão apresentados em novembro de 2011.

Os dados obtidos com esta pesquisa – atividades, questionários e narrativas – estão arquivados no Acervo de Memória Educacional (AME) do CA da UFSC e estarão sob a supervisão do coordenador do Acervo para assegurar a confidencialidade. As informações obtidas são consideradas sigilosas e deverão ser utilizadas exclusivamente em pesquisas acadêmicas sem a identificação dos participantes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ronaldo Cardoso. **Representações sociais e a construção da consciência histórica**. 2006. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ALVES, Tamar Kalil de Campos; FONSECA, Selva Guimarães. A América Latina no ensino médio: os saberes históricos escolares nos manuais didáticos. In: Encontro Regional de História da ANPUH-MG, 14, 2008, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-MG**. Belo Horizonte: ANPUH-MG, 2008.

ARDAO, Arturo. Panamericanismo y Latinoamericanismo. In: ZEA, Leopoldo (Org.). **América Latina en sus Ideas**. México: Siglo XXI/UNESCO, 1986.

ASHBY, Rosalyn. Desenvolvendo um conceito de evidência histórica: as idéias dos estudantes sobre testar afirmações factuais singulares. In: SCHMIDT, M. A. e GARCIA, T. M. B. (org.). **Educar em Revista: Número Especial**. Curitiba, 2006, p. 153-154.

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisa Survey**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

BALZ, Andréia; MENEZES, Daniela Siqueira de; BACKES, Glauco de Souza. Relatório de Estágio da Prática de Ensino no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina na turma 7ª C na disciplina Estudos Latino-americanos. **Relatório**. Florianópolis, 2009.

BARCA, Isabel (org.). Para uma educação Histórica de qualidade. In: Jornadas Internacionais de educação histórica, 4, 2004, Braga. **Actas das IV Jornadas Internacionais de educação histórica**. Braga: Universidade do Minho, 2004.

BARCA, Isabel. Educação histórica: uma nova área de investigação. Revista da Faculdade de Letras. **HISTÓRIA**, Porto, v. 2, 2001.

BARCA, Isabel. Investigação em Educação Histórica. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BRAGA, Tânia. (orgs.). **Perspectivas em Educação Histórica: Actas das VI Jornadas Internacionais de Educação Histórica**, Curitiba, 2007.

BARCA, Isabel. Literacia e consciência histórica. **Educar**, Curitiba, Edição Especial, 2006.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. As humanidades no ensino. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 2, 1999.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história da América: reflexões sobre problemas de identidades. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, v. 4, 2005.

BRUIT, Héctor. A invenção da América Latina. In: Encontro da ANPHLAC, 5, 2000, Belo Horizonte. **Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC**, Belo Horizonte, 2000.

CAINELLI, Marlene. Educação Histórica: perspectiva de aprendizagem da história no ensino fundamental. **Educar em Revista**, Curitiba, 2006.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. A arquitetura da teoria: o complemento da trilogia de Jörn Rüsen. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 5, n. 1, 2008.

CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto; GONZÁLEZ, Maria Fernanda (orgs.). **Ensino da história e memória coletiva**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CARVALHO, Daniela Vallandro de; MEDEIROS, Elisabeth Weber. O ensino de História da América Latina a partir das novas abordagens historiográficas. In: Jornada Nacional de Educação, 12, 2006, Santa Maria. **Anais eletrônicos da XII Jornada Nacional de Educação**. Santa Maria, 2006.

CERRI, Luis Fernando. Didática da história: uma geografia do saber histórico nas sociedades. In: NETO, José Miguel Arias (org.). **Dez Anos de Pesquisas em ensino de História: VI Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História**. Londrina: Atrito Art Editorial, 2005.

CERRI, Luis Fernando. **Jovens e a história, um survey intercultural latino-americano**: alguns resultados. Palestra proferida ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Ensino de História. Florianópolis, 12 de maio de 2009.

CERRI, Luis Fernando. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da Didática da História. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, 2001.

CERRI, Luis Fernando; AMEZOLA, Gonzalo de. Los jóvenes brasileños y argentinos frente a la enseñanza y el aprendizaje de la Historia. **Revista de Teoría y Didáctica de las Ciencias Sociales**, Mérida, v. 12, 2007.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, 1990.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. **Programa de Estudos Latino-americanos – 7ª série do Ensino Fundamental**. Disponível em: <<http://www.ca.ufsc.br/ementario/series5a8>>. Acesso: em 13 de mar. 2009.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. **Regimento escolar e organização didática**. Universidade Federal de Santa Catarina. Outubro de 2007.

CONCEIÇÃO, Juliana Pirola; DIAS, Maria de Fátima Sabino. Os jovens e a América Latina: elementos prévios para a construção do saber histórico escolar. In: VII Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História, 7, 2009, Uberlândia. **Anais do VII Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História**, Uberlândia, 2009.

CONCEIÇÃO, Juliana Pirola; LEITE, Juçara Luzia. Brasil, Qual é o seu Lugar? A imagem do Brasil em livros didáticos latino-americanos. In: Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Lationamericana, 8, 2007, Buenos Aires. **Anais do VIII Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Lationamericana**. Buenos Aires, 2007.

CRISTOFOLI, Maria Silvia. Trilhando caminhos diferentes: as representações dos professores de História através do intercâmbio cultural Brasil-Argentina. In: DIAS, Maria de Fátima Sabino (org.). **História da América: ensino, poder e identidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004a.

CRISTOFOLI, Maria Silvia; DIAS, Maria de Fátima Sabino. A História da América: entre o prescrito e as práticas docentes. In: Encontro da ANPHLAC, 6, 2004, Maringá. **Anais Eletrônicos do VI Encontro da ANPHLAC**, Maringá, 2004b.

DIAS, Maria de Fátima Sabino (org.). **História da América: ensino, poder e identidade**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2004.

DIAS, Maria de Fátima Sabino. **A “Invenção da América” na cultura escolar**. 1997. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 1997.

DIAS, Maria de Fátima Sabino. **A escola e os jovens no mundo contemporâneo: processos de formação histórica latino-americana**. Projeto de Pesquisa aprovado pelo Departamento de Metodologia em Ensino da UFSC em 2008. Florianópolis. Trabalho não publicado.

EVANGELISTA, Olinda; TRICHES, Jocemara. Ensino de História, Didática da História, Educação Histórica: Alguns dados de Pesquisa (2000-2005). **Educar em Revista**, Curitiba, v. especial, 2006.

FELTRIN, Ricardo. Saiba mais sobre o traficante Fernandinho Beira-Mar. **Folha Online**, Cotidiano. 11. set. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u58844.shtml>>. Acesso em: 11 jun. 2009.

FERREIRA, Angela Ribeiro; PACIEVITCH, Caroline; CERRI, Luis Fernando. Jovens brasileiro, argentinos e uruguaios na constituição de identidades e na tomada de decisões políticas. In: VII Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História, 7, 2009, Uberlândia. **Anais do VII Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História**, Uberlândia, 2009.

FILHO, Antonio José do Nascimento. **Bartolomeu de Las Casas, um cidadão universal: uma questão de alteridade com os povos do novo mundo**. São Paulo: Loyola, 2005.

GAGO, Marília. Concepções de passado como expressão da consciência histórica. **Currículo sem fronteiras**, v.7, n.1, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS. **Juventude Brasileira e Democracia – participação**,

esferas e políticas públicas: Relatório final – novembro de 2005. São Paulo: Ibase / Pólis, 2005.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, 2001.

KOLING, Paulo José. O ensino de História da América na educação básica: reflexões a partir de livros didáticos e obras utilizadas em escolas públicas no Oeste do Paraná. In: Encontro Internacional da ANPHLAC, 8, 2008, Vitória. **Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC**. Vitória: ANPHLAC, 2008.

KUSNICK, Marcos Roberto. **A filosofia cotidiana da história:** uma contribuição da didática da história. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.

LE GOFF, Jacques. Memória-História. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica. **Educar em Revista**, Curitiba, v. especial, 2006.

LUCINI, Marizete; OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira; MIRANDA, Sonia Regina. Na esteira da Razão histórica: olhares e diálogos com a obra de Jörn Rüsen. In: ZAMBONI, Ernesta (org.). **Digressões sobre o Ensino de História:** memória, história oral e razão histórica. Maria do Cais: Itajaí, 2007.

MANCE, Euclides André. A Filosofia da Libertação na América Latina e o seu papel na construção de uma identidade latino-americana. In: Encontro Estadual de Estudantes de História, 2, 1995, Joinville. **Anais do II Encontro Estadual de Estudantes de História**. Joinville: Univille, 1995.

MEDEIROS, Daniel Hortêncio de. Manuais didáticos e formação da consciência histórica. **Educar em revista**, Curitiba, n. especial, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

NEVES, Carolina Steiner; CUNHA, Mayra Hartmann; SENA, Priscila Carboneri. Relatório Final: Estágio realizado no Colégio de Aplicação

da UFS, na disciplina de Estudos Latino-americanos. **Relatório**. Florianópolis, 2009.

O' BRIEN, Kelly (ed.) **African Studies Handbook** – Curriculum and Resource Guide for Elementary and Secondary School Teachers. 3Th ed. Massachusetts: University of Massachusetts Center for International Education, 2003. Tradução livre de Caroline Cabral Bueno.

ORTIZ, Renato. Prólogo. In: DOMINGUES, José Maurício; MANEIRO, María (orgs.). **América Latina hoje**: conceitos e interpretações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

REIS, Maria José. Interculturalismo e educação: reflexões a partir de um intercâmbio discente. In: DIAS, Maria de Fátima Sabino (org.). **História da América**: ensino, poder e identidade. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2004.

RÜSEN, J. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico: una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. Trad. Silvia Finocchio. **Propuesta Educativa**, Buenos Aires, n 7, out. 1992.

RÜSEN, Jörn. A História entre a modernidade e a pós-modernidade. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 4, n. 26/27, 1997.

RÜSEN, Jörn. Conscientização histórica frente à pós-modernidade: a História na era da “nova intransparência”. **História: Questões e Debates**, Curitiba, v.10, n. 18/19, 1989.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, v. 1, n. 2, 2006.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v.1, n. 2, jul-dez 2006.

RÜSEN, Jörn. Explicação narrativa e o problema dos construtos teóricos de narração. **Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica**, São Paulo, n. 3, 1987.

RÜSEN, Jörn. **História viva – Teoria da História III**: Formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007a.

RÜSEN, Jörn. Narratividade e objetividade nas ciências históricas. **Textos de História**, Brasília, v. 4 , n. 1, 1996.

RÜSEN, Jörn. Perda de sentido e construção de sentido no pensamento histórico na virada do milênio. **História: debates e tendências**, Passo Fundo, v.2 , 2001.

RÜSEN, Jörn. Perda de sentido e construção de sentido no pensamento histórico na virada do milênio. **História debates e tendências**, Passo Fundo, v. 2, 2001a.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica – Teoria da História I**: Os fundamentos da ciência histórica. Brasília: EDUnB, 2001b.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do Passado – Teoria da História II**: Os Princípios da Pesquisa Histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007b.

SANTOS, Luís Cláudio Villafañe. As várias Américas: visões do século XIX. **Estudos de História**, Franca, v. 10, n. 1, 2003.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; BARCA, Isabel. Consciência histórica: um diálogo entre países. In: VII Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História, 7, 2009, Uberlândia. **Anais do VII Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História**, Uberlândia, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; BRAGA, Tania. Dossiê educação histórica. **Revista Educar**, Curitiba, 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tania Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 25, n. 67, 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tania Braga. Pesquisas em Educação Histórica: algumas experiências. **Educar em revista**, Curitiba, v. 1, 2006a.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tania Braga. Perspectivas da Didática na Educação Histórica. In: Reunião Anual da ANPED, 29, 2006, Caxambu. **Atas da 29a. Reunião anual da ANPED**. Caxambu: ANPED, 2006b.

SILVA, Vitória Rodrigues. O ensino de história da América no Brasil. **Diálogos**, Maringá, v. 8, n. 2, 2004.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de; DURAND, Olga Celestina. Experiências educativas da juventude: entre a escola e os grupos culturais. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. especial, jul.-dez., 2002.

SOUZA, Ivonete da Silva; VERÍSSIMO, Marise da Silveira. **Proposta de Inclusão da disciplina de Estudos Latino-americanos para o Ensino Fundamental e Médio do Colégio de Aplicação da UFSC**. 2003. Disponível em: <<http://www.ca.ufsc.br/ela/PropostaDeInclusao.htm>> Acesso em: 13 mar. 2009.

SOUZA, Ivonete. Estudos Latino-Americanos: a criação e a inclusão de uma nova disciplina escolar no Ensino Fundamental e Médio do Brasil. In: DIAS, Maria de Fátima Sabino (org.). **História da América: ensino, poder e identidade**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2004.

VÁSQUEZ, Rodrigo Henríquez. Entre historias y experiencias: conciencia histórica e identidades en construcción en jóvenes inmigrantes en Catalunya. In: MUÑOZ, María Isabel Vera; PÉREZ, David Pérez. **Formación de la ciudadanía: las TICs y los nuevos problemas**. Alicante, 2004.

VERÍSSIMO, Marise da Silveira. América Latina: ensino e poder. In: DIAS, Maria de Fátima Sabino (org.). **História da América: ensino, poder e identidade**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2004.

VOLTOLINI, Anderson Francisco Floriani; SERPA, Pollyana Varella. Relatório de Estágio. **Relatório**. Florianópolis, 2009.

ZAMBONI, Ernesta. **Peabiru: ensino de História e cultura contemporânea**. Projeto de Pesquisa encaminhado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico em 2008. Campinas. Trabalho não publicado.

ZUNDT, Maria Dolores. **América curricular: saberes históricos no ensino fundamental 1980-2001**. 2001. 193f. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ANEXOS

ANEXO A
PROGRAMA DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS
7ª SÉRIE - ENSINO FUNDAMENTAL

EMENTA:

Focar as reflexões em relação à América Latina, problematizando especialmente os estudos comparativos a respeito dos processos histórico políticos, e questões sociais e culturais dos seus países.

OBJETIVO GERAL:

Desenvolver reflexões a respeito das diferenças e semelhanças presentes entre os povos que fazem parte das nações latino-americanas, atendendo simultaneamente a objetivos que compartilhem mecanismos de integração, identidade e alteridade, objetivando construir noções de respeito cultural e solidariedade continental.

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICO

Período Pré-colombiano e colonial

História das Relações Sociais, Cultura e Trabalho.

1. Noções de tempo, diferença/semelhança, permanência/mudança
A ocupação da América por sociedades pré-colombianas
Diferentes formas de vida
2. A terra e as comunidades indígenas na América
Mitos e Ritos
Relações sociais e poder
3. Diferenças no uso/apropriação dos modos de vida na organização dos sistemas produtivos coloniais.
Diferenças/semelhanças entre os sistemas coloniais.
Desorganização das comunidades indígenas/formas de mercantilização da terra.
Diversificação na organização do trabalho e nas relações com a terra.

4. Rebeliões e resistências no processo de desapropriação da terra e da força de trabalho.

5. Mudanças e Permanências no processo de construção dos Estados Independentes da América – as identidades nacionais

Objetivos:

- Conhecer e identificar características culturais e históricas de sociedade pré e pós-colombiana, respeitando e reconhecendo as contribuições das sociedades indígenas para o conhecimento e para o acúmulo da experiência histórica e cultural humana.
- Desenvolver a observação, o reconhecimento e a memória visual a respeito do patrimônio cultural das sociedades ameríndias.
- Identificar semelhanças e diferenças existente nas culturas e sociedade latino-americanas, no sentido de acessar uma perspectiva crítica e respeitosa ante a diversidade histórica dos povos do continente.
- Comparar os processos de ocupação territorial e colonial das sociedades latino americanas.

METODOLOGIA:

Os conteúdos serão distribuídos em uma só unidade que contém cinco linhas temáticas, que abrangerão simultaneamente conteúdos e desenvolvimento de habilidades metodológicas. A transposição didática se pautará em dinâmicas e recursos pedagógicos construídos no interior da didatização das disciplinas das áreas humanas, numa constante busca de interdisciplinaridade com outras áreas disciplinares, e com as mediações pedagógicas oriundas da cultura escolar, tais como: aulas expositivas dialogadas, leitura, interpretação e análise de textos didáticos, utilização de linguagens como: vídeo, cinema, multimídia, documentos, estudo de meio.

AVALIAÇÃO:

A avaliação levará em conta aspectos multifacetados da relação entre: sujeito / conhecimento / sujeito; teoria / prática; responsabilidade / assiduidade / solidariedade; profundidade de conhecimento / coerência argumentativa. E levará em consideração habilidades como: descrição/comparação /interpretação/dedução/explicação/síntese.

Como elementos avaliativos específicos a disciplina poderá utilizar-se de trabalhos dissertativos de diversas modalidades como: comentários, sínteses, interpretações e releituras de textos, etc. Pesquisas de caráter escolar, testes e “provas”, painéis, tabelas comparativas e classificatórias, portfólio, dossiês, etc.

BIBLIOGRAFIA

INDIGENISMO

BRUXEL, Arnaldo. **Os trinta povos guaranis**. Porto Alegre: EST/Novo Dimensão, 1985.

CADERNOS DA COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO/SP. Nº 2. **A questão da terra**. São Paulo: Editora Global, 1981

CLASTRES, Hélène **Terra sem mal: o profetismo tupi-guarani**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO/SP. **A questão da educação indígena**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

DAVIS, Shelton H. **Vítimas do milagre: o desenvolvimento e os índios do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HOORNAERT, Eduardo. (org) **Das reduções latino-americanas às lutas indígenas atuais**. IX Simpósio Latino-Americano da CEHILA, Manaus, 29 de julho a 01 de agosto de 1981. São Paulo: Edições Paulinas, 1981

JUNQUEIRA, Carmem & CARVALHO, Edgard de A. (org) **Antropologia e indigenismo na América Latina**. São Paulo: Cortez Editora, 1981.

LISBÔA, Pe. Thomaz de Aquino, S.J. **Entre os índios münkü: a resistência de um povo**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

LUGON, C. **A república “comunista cristã” dos guaranis, 1610-1768**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

LUKESCH, Anton. **Mito e vida dos índios caiapós**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Estudos Brasileiros, 1976.

MELATTI, Júlio Cezar. **Índios do Brasil**. Brasília: Editora de Brasília, 1972.

MINDLIN, Betty. **Nós paiter: os suruí de Rondônia**.

NEVES, Luiz Felipe Baeta. **O Combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios: colonialismo e repressão cultural**. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1978.

- NOVAES, Sylvia Caiuby. Et all. **Habitações indígenas**. São Paulo: Editora da USP, 1983.
- PORTILLO, José López. **Quetzalcoatl**. São Paulo, Editora Civilização Brasileira, 1982.
- RAMOS, Alcida Rita. **Hierarquia e simbiose: relações intertribais no Brasil**. São Paulo. Hucitec, 1980.
- RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. Petrópolis: Vozes 1977.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. **Educação e sociedades tribais**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1975.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. **Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos xokleng**. Florianópolis: Lunardelli, 1973.
- TREVISAN, Armindo. **A escultura dos sete povos**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1980.

AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA

- ABREU, Aurélio M. G. **Civilizações que o mundo esqueceu**. São Paulo: Hemus.
- ACQUAVIVA, Marcus Cláudio. **Lendas e tradições das américas: arqueologia, etnologia e folclore dos povos latino-americanos**.
- ANDERS, F., JANSEN, M., GARCIA, L.R. **Crónica Mixteca – el rey 8 venado, garra de jaguar, y la dinastía de Teozacualco-Zaachila**. Libro explicativo del lhamado Códice Zeuche-nuttall. México: Fondo de Cultura Econômica, 1992.
- BAUDEZ, Claude F. **Archaeologia mvndi**. Barcelona: Editorial Juventud, 1976.
- CAPUCCI, Victor, Zappi. **Fragments de cerâmica brasileira**. São Paulo. Brasiliana, 1987.
- CARTER, Geraldine. **Guia Ilustrado Mitologia Latino-Americana – Astecas, Maias, Incas e Amazônia**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- FAVRE, Henri. **A civilização Inca**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- GENDROP, Paul. **A civilização Maia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- MEGGERS, Betty J. **América pré-histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SOUSTELLE, Jacques. **A civilização Asteca**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

DESCOBERTA E CONQUISTA

CHAUNU, Pierre. **Sevilha e a América - nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Difel, 1980.

COLOMBO, Cristóvão. **Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento**. Porto Alegre: LPM, 1991.

GARCIA, Emanuel Soares da Veiga. **O comércio ultramarino espanhol no prata**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso: o novo mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LAS CASAS, Frei Bartolomé de. **Brevíssima relação da destruição das índias**.

LEONARD, Irving A. **Viajeros por la América latina colonial**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

MARLOWE, Stephen. **As memórias de Cristóvão Colombo: aventuras e desventuras do grande descobridor, contadas por ele mesmo no estilo de hoje**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1987.

MICELI, Paulo. **O ponto onde estamos: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista**. São Paulo: Editora Página Aberta/Scritta, 1994.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **O mercantilismo e a América**. São Paulo: Contexto, 1990.

ROMANO, Ruggiero. **Mecanismos da conquista colonial**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

SEPÚLVEDA, Juan Guinés de. **Tratado sobre las justas causas de la guerra contra los indios**. Cidade do México: Fondo de Cultura Econômica, 1996.

STEIN, Stanaley J. & STEIN, Barbara H. **A herança colonial da América latina: ensaios de dependência econômica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América – a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VAIFAS, Ronaldo. **América em tempo de conquista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

VAIFAS, Ronaldo. **Economia e sociedade na América espanhola**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

REBELIÕES E REVOLUÇÕES

RESENDE, Angélica & GERAB, Kátia. **A Rebelião de Tupac Amaru**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANTOS, José Vicente dos. (org) **Revoluções camponesas na América latina**. Campinas: Editora da Unicamp/Ícone, 1985.

OBRAS DE CARÁTER GERAL:

CHASTEEN, John Charles. **América Latina – uma história de sangue e fogo**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DONGUI, Halperim. **História da América latina**.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História da América latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

PINSKY, Jaime, et al. **História da América através de textos**. São Paulo: Contexto, 1989.

COLETÂNEAS

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA, Nº 21. **América, américas**. Fevereiro, 1991.

BIOGRAFIAS

TREND, J.B. **Bolívar – e a independência da América Espanhola**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965

TULIÁN, Antônio. **Belgrano para jovens principiantes**. Buenos Aires: Longseller, 2001.

BIBLIOGRAFIA PARA O GRANDE PÚBLICO

BRUIT, Hector; et al. **História da América através de textos**. Textos e Documentos vol. 4. São Paulo: Contexto, 2001.

ANEXO B

ATIVIDADE 1 – ASSOCIAÇÃO DE PALAVRAS

Uma avaliação dos conhecimentos e percepções dos alunos sobre a África é altamente recomendada. O professor pode usar as respostas dos alunos como guia para selecionar os tópicos ou objetivos a serem enfatizados no ensino de história da África. Os alunos devem ser avaliados novamente ao final de seus estudos para determinar se suas impressões sobre África mudaram.

Como os alunos normalmente relutam em expressar suas idéias sobre o desconhecido, essa atividade requer somente uma palavra como resposta.

Objetivo Geral

Os estudantes irão identificar e examinar suas percepções sobre a África e os Africanos e irão examinar as fontes dessas impressões.

Objetivos Específicos

Os estudantes irão expressar suas impressões sobre a África e os Africanos em uma associação de palavras e irão escutar as impressões de seus colegas por meio de uma tabulação dos resultados da associação de palavras.

O professor irá avaliar as percepções dos alunos sobre a África a partir da tabulação da associação de palavras.

Material

Cartas com algumas palavras bem conhecidas e palavras da atividade de associação.

Desenvolvimento

Faça algumas cartas com palavras como “comida”, “TV”, “amigos” e “jogo”. Diga à classe que você quer que eles digam a você a primeira palavra que vier a cabeça quando eles olharem a carta. Aceite a resposta de todos os alunos que quiserem lhe dizer.

Diga à classe que eles irão jogar um jogo semelhante a esse, mas que irão fazer associações com a África.

Procedimento

Diga aos alunos que você vai mostrar a eles uma carta (ou use o quadro negro). Eles terão que escrever a primeira palavra que lhes vier à cabeça relacionada à África. As palavras são: África, animal, terra, pessoas, roupas, transporte, comunicação, clima, casa, trabalho, recursos, líder, jogo, cor, país, recreação.

Peça aos alunos que lhe entreguem os papéis. Diga que no dia seguinte tu lhes dirás como a classe respondeu como um grupo. Guarde os papéis dos alunos para que seja possível comprar as associações deles no final da unidade. Peça que ponham seus nomes nos papéis.

No dia seguinte dê para cada aluno uma copia da tabulação feita com as resposta dos alunos. Pergunte se alguém tem algum comentário a fazer. Peça que discutam as repostas uns com os outros. Pergunte o que um “forasteiro” poderia aprender sobre a classe olhando as repostas.

ANEXO C

ATIVIDADE 2 – FRASES INACABADAS

Uma avaliação dos conhecimentos e impressões dos alunos sobre a África e os Africanos é altamente recomendada. O professor pode usar as respostas dos alunos como guia para selecionar os tópicos ou objetivos a serem enfatizados no ensino de história da África. Os alunos devem ser avaliados novamente ao final de seus estudos para determinar se suas impressões sobre a África mudaram.

Esse exercício documenta a reação imediata dos alunos a palavra “África” e “Africanos”. Apesar de ser subjetivo, pode vir a ser um dos métodos mais confiáveis de determinar a percepção dos alunos sobre a África.

Objetivo Geral

Os estudantes irão identificar e examinar suas percepções sobre a África e os Africanos e irão examinar as fontes dessas impressões.

Objetivos Específicos

Os estudantes irão expressar suas impressões sobre a África e os africanos usando uma Frase Inacabada e irão escutar as impressões de seus colegas. O professor irá avaliar as percepções dos alunos sobre África.

Desenvolvimento

Explique que a classe estará estudando sobre a África e que irá precisar de algumas informações antes de ensinar o assunto.

Pergunte se eles têm uma imagem acurada em suas mentes da África. Explique a eles que o estudo sobre a África durante essa unidade mostrará a eles se estão certos ou errados.

Pergunte aos alunos se eles atualmente sentem que tem alguns estereótipos ou preconceitos sobre a África. Diga a eles que essa unidade pode provar se estão certos ou errados.

Procedimento

Peça aos alunos para completarem as seguintes frases:

- a. África é.....
- b. Africanos são....
- c. Quando escuto a palavra África eu penso em....
- d. Os africanos provavelmente pensam que os EUA é....
- e. Os africanos provavelmente pensam que nos EUA as pessoas são....
- f. Algumas coisas que sei sobre a África são....
- g. Eu gostaria de ir para a África porque.....

De uma olhada rápida nos papéis na medida em que eles entregam. Discuta as resposta com os alunos.

Pergunte aos alunos o que um “forasteiro” poderia aprender sobre a classe olhando os seus papéis. Ajude-os a reconhecerem que o “forasteiro” saberia algumas de suas idéias sobre a África.

ANEXO D

QUESTIONÁRIO PERFIL SÓCIO-CULTURAL

1. IDADE: _____ 2. SEXO: () Masculino () Feminino
3. MUNICÍPIO ONDE RESIDE: () Florianópolis () Outro: _____
4. NATURALIDADE: () Capital () Interior do Estado () Outro Estado () Outro país
5. HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ ESTUDA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO?
() comecei este ano () desde à educação infantil () outro
6. ONDE E COMO VOCÊ MORA ATUALMENTE?
() Em casa ou apartamento, com sua família
() Em casa de outros familiares
() Em casa de amigos
() Outra situação: _____
7. A CASA EM QUE VOCÊ RESIDE É: () Emprestada ou cedida () Própria () Alugada
8. COM QUEM VOCÊ MORA? () pai () mãe () avós () madrasta () padrasto
() tios () amigos () outro _____
9. QUANTOS DOS ITENS ABAIXO HÁ EM SUA CASA?
TV _____ Rádio _____ Computador _____ Geladeira _____
Telefone fixo _____ Telefone celular _____ DVD _____
Máquina de lavar roupa _____ Ar condicionado _____ Aquecedor _____
10. VOCÊ POSSUI ALGUM PLANO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA? () Sim () Não
11. VOCÊ POSSUI TV POR ASSITANTURA? () Sim () Não
12. QUAL O PRINCIPAL MEIO DE TRANSPORTE DA SUA FAMÍLIA?
() transporte coletivo () automóvel próprio () automóvel emprestado
13. QUAL É A SUA PARTICIPAÇÃO NA VIDA ECONÔMICA DE SUA FAMÍLIA?
() Você não trabalha e seus gastos são custeados
() Você trabalha e é independente financeiramente
() Você trabalha, mas não é independente

14. QUEM É A PESSOA QUE MAIS CONTRIBUI NA RENDA FAMILIAR?

você pai mãe outra pessoa, qual? _____

15. QUAL A RENDA MENSAL DE SUA FAMÍLIA?

- até 3 salários mínimos (até R\$ 1.395,00)
 até 5 salários mínimos (até R\$ 2.325,00)
 de 5 até 8 salários mínimos (de R\$ 2.325,00 até R\$ 3.720,00)
 superior a 8 salários mínimos (superior a R\$ 3.720,00)

16. A SITUAÇÃO CONJUGAL DE SEUS PAIS BIOLÓGICOS É:

Vivem juntos Separados

17. INFORME A MAIOR ESCOLARIDADE DE:

(Marque apenas uma opção para cada um)

| | PAI | MÃE | OUTRO |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Não estudou. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (antigo primário) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ensino médio (2º grau) incompleto. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ensino médio (2º grau) completo | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ensino superior incompleto. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ensino superior completo | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Pós-graduação | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

18. EM QUE TRABALHA OU TRABALHOU, NA MAIOR PARTE DA VIDA?

(Marque apenas uma opção para cada um)

| | PAI | MÃE | OUTRO |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Na agricultura, no campo, em fazenda ou na pesca. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Na indústria. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| No comércio, banco, transporte ou outros serviços | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Funcionário público (governo federal, estadual municipal ou militar) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Profissional liberal, professor ou técnico de nível superior. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Trabalhador do setor informal, autônomo (sem carteira assinada). | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Trabalha em casa em serviços (costura, cozinha, etc) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| No lar | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

19. QUANTO TEMPO EM MÉDIA VOCÊ PASSA COM SUA FAMÍLIA DURANTE O DIA?

nenhum 3 a 5h Mais de 5h

20. QUANTO TEMPO EM MÉDIA VOCÊ PASSA COM SEUS AMIGOS DURANTE O DIA?

nenhum 3 a 5h Mais de 5h

21. A PRINCIPAL CONTRIBUIÇÃO DO TEMPO QUE VOCÊ PASSA COM A SUA FAMÍLIA É:

idéias comportamento ou atitudes

22. A PRINCIPAL CONTRIBUIÇÃO DO TEMPO QUE VOCÊ PASSA COM SEUS AMIGOS É:

idéias comportamento ou atitudes

23. A PARTICIPAÇÃO DA SUA FAMÍLIA NA SUA VIDA ESCOLAR É:

(MARQUE MAIS DE UMA OPÇÃO SE NECESSÁRIO)

| | PAI | MÃE | OUTRO |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Auxílio nas tarefas de casa | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Auxílio no estudo para as provas | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Presença nas reuniões de pais | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Presença nas atividades festivas da escola | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

24. EM SEU TEMPO LIVRE VOCÊ PREFERE:

(ORDENE POR PRIORIDADE – 1, 2, 3...)

Assistir à televisão

ouvir música

Ir ao teatro/ shows/ concertos

Ir ao cinema

Assistir competições esportivas

encontrar amigos

Jogos (baralho/ vídeo game)

usar o computador/ internet

Outro _____

25. VOCÊ PARTICIPA DESENVOLVE ALGUMA ATIVIDADE EXTRA-CLASSE? QUAIS?

Artísticas/Culturais/Artesanato

Movimentos Religiosos

Política – Partidárias

Movimento Estudantil

Curso de idiomas – qual? _____

Atividade esportiva

Não desenvolvo nenhuma atividade

26. QUANDO VOCÊ PRECISA DE ALGUMA INFORMAÇÃO RECORRE A:

internet livros amigos familiares professores

27. O MEIO QUE VOCÊ MAIS USA PARA SE MANTER INFORMADO(A) É:

TV Jornal Rádio Revista Internet

28. COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ LÊ?*(MARQUE APENAS UMA OPÇÃO PARA CADA ITEM)*

| | DIARIAMENTE | COM FREQUÊNCIA | DE VEZ EM QUANDO | RARAMENTE |
|--------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Jornal | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Revista | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Livro / Literatura | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Outros | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

29. QUAIS PROGRAMAS DE TV VOCÊ ASSISTE E COM QUE FREQUÊNCIA?

| | DIARIAMENTE | DE VEZ EM QUANDO | RARAMENTE | NUNCA |
|-----------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| desenho animado | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| filmes | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Jornal | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| novelas | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| seriados | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Outros | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

30. QUANTOS FILMES EM MÉDIA VOCÊ ASSISTE POR MÊS?*(CONSIDERE O CINEMA, A TELEVISÃO, O DVD E O COMPUTADOR)*

terror _____ ação _____ comédia _____ romance _____
 histórico _____ Outros _____

31. VOCÊ ACESSA A INTERNET COM MAIS FREQUENCIA:

De casa Da lan house Da escola outro lugar

32. ALGUM ADULTO ACOMPANHA O SEU ACESSO À INTERNET?

com frequência às vezes nunca

33. PARA QUE VOCÊ MAIS USA O COMPUTADOR?

- Pesquisar na internet
 Editar documentos
 Enviar e receber correio eletrônico
 Participar de grupos de discussão
 Jogar
 conversar com amigos através de programas específicos, como o MSN
 visitar blogs e/ou comunidades virtuais
 Outro _____

34. VOCÊ PERTENCE A ALGUMA COMUNIDADE VIRTUAL COMO O ORKUT?

sim não

35. VOCÊ JÁ CRIOU E MANTEVE (OU MANTÉM) UM BLOG NA INTERNET?

- Sim, mas ele já foi encerrado e não está mais disponível para ser visitado
 Sim e ele ainda está disponível
 Não, nunca criei um blog

36. EM UM DIA, QUANTO TEMPO EM MÉDIA VOCÊ PASSA

(CONSIDERE TANTO O TRABALHO COMO O LAZER)

| | Até 3h | Até 5h | Até 10h | Mais de 10h |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Ouvindo música | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em frente ao computador | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Lendo jornais/revistas/livros – impressos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Vendo televisão | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ouvindo rádio | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

37. ORDENE POR GRAU DE IMPORTÂNCIA OS MEIOS QUE MAIS CONTRIBUÍRAM PARA O SEU APRENDIZADO SOBRE A AMÉRICA LATINA (EX: 1, 2, 3...)

- Disciplina de ELA Viagens Noticiários Internet
 Filmes Amigos Documentários Família

38. VOCÊ ACREDITA QUE AO ESTUDAR SOBRE A HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA VOCÊ ESTÁ ESTUDANDO SOBRE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA?

- sim não talvez

39. A DISCIPLINA DE ELA TE AJUDOU A PENSAR SOBRE A SITUAÇÃO DA AMÉRICA LATINA NA ATUALIDADE?

- sim não talvez

40. QUAIS ASPECTOS DA HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA VOCÊ MAIS GOSTOU DE ESTUDAR NA DISCIPLINA DE ELA?

- o cotidiano e a vida das pessoas comuns
 os aventureiros e conquistadores
 a culturas dos povos distantes
 as invenções tecnológicas
 as diferentes formas de organização social
 outros

41. DEPOIS DE CONHECER UM POUCO MAIS DA HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA NA DISCIPLINA DE ELA O QUE VOCÊ CONSIDERA QUE MUDOU EM SEU COTIDIANO?

- passei a me interessar mais pelas notícias sobre a América Latina veiculadas nos meios de comunicações
 passei a ouvir mais músicas de cantores de países latinos
 passei a ver filmes relacionados à América Latina

- passei a pesquisar sobre assuntos relacionados à América Latina na internet
- passei a ler livros relacionados à América Latina
- passei a ler revistas relacionadas à América Latina
- passei a conversar com meus amigos e familiares sobre assuntos relacionados à América Latina
- nada mudou no meu cotidiano

42. QUAIS SÃO OS SEUS PLANOS PARA O FUTURO?

- casar e ter filhos
- fazer faculdade / estudar
- ter uma profissão / trabalhar
- ainda não pensei sobre isso
- outro

ANEXO F
TABELAS DE FREQUENCIA - QUESTIONÁRIO

| Turmas | Frequência | Percentual |
|---------------|-------------------|-------------------|
| A | 21 | 31,3 |
| B | 21 | 31,3 |
| C | 25 | 37,3 |
| Total | 67 | 100,0 |

| Sexo | Frequência | Percentual |
|-------------|-------------------|-------------------|
| Feminino | 34 | 50,7 |
| Masculino | 33 | 49,3 |
| Total | 67 | 100,0 |

| Idade | Frequência | Percentual |
|---------------|-------------------|-------------------|
| 10 | 1 | 1,5 |
| 12 | 1 | 1,5 |
| 13 | 28 | 41,8 |
| 14 | 29 | 43,3 |
| 15 | 5 | 7,5 |
| 16 | 1 | 1,5 |
| 18 | 1 | 1,5 |
| Total | 66 | 98,5 |
| Não respondeu | 1 | 1,5 |

| Município onde reside | Frequência | Percentual |
|------------------------------|-------------------|-------------------|
| Florianópolis | 66 | 98,5 |
| Outro | 1 | 1,5 |
| Total | 67 | 100,0 |

| Naturalidade | Frequência | Percentual |
|---------------------|-------------------|-------------------|
| Capital | 51 | 76,1 |
| Interior do Estado | 3 | 4,5 |
| Outro Estado | 9 | 13,4 |
| Outro país | 3 | 4,5 |
| Outra cidade | 1 | 1,5 |
| Total | 67 | 100,0 |

| Há quanto tempo você estuda no Colégio de Aplicação? | Frequência | Percentual |
|---|------------|------------|
| comecei este ano | 2 | 3,0 |
| desde à educação infantil | 51 | 76,1 |
| outro | 13 | 19,4 |
| Total | 66 | 98,5 |
| Não respondeu | 1 | 1,5 |
| Total | 67 | 100,0 |

| Onde e como você mora atualmente? | Frequência | Percentual |
|--|------------|------------|
| Em casa ou apartamento, com sua família | 64 | 95,5 |
| Em casa de amigos | 2 | 3,0 |
| Outra situação | 1 | 1,5 |
| Total | 67 | 100,0 |

| A casa em que você reside é: | Frequência | Percentual |
|-------------------------------------|------------|------------|
| Emprestada ou cedida | 3 | 4,5 |
| Própria | 54 | 80,6 |
| Alugada | 7 | 10,4 |
| Total | 64 | 95,5 |
| Não respondeu | 3 | 4,5 |

| Com quem você mora? | Frequência | Percentual |
|---|------------|------------|
| só com o pai / irmãos | 4 | 6,0 |
| só com a mãe / irmãos | 15 | 22,4 |
| pai e mãe / irmãos | 32 | 47,8 |
| pai e outros (avós, tios ou madrasta) | 2 | 3,0 |
| mãe e outros (avós, tios ou padrasto) | 10 | 14,9 |
| Outras pessoas (avós, tios ou outras pessoas) | 2 | 3,0 |
| Amigos | 2 | 3,0 |
| Total | 67 | 100,0 |

| Você possui algum plano de assistência médica? | Frequência | Percentual |
|---|------------|------------|
| Sim | 52 | 77,6 |
| Não | 11 | 16,4 |
| Total | 63 | 94,0 |
| Não respondeu | 4 | 6,0 |

| Quantos dos itens abaixo há em sua casa? | pele menos 1 | De 2 a 5 | Mais de 5 | nenhum |
|---|--------------|----------|-----------|--------|
| TV | 15 | 48 | 4 | 0 |
| Rádio | 30 | 32 | 0 | 3 |
| Computador | 34 | 30 | 0 | 3 |
| Telefone fixo | 36 | 22 | 1 | 6 |
| Telefone Celular | 15 | 41 | 10 | 1 |
| DVD | 34 | 30 | 0 | 2 |
| Máquina de lavar roupa | 60 | 4 | 2 | 1 |
| Ar condicionado | 23 | 5 | 1 | 24 |
| Aquecedor | 24 | 3 | 1 | 24 |
| Geladeira | 49 | 17 | 1 | 0 |

| Qual o principal meio de transporte da sua família? | Frequência | Percentual |
|--|------------|------------|
| transporte coletivo | 8 | 11,9 |
| automóvel próprio | 58 | 86,6 |
| Total | 66 | 98,5 |
| Não respondeu | 1 | 1,5 |

| Qual é a sua participação na vida econômica de sua família? | Frequência | Percentual |
|--|------------|------------|
| Você não trabalha e seus gastos são custeados | 63 | 94,0 |
| Você trabalha e é independente financeiramente | 1 | 1,5 |
| Você trabalha, mas não é independente | 2 | 3,0 |
| Total | 66 | 98,5 |
| Não respondeu | 1 | 1,5 |

| Quem é a pessoa que mais contribui na renda familiar? | Frequência | Percentual |
|--|------------|------------|
| Você | 2 | 3,0 |
| Pai | 16 | 23,9 |
| Mãe | 15 | 22,4 |
| outra pessoa | 10 | 14,9 |
| pai e mãe | 18 | 26,9 |
| pai e outra pessoa | 4 | 6,0 |
| Total | 65 | 97,0 |
| Não respondeu | 2 | 3,0 |

| Você possui TV por assinatura? | Frequência | Percentual |
|---------------------------------------|------------|------------|
| Sim | 50 | 74,6 |
| Não | 16 | 23,9 |
| Total | 66 | 98,5 |
| Não respondeu | 1 | 1,5 |

| Qual a renda mensal de sua família? | Frequência | Percentual |
|-------------------------------------|------------|------------|
| até 3 salários mínimos | 8 | 11,9 |
| até 5 salários mínimos | 7 | 10,4 |
| de 5 até 8 salários mínimos | 12 | 17,9 |
| superior a 8 salários mínimos | 25 | 37,3 |
| Total | 52 | 77,6 |
| Não respondeu | 15 | 22,4 |

| A situação conjugal de seus pais biológicos é | Frequência | Percentual |
|---|------------|------------|
| Vivem juntos | 31 | 46,3 |
| Separados | 32 | 47,8 |
| Viúvos | 1 | 1,5 |
| Adotado | 1 | 1,5 |
| Total | 65 | 97,0 |
| Não respondeu | 2 | 3,0 |

| Escolaridade dos pais e/ou responsáveis | Pai | | Mãe | | Outro | |
|--|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual |
| Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (antigo primário) | 0 | 0 | 1 | 1,49253731 | 0 | 0 |
| Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio) | 3 | 4,47761194 | 2 | 2,98507463 | 2 | 2,98507463 |
| Ensino médio (2º grau) incompleto | 2 | 2,98507463 | 4 | 5,97014925 | 0 | 0 |
| Ensino médio (2º grau) completo | 12 | 17,9104478 | 7 | 10,4477612 | 2 | 2,98507463 |
| Ensino superior incompleto | 1 | 1,49253731 | 2 | 2,98507463 | 0 | 0 |
| Ensino superior completo | 14 | 20,8955224 | 14 | 20,8955224 | 3 | 4,47761194 |
| Pós-graduação | 24 | 35,8208955 | 28 | 41,7910448 | 1 | 1,49253731 |
| não estudou | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1,49253731 |
| Total | 56 | 83,5820896 | 58 | 86,5671642 | 9 | 13,4328358 |
| Não respondeu | 11 | 16,4179104 | 9 | 13,4328358 | 58 | 86,5671642 |

| Em que trabalhou na maior parte da vida | Pai | | Mãe | | Outro | |
|--|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual |
| Na agricultura, no campo, em fazenda ou na pesca | 1 | 1,49253731 | 1 | 1,5 | 1 | 1,49253731 |
| Na indústria | 1 | 1,49253731 | 1 | 1,5 | 0 | 0 |
| No comércio, banco, transporte ou outros serviços | 9 | 13,4328358 | 7 | 10,4 | 1 | 1,49253731 |
| Funcionário público (governo federal, estadual municipal ou militar) | 25 | 37,3134328 | 16 | 23,9 | 4 | 5,97014925 |
| Profissional liberal, professor ou técnico de nível superior | 11 | 16,4179104 | 11 | 16,4 | 0 | 0 |
| Trabalhador do setor informal, autônomo (sem carteira assinada) | 9 | 13,4328358 | 13 | 19,4 | 1 | 1,49253731 |
| Trabalha em casa em serviços (costura, cozinha, etc) | 0 | 0 | 2 | 3,0 | 0 | 0 |
| No lar | 0 | 0 | 9 | 13,4 | 1 | 1,49253731 |
| Total | 56 | 83,5820896 | 60 | 89,6 | 8 | 11,9402985 |
| Não respondeu | 11 | 16,4179104 | 7 | 10,4 | 59 | 88,0597015 |

| Quanto tempo em média você passa com sua família durante o dia? | Frequência | Percentual |
|---|------------|------------|
| de 3 a 5h | 29 | 43,3 |
| Mais de 5h | 36 | 53,7 |
| Total | 65 | 97,0 |
| Não respondeu | 2 | 3,0 |

| Quanto tempo em média você passa com seus amigos durante o dia? | Frequência | Percentual |
|---|------------|------------|
| Nenhum | 1 | 1,5 |
| de 3 a 5h | 36 | 53,7 |
| Mais de 5h | 28 | 41,8 |
| Total | 65 | 97,0 |
| Não respondeu | 2 | 3,0 |

| A principal contribuição do tempo que você passa com a sua família é: | Frequência | Percentual |
|---|------------|------------|
| | Idéias | 17 |
| comportamento ou atitudes | 35 | 52,2 |
| idéias e comportamentos ou atitudes | 9 | 13,4 |
| Total | 61 | 91,0 |
| Não respondeu | 6 | 9,0 |

| A principal contribuição do tempo que você passa com seus amigos é: | Frequência | Percentual |
|---|------------|------------|
| | Idéias | 37 |
| comportamento ou atitudes | 15 | 22,4 |
| idéias e comportamento e atitudes | 11 | 16,4 |
| Total | 63 | 94,0 |
| Não respondeu | 4 | 6,0 |

| Participação da família na vida escolar | Pai | | Mãe | | Outro | |
|--|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual |
| Auxílio nas tarefas de casa | 21 | 31,3432836 | 33 | 49,2537313 | 7 | 10,4477612 |
| Auxílio no estudo para as provas | 22 | 32,8358209 | 29 | 43,2835821 | 9 | 13,4328358 |
| Presença nas reuniões de pais | 32 | 47,761194 | 51 | 76,119403 | 4 | 5,97014925 |
| Presença nas atividades festivas da escola | 16 | 23,880597 | 18 | 26,8656716 | 5 | 7,46268657 |
| Total | 45 | 67,1641791 | 58 | 86,5671642 | 13 | 19,4029851 |
| Não respondeu | 22 | 32,8358209 | 9 | 13,4328358 | 54 | 80,5970149 |

| O que prefere fazer em seu tempo livre | Frequência | Percentual |
|--|------------|------------|
| Assistir à televisão | 32 | 47,761194 |
| Assistir à competições esportivas | 13 | 19,4029851 |
| Ouvir música | 40 | 59,7014925 |
| Encontrar amigos | 34 | 50,7462687 |
| Ir ao teatro/shows/concertos | 12 | 17,9104478 |
| Jogar (baralho/videogame) | 21 | 31,3432836 |
| Ir ao cinema | 25 | 37,3134328 |
| Usar o computador | 44 | 65,6716418 |
| Outro | 8 | 11,9402985 |
| Total | 66 | 98,5074627 |
| Não respondeu | 1 | 1,49253731 |

| Atividades extra-classe | Frequência | Percentual |
|----------------------------------|------------|------------|
| Artística/culturais/artesanato | 2 | 2,98507463 |
| Movimento estudantil | 3 | 4,47761194 |
| Movimentos religiosos | 9 | 13,4328358 |
| Político/partidários | 2 | 2,98507463 |
| Atividade esportiva | 25 | 37,3134328 |
| Curso de idiomas | 12 | 17,9104478 |
| Outro | 1 | 1,49253731 |
| Não desenvolvo nenhuma atividade | 21 | 31,3432836 |
| Total | 60 | 89,5522388 |
| Não respondeu | 7 | 10,4477612 |

| Quando precisa de alguma informação recorre a: | Frequência | Percentual |
|---|------------|------------|
| Internet | 59 | 88,0597015 |
| Livros | 21 | 31,3432836 |
| amigos | 25 | 37,3134328 |
| Familiares | 30 | 44,7761194 |
| Professores | 14 | 20,8955224 |
| Total | 66 | 98,5074627 |
| Não respondeu | 1 | 1,49253731 |

| Meio que mais utiliza para se manter informado | Frequência | Percentual |
|---|------------|------------|
| TV | 40 | 59,7014925 |
| Jornal | 13 | 19,4029851 |
| Rádio | 12 | 17,9104478 |
| Revista | 11 | 16,4179104 |
| Internet | 47 | 70,1492537 |
| Total | 66 | 98,5074627 |
| Não respondeu | 1 | 1,49253731 |

| Com que frequência você lê: | Diariamente | | Com frequência | | De vez em quando | | Raramente | |
|------------------------------------|--------------------|------------|-----------------------|------------|-------------------------|------------|------------------|------------|
| | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual |
| Jornal | 9 | 13,4328358 | 2 | 2,98507463 | 16 | 23,880597 | 27 | 40,2985075 |
| Revista | 6 | 8,95522388 | 17 | 25,3731343 | 22 | 32,8358209 | 13 | 19,4029851 |
| Livro/literatura | 15 | 22,3880597 | 18 | 26,8656716 | 16 | 23,880597 | 14 | 20,8955224 |
| Total | 54 | 80,5970149 | | | | | | |
| Não respondeu | 13 | 19,4029851 | | | | | | |

| Com que frequência você assiste: | Diariamente | | De vez em quando | | Raramente | | Nunca | |
|----------------------------------|-------------|------------|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual |
| Desenho animado | 33 | 49,2537313 | 14 | 20,8955224 | 13 | 19,4029851 | 3 | 4,47761194 |
| Filmes | 36 | 53,7313433 | 27 | 40,2985075 | 2 | 2,98507463 | | |
| Jornal | 23 | 34,3283582 | 18 | 26,8656716 | 15 | 22,3880597 | 2 | 2,98507463 |
| Novelas | 33 | 49,2537313 | 6 | 8,95522388 | 7 | 10,4477612 | 13 | 19,4029851 |
| Seriados | 33 | 49,2537313 | 16 | 23,880597 | 8 | 11,9402985 | 2 | 2,98507463 |
| Total | 59 | 88,0597015 | | | | | | |
| Não respondeu | 8 | 11,9402985 | | | | | | |

| Quanto tempo em média você passa | Até 3h | | Até 5h | | Até 10h | | Mais de 10h | |
|---|------------|------------|------------|------------|------------|------------|-------------|------------|
| | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual |
| Ouvindo música | 44 | 65,6716418 | 11 | 16,4179104 | 4 | 5,97014925 | 3 | 4,47761194 |
| Em frente ao computador | 30 | 44,7761194 | 15 | 22,3880597 | 12 | 17,9104478 | 2 | 2,98507463 |
| Lendo jornais/revistas/livros – impressos | 44 | 65,6716418 | 1 | 1,49253731 | 1 | 1,49253731 | 0 | 0 |
| Vendo televisão | 38 | 56,7164179 | 17 | 25,3731343 | 7 | 10,4477612 | 1 | 1,49253731 |

| De onde acessam a internet com mais frequência | Frequência | Percentual |
|--|------------|------------|
| De casa | 63 | 94,0298507 |
| Da lan house | 1 | 1,49253731 |
| Outro lugar | 1 | 1,49253731 |
| Total | 65 | 97,0149254 |
| Não respondeu | 2 | 2,98507463 |

| Algum adulto acompanha o seu acesso à internet? | Frequência | Percentual |
|---|------------|------------|
| Com frequência | 9 | 13,4328358 |
| Às vezes | 24 | 35,8208955 |
| Nunca | 32 | 47,761194 |
| Total | 65 | 97,0149254 |
| Não respondeu | 2 | 2,98507463 |

| Para que mais usam o computador | Frequência | Percentual |
|---|-------------------|-------------------|
| Pesquisar na internet | 35 | 52,238806 |
| Jogar | 38 | 56,7164179 |
| Visitar blogs e/ou comunidades virtuais | 26 | 38,8059701 |
| Editar documentos | 13 | 19,4029851 |
| Enviar e receber correio eletrônico | 16 | 23,880597 |
| Conversar com amigos através de programas específicos, como o MSN | 54 | 80,5970149 |
| Participar de grupos de discussão | 3 | 4,47761194 |
| Outro | 3 | 4,47761194 |
| Total | 65 | 97,0149254 |
| Não respondeu | 2 | 2,98507463 |

| Você pertence a alguma comunidade virtual como o Orkut? | Frequência | Percentual |
|--|-------------------|-------------------|
| Sim | 55 | 82,0895522 |
| Não | 6 | 8,95522388 |
| Total | 61 | 91,0447761 |
| Não respondeu | 6 | 8,95522388 |

| Você já criou e manteve (ou mantém) um blog na internet? | Frequência | Percentual |
|--|-------------------|-------------------|
| Sim, mas ele já foi encerrado e não está mais disponível para ser visitado | 10 | 14,9253731 |
| Sim e ele ainda está disponível | 7 | 10,4477612 |
| Não, nunca criei um blog | 41 | 61,1940299 |
| Total | 58 | 86,5671642 |
| Não respondeu | 9 | 13,4328358 |

| Filmes que assistem em um mês | Pelo menos 1 | | Até 5 | | Mais de 5 | | Nenhum | |
|--------------------------------------|---------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual | Frequência | Percentual |
| Terror | 11 | 16,4179104 | 24 | 35,8208955 | 10 | 14,9253731 | 13 | 19,4029851 |
| Ação | 11 | 16,4179104 | 34 | 50,7462687 | 14 | 20,8955224 | 3 | 4,47761194 |
| Comédia | 13 | 19,4029851 | 33 | 49,2537313 | 18 | 26,8656716 | | |
| Romance | 14 | 20,8955224 | 19 | 28,358209 | 8 | 11,9402985 | 15 | 22,3880597 |
| Histórico | 11 | 16,4179104 | 10 | 14,9253731 | 4 | 5,97014925 | 24 | 35,8208955 |

| Quais foram os meios que mais contribuíram para o seu aprendizado sobre a história da América Latina? | Frequência | Percentual |
|--|-------------------|-------------------|
| Disciplina de ELA | 51 | 76,119403 |
| Viagens | 29 | 43,2835821 |
| Noticiários | 14 | 20,8955224 |
| Internet | 29 | 43,2835821 |
| Filmes | 31 | 46,2686567 |
| Amigos | 9 | 13,4328358 |
| Documentários | 22 | 32,8358209 |
| Família | 9 | 13,4328358 |
| Total | 63 | 94,0298507 |
| Não respondeu | 4 | 5,97014925 |

| A disciplina de ELA te ajudou a pensar sobre a situação da América Latina na atualidade? | Frequência | Percentual |
|---|-------------------|-------------------|
| Sim | 33 | 49,2537313 |
| Não | 12 | 17,9104478 |
| Talvez | 19 | 28,358209 |
| Total | 64 | 95,5223881 |
| Não respondeu | 3 | 4,47761194 |

| Você acredita que ao estudar sobre a história da América Latina você está estudando sobre sua própria história? | Frequência | Percentual |
|--|-------------------|-------------------|
| Sim | 28 | 41,7910448 |
| Não | 7 | 10,4477612 |
| Talvez | 28 | 41,7910448 |
| Total | 63 | 94,0298507 |
| Não respondeu | 4 | 5,97014925 |

| O que mais gostou de estudar na disciplina de ELA? | Frequência | Percentual |
|---|-------------------|-------------------|
| O cotidiano e a vida das pessoas comuns | 15 | 22,3880597 |
| A cultura dos povos distantes | 26 | 38,8059701 |
| As diferentes formas de organização social | 13 | 19,4029851 |
| Os aventureiros e conquistadores | 18 | 26,8656716 |
| As invenções tecnológicas | 18 | 26,8656716 |
| Outros | 9 | 13,4328358 |
| Total | 62 | 92,5373134 |
| Não respondeu | 5 | 7,46268657 |

| O que mudou no seu cotidiano após conhecer um pouco mais sobre a história da América Latina? | Frequência | Percentual |
|--|-------------------|-------------------|
| passei a me interessar mais pelas notícias sobre a América Latina veiculadas nos meios de comunicações | 16 | 23,880597 |
| passei a ouvir mais músicas de cantores de países latinos | 5 | 7,46268657 |
| passei a ver filmes relacionados à América Latina | 12 | 17,9104478 |
| passei a pesquisar sobre assuntos relacionados à América Latina na internet | 8 | 11,9402985 |
| passei a ler livros relacionados à América Latina | 5 | 7,46268657 |
| passei a ler revistas relacionadas à América Latina | 3 | 4,47761194 |
| passei a conversar com meus amigos e familiares sobre assuntos relacionados à América Latina | 12 | 17,9104478 |
| nada mudou no meu cotidiano | 33 | 49,2537313 |
| Total | 62 | 92,5373134 |
| Não respondeu | 5 | 7,46268657 |

| Planos para o futuro | Frequência | Percentual |
|-------------------------------|-------------------|-------------------|
| Fazer faculdade / estudar | 43 | 64,1791045 |
| ter uma profissão / trabalhar | 52 | 77,6119403 |
| ainda não pensei sobre isso | 7 | 10,4477612 |
| Casar e ter filhos | 32 | 49,2 |
| outro | 4 | 5,97014925 |
| Total | 65 | 97,0149254 |
| Não respondeu | 2 | 2,98507463 |

ANEXO G

TABELAS SOBRE AS NARRATIVAS

| Adesão à proposta da atividade | Frequência | Percentual |
|---------------------------------------|-------------------|-------------------|
| Passado, presente e futuro | 50 | 74,6 |
| Somente o passado | 8 | 11,9 |
| Somente o presente | 1 | 1,5 |
| Somente o futuro | 5 | 7,5 |

| Questões de significância | Frequência | Percentual |
|--|-------------------|-------------------|
| Ocupação européia violenta e aculturação da população nativa | 36 | 53,7 |
| Povos pré-colombianos | 31 | 46,3 |
| América Latina é subdesenvolvida ou está em desenvolvimento | 19 | 28,4 |
| Profecia Maia sobre o fim do mundo | 13 | 19,4 |
| Tecnologia | 10 | 14,9 |
| A história da América Latina começa com a chegada dos europeus | 8 | 11,9 |
| Chegada do homem à América pelo Estreito de Bering | 6 | 9,0 |
| Desmatamento / Poluição | 5 | 7,4 |

| Consciência histórica | Frequência | Percentual |
|------------------------------------|-------------------|-------------------|
| Percepção de mudanças no tempo | 34 | 50,7 |
| O passado é interpretado | 41 | 61,2 |
| O passado é orientador do presente | 7 | 10,4 |
| A orientação motiva a ação | 0 | 0 |

| Perspectivas para o futuro | Frequência | Percentual |
|-----------------------------------|-------------------|-------------------|
| O futuro está fechado | 20 | 29,9 |
| O futuro está em construção | 32 | 47,8 |
| O futuro será melhor | 27 | 40,3 |
| O futuro será pior | 41 | 61,1 |

| | | |
|--------------|----|-----|
| Total | 67 | 100 |
|--------------|----|-----|

ANEXO H

NARRATIVAS

A 01

América Latina

Os antigos povos que habitavam a África eram nômades e foram na direção norte e, durante a Era do Gelo, eles atravessaram o Estreito de Bering e foram para a América do Norte. Eles foram para o sul até chegar na América Latina e lá existiam muitos povos.

Em relação aos povos podemos destacar os povos Maias, Astecas, Olmecas e Incas, que foram grandes civilizações da América Latina. E todos esses povos foram destruídos pelos europeus.

Hoje em dia ainda há estudos sobre estes antigos povos que influenciam as nossas vidas até hoje, como a astronomia maia que resultam hoje em coisas como calendários. Na América Latina os países estão em desenvolvimento.

O futuro está sendo formado pelas decisões das pessoas, se a poluição e o desmatamento continuarem o futuro será horrível, mas se pararem irá melhorar. Há uma profecia dizendo que o mundo vai acabar em 2012, pessoalmente acho que vão apenas acontecer mudanças. Uma profecia maia.

A 02

Para mim, a história da América Latina começou quando os nômades Africanos atravessaram o estreito de Bering que estava congelado a milhares de anos atrás.

Depois, esses povos foram ocupando as américas até chegar na América Latina, que surgiram os povos antigos: Maias, Astecas, Olmecas, Incas... Mas que acabaram sendo extintos com a chegada dos Europeus.

A História da América Latina mudou completamente com a vinda dos Europeus, pois eles guerreavam, trouxeram novas religiões e novos modos de viver.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, e a América Latina, e depois de toda a história de colonização, hoje é um continente normal, porém sofre preconceitos, por causa dos países subdesenvolvidos.

Acredito que no futuro, a América Latina vai ser como o Estados Unidos hoje, pois já que estamos atrasados, o nosso futuro o presente dos países desenvolvidos, mas é claro que vai depender da classe social... ou não.

A 03

Muitas histórias acreditam que a América Latina foi descoberta por imigrantes da Ásia, que passavam pelo estreito de bering no tempo da glaciação e chegaram na América do Norte, assim foram desendendo e colonizando a América Central e América do Sul, formando civilizações como por exemplo, os Maias, Astecas, Incas, omecas. No mesmo período os europeus vieram com caravanas (séc. XV) e começaram a matança onde a “a espada, a cruz e a fome desimaram a família selvagem”, foi uma luta desigual entre índios e Europeus.

Agora, no presente a América Latina é um lugar que a maioria de seus países estão em desenvolvimento, crescendo mundialmente, e é um local de muitas misturas, misturas de povos (Europeus, índios, imigrantes), línguas (Espanhol, francês, português), culturas e outros.

No futuro eu acredito que a América Latina vai ter crescido economicamente e que será um local com muitos países desenvolvidos, terá muita tecnologia. Mas voltando para o passado, lá nos maias, eles tinham previsões para o futuro eles acreditavam que o mundo acabaria em 2012 eu não acredito muito nisso, mas...)

Com relação a mim acredito que serei uma médica aposentado, pois terei 63 anos. Serei uma idosa preocupada com a minha saúde :).

A 04

Tudo começou no estreito de Bering, onde os homo sapiens passaram por um mar congelado era glacial, então foi daí que foram sendo construídas as tribos, como Maias, Astecas, Incas e os Omecas.

A América do Sul está em desenvolvimento, por isso está melhorando.

Futuramente a América Latina vai ser muito desenvolvida sem preconceito e mais.

A 05

Há 2 teorias possíveis para a colonização das Américas, uma delas foi pelo congelamento do Estreito de Beringer e a outra forma foi pela Oceania por um povo que morava naquelas ilhas e eram grandes navegadores e algumas centenas de anos depois chegaram os europeus que escravizaram e extraíram riquezas daquela terra.

Por causa da extração de riquezas da América Latina os países hoje tem como seu desenvolvimento muito baixo conhecido como subdesenvolvido.

A 06

Tudo começou com os povos que moravam na América Latina chamado os povos Astecas, Incas, Maias e Olmecas, vivendo por vários séculos, até que um dia os espanhóis mataram esses povos para colonizar a América.

Hoje em dia tem povos com grandes habilidades, com agriculturas e etc. Os povos tupy-guaranis contando histórias, suas agriculturas e outras coisas.

No futuro poderá ter grandes povos com grandes habilidades avançadas, ou seja outra coisa, que não vá existir esses povos, pois o fim do mundo seja em 2012 do dia 21 de dezembro.

A 07

No passado da América Latina em tempos que eu não era nascido viviam várias tribos e Impérios nativos americano que viviam com a prática de agricultura, pecuária e uma forte religião. Durante século XV o residente português Cristovam Colombo teve uma teoria de que o mundo não era quadrado como a igreja afirmava e que se os marinheiros se aventurasse muito distante da costa cairia por uma cachoeira e seria devorados por monstros gigantescos de aparência medonha. Mas Cristovão Colombo afirmava que o mundo era redondo e que se saise a mar aberto para a direção leste chegaria no Oeste, mesmo sem gravidade descoberta por Isac Newton* também sairiamos espaço a fora mas isso já é outra história.

Em 1492 Cristovam Colombo partiu em direção das indias para comercializar mais por uma nova rota.

Depois de muito tempo navegando Colombo e sua frota chegou nas hoje antilhas da américa central.

No decorrer do ano os espanhóis e portugueses se aventuraram continente a dentro assim travando guerras contra os nativos.

Grandes impérios caíram com massacres sangrentos contra os espanhóis como Astecas, Incas e Maias.

Os “índios” como eram chamados pelos europeus pois acreditavam que tinham chegado nas indias, foram escravizados para servissos dos espanhóis.

Nas américas foi surgindo cidades cada vez maiores de Europeus. Surgio tambem os vice reinados que eram países controlados por uma metrópole.

A partir daí aos poucos as diferenças começaram a ser deixadas de lado, a américa latina é um lugar onde se encontram diversas culturas. Desse ponto em diante ocorreu ditaduras, guerras e tambem paz eu nasci no dia 31 de julho de 1996 aqui mesmo em Florianópolis para ser esato no HU (Hospital Universitário) em minha opinião cresci numa américa Latina passiva e muito unida. Hoje em dia nossa cultura esta presente em varios países levados por festas, eventos, e turistas e também a cultura de outros países no Brasil.

A américa latina hoje tem varios pontos turisticos destaques em todo o mundo como as cataratas de foz do iguaço, o Cristo Redentor uma das 10 maravilias do mundo, países curiosos tamem estão presente

na america latina como a Nicaragua um pais pobre com deserto e dificuldades em seus planos futuros mas quem sabe esse pais no futuro com uma cumida típica que da água na boa quem sabe não vira potencia mundial? Não vejo porque não. Para mim a diversidade presente na américa latina encontra ritos religiosos que encanta pessoas do mundo inteiro. Eu espero que no futuro isso esteja ainda mais forte. Mais principalmente eu gostaria que a vida das pessoas melhorasse que o preconceito fosse deixado de lado e que as pessoas tivesse mais chance de encontrar trabalho, de ter um bom plano de saude, o transporte mais avançado e alem de tudo chefes políticos que tenham boas intenções com a população e que em vez de roubar dinheiro publico invista-o na sociedade pois na época em que a humanidade atravessou o estreito de bering para chegar nas américas o povo estava unido porque não manter essa aliança e construir juntos um futuro melhor para todos.

*Não tenho sertesza do nome estar correto

A 08

A América Latina, vou começar a falar antes da cegada dos europeus, quando só tinha os índios, eles ocupavam a sua maior parte do território que logo mais viria a ser o Brasil, e entre outros países, eles viviam em muitos lugares, e viviam separados. Na América Latina tinha vários povo grupos indígenas, que veremos logo mais os povos por exemplo tupi-guarani, vivia da caça, era um dos maiores grupos indígenas abitado na América do sul, eles viviam da caça, da pesca, até os europeus chegarem por engano na América e enganarem os índios trocando materia prima instrumento de trabalho por exemplo, e exploraram muito o Brasil, e depois escravizaram, veio muitos portugueses e cada português ficou em uma parte do Brasil.

Hoje a América Latina, pelo menos o Brasil está se desenvolvendo muito, cada vez mais em comparação com os outros países, por exemplo EUA.

Eu quero para a América Latina que pare de ter tanta gente pobre e que pelo menos todos apenas que precisam recebem 2 salários minimos para que possam sustentar sua família.

A 09

No passado, existiam tribos como os Astecas, Olmecas e Maias, eles viviam de forma primitiva comprado a hoje em dia, mas em comparação a outros povos, esses povos eram muito avançados. E existiam os povos Lagoa Santa, Sambaqui, Bumerangue, Arco Flecha.

No presente a América Latina não se destaca muito, pois quase todos os países são subdesenvolvidos, mas o principal meio que ganha dinheiro é o petróleo.

No futuro quero uma união entre as sociedades. Se o mundo não acabar.

A 10

A América Latina foi criada através da curiosidade dos europeus de conhecer o restante do mundo. Foi um período de muita guerra, sofrimento, conhecimento e assim por diante. Mas é impossível dizer quando começou esta história, pois os povos anteriores, os nativos não deixaram materiais escritos, então só podemos contar as histórias com alguma certeza após a chegada dos europeus. O grande ponto que temos é que fomos “fundados” pelos mesmos tipos de homens, os europeus. Francêses, espanhóis e portugueses geraram conflitos e empuseram uma cultura completamente diferente da que os nossos nativos.

Hoje, aqui no Brasil, país colonizado pelos portugueses somos um povo alegre e de bem com a vida, lógico com alguns problemas sociais, mas nada que nos impeça o nosso cotidiano muitas vezes parecido: acorda, toma um café amargo, pois na correria do dia-a-dia ou não lembramos ou não temos tempo nem de botar o açúcar na bebida, veste a roupa correndo, escova os dentes com a pasta de dente mais barata que tinha, pois você está prestes a ser demitido, se olha rapidamente no espelho e não fica contente com a imagem refletida, pois você viu ontem a noite na novela que o padrão de beleza é a mulher mais magra possível, com seios enormes e bunda gigantesca. Mas você não se contenta com os seus 50,0 kg e 1, 70m. Pega seu carro que está a venda pois está com as contas atrasadas, pega o transito infernal para

estar no outro lado da cidade em 10 minutos e e quando consegue chegar ao local de trabalho com 3 minutos de atraso, não tem lugar para estacionar da meia volta na quadra e acha um beco escuro e deixa o veículo lá mesmo, quando está correndo a porta do emprego você recebe um telefonema da escola do seu filho avisando que levou uma suspensão de 3 dias por agredir verbalmente um professor substituto e que ele corre sérios riscos de reprovar, você diz que agora está sem tempo e marca uma reunião com o diretor da escola paa as 18:00h e chega na sua sala com 10 minutos de atraso. Trabalha, trabalha e trabalha sem parar e reza para que chegue a hora do almoço logo, pois além de estar atolado de tarefas, você tem que ouvir o seu chefe reclamando dos seus 10 minutos de atraso e falando que estava estressado pois estava se divorciando. Você fica nervoso pois acabou quebrando o ar-condicionado e está um calor infernal de 45° lá na rua e você acaba se irritando e pedindo demissão. Após sair irritado e fazendo birra do emprego, você se arrepende profundamente mas decide não voltar atrás pois seu orgulho fala mais alto, sai desesperado a procura de um novo emprego mas de nada adianta pois as filas estão enormes e opa! Já são 18:30h e você esqueceu da droga da reunião. É realmente esta é a realidade de muita gente, e sinceramente acredito que não vamos passar muito disso, talvez só o fim do mundo, previsto para 2012 possa botar um freio nisso tudo.

A 11

América Latina

Eu descreveria ela no presente totalmente diferente ela será só guerra. Desavenças entre os povos, guerras pelos países, esta capitais e etc.

Eu provavelmente no estarei mais aqui, acho que estarei morta, não sei, mas a américa acho que vai entrar em colapso.

Não haveria uma vida boa para se morar pois a terra vai ser muito ruim, ela estará indo para a destruição.

E acho que quem colonizou achavam “eramos” primatas nos achamos ele primatas e os do futuro nos achara como prima.

E que o mundo acabara dia 12/12/2012 as 12 horas e 0 minutos!
Mais previsões peça a mim que lhe direi!

A 12

Antigamente a América Latina foi ocupada por diversos povos como Astecas, Olmecas, Astecas que eram antigos, que não eram desenvolvidos, porém tinham tecnologia, antigas. Eles tinham calendários, previsões para o futuro e muito mais.

Eu acho que no futuro

A 13

Antes na América Latina havia os Maias, Astecas, Olmecas. Esses povos tinham seus costumes culinária em fim todos (cada um) com seus aspectos. Cada um tinha sua crença. Esses povos não viviam totalmente em harmonia entre si, como em qualquer lugar haviam diferenças brigas entre eles.

Com o passar dos tempos os homens (colonizadores) encontraram essas terras e iludiram o povo que habitava, os explorando e roubando suas riquezas, seus bens. Com estes acontecimentos estes povos tão antigos foram se extinguindo. Se aposando destas terras foram implantando suas culturas, criando um lugar para eles os colonizadores escravizaram os povos e foram eles que realizavam serviços, obras pois não tinham custo de vida auto. Estas terras “construídas” existem até hoje e a cultura que os colonizadores trouxeram. Mas os povos (Maias, astecas, Olmecas, Incas) deixaram resquícios de suas sivilizações que possibilitaram os estudos de hoje em dia.

Imagino que no futuro a Ciência, história irá descobrir mais coisas sobre essas sivilizações mas não acredito que isto irá influenciar o modo de vida da maioria das pessoas mas sim os estudos e as crenças nesses povos. Em um futuro não tão distante. Há costumes deles que vingar para sempre.

A 14

Antes a América Latina era formada pelos maias, incas, astecas, olmecas, que eram povos de “diferentes” culturas, por exemplo existia o jogo de bola, que só podia ser usado os quadris para jogar, existia os sacrifícios, tinha os deuses. Naquela época os incas viviam em grupos agropastoris e suas aldeias eram montadas em cima de rochas, os olmecas tinham cabeças colossais como referência de cultura.

Existia também os povos de Lagoa Santa, Bumerangue, flexa, sambaqui, os 3 primeiros povos citados não utilizavam a pesca, a cultura deles eram diferentes, os do sambaqui utilizavam da cerâmica os da flecha criaram o arco e flecha.

Atualmente a América Latina ainda é formada por povos indígenas, no Brasil eles representam 0,8% da população, na Argentina só 0,4%, na Bolívia 55% e no México 55%, atualmente o governo mudou já que antes não se votava para escolher um presidente, prefeito... os direitos também mudaram mas agora é igual HOMENS E MULHERES.

Para o futuro se a tese dos maias (de o mundo acabar em 2012 com o fim do ciclo de 52 anos) não se concretizar e não acontecer, espero um mundo melhor, com menos guerras, menos pessoas passando fome, um governo mais justo e muita paz e felicidade.

Sobre mim e a A.L. eu quero estar trabalhando como pediatra, ter minha casa, minhas coisas e minha mãe perto de mim.

A 15

Passado, Presente e Futuro da América Latina

A América Latina teria começado sua história de dois jeitos diferentes:

- * teria vindo uma imigração de pequenos barcos da Oceania que teria chegado no Brasil e que adaptou-se

- * teria vindo um avanço de várias gerações que partiram da África e passando pelo Estreito de Bering até chegar aqui.

Assim teria se formado a população nativa que foi encontrada pelos europeus em 1492. A chegada marcou a exploração, a colonização, o extermínio e a perda dos nativos e da sua cultura.

Atualmente (século XXI) o Brasil é um país industrializado, com capitalismo, consumismo e pobreza.

O Brasil tá com a balança desequilibrada devido aos problemas: pessoas irresponsáveis e incompetentes, pobreza, violência, drogas, má educação (em raros porém necessitados lugares), crises X boas ações, ajuda financeira, seguranças, professores capacitados, informação, incentivo. Mas ter iniciativas às vezes não é o suficiente.

Eu acho que os professores do futuro serão uma mistura de alguns professores que eu já tive e que tenho agora: a determinação da Marise (ELA), a coragem do Fernando (HST), a capacidade de ensinar da Iara (MT), a gentileza da Gisele (Geo), o carinho da Maricéia (Cie), a capacidade de aprender e ensinar da Carolina (Francês), a criatividade da Michela (LP), esa impossibilidade do Ricardo (xxxx).

Agradeço a todos vocês professores que me deixam satisfeita e alegre comigo. Continuem assim!

Meu sonho para o futuro é ser uma profissional que reflita o que vocês são: únicos e especiais.

A 16

Passado

A América Latina, abriga os povos Astecas, Olmecas e Maias (cada um em sua época) que com sua sabedoria, deixaram-nos de herança inúmeras técnicas, instrumentos (hoje adaptados) e uma história emocionante. A sabedoria Maia, nos trouxe o calendário, assim como outros povos deixaram-nos outras coisas.

Falar do presente é bem complicado. Talvez o correto seria falar da bolsa de valores, do dolar ou do presidente do dos EUA, mas pra que? Isso pouco interessa a uma adolescente de 14 anos. Vou falar de gente, sentimentos, direitos... O Brasil é um país que sinceramente é uma bagunça organizada. Com isso, quero dizer que na teoria, nos discursos, promessas é tudo lindo, mas na prática, é pior que um presídio. Muitas vezes, tentando acertar, acaba piorando muito. Aonde já se viu dar cotas universitárias aos negros? Eles não são gente? Não tem o mesmo poder mental?

E os poderosos e ricos que ao mandarem matar, roubar, ao serem presos, tem o direito a certas mordomias porque têm curso superior. Então quer dizer que um rico “inteligente” mata uma pessoa e fica numa cela c/ frigobar de 4X4 por duas semanas e um pobre “burro” rouba um saco de arroz e tem de dividir uma cela 2X2 com outros 10 detentos? E o sexo? Aquilo que era pra ser algo lindo e feito c/ amor, para procriar virou algo horrível, vulgar, ui!

Mas também tem seus acontecimentos bons. Mulheres votam, trabalham e usam CALÇA, UHUUL! A educação passou a ser mais valorizada. Aonde já se viu um SENADOR falar que a lei Maria da Penha serve p/ tirar crianças das ruas? (É, isso aconteceu).

Se falar de presente já é difícil, falar de futuro é um labirinto, um enigma! Não vou ser idiota o suficiente pra falar que daqui a 50 anos, os carros vão voar e terão robôs ao invés de gente. Não sei se vai melhorar ou piorar, é relativo. Eu só acho que as pessoas que nos instruem, devem ter mais paciência, mas uma coisa é certa: Não depende só de nós.

A 17

- 1) PASSADO □ diferentes povos, tribus e “raças” viveram aqui como: Astecas, Olmecas e Maias. Tribos como do bomerangue, da flecha e etc. Foi um momento de muitos conflitos e guerras. A AL pesenciou diversas culturas e povos, cada um com sua época, com seu jeito de viver, suas técnicas de sobreviver e suas crenças. Foi colonizada por Europeus que mudou seu jeito de viver, pois muitos povos nativos foram escavizados e os europeus tomaram suas terras
- 2) PRESENTE □ eu vejo a A.L hoje como um pais que está em desenvolvimento, e por isso é um pais bem democrático, porém a sociedade ainda sofre com políticos corruptos, desigualdade social e varios outros problemas que hoje enfretamos. Mas isso não quer dizer que somos um povo triste, pelo contrário é um povo bem colorido, descontraído e festeiro. Um lugar que ainda encontra diversas culturas, povos línguas, etc.

- 3) Futuro: Acredito que a AL vai ser um dos países desenvolvidos o mundo, porém não acho que vai ser o paraíso, pois se a poluição, o aquecimento global, e os erros que a sociedade comete continuarem e não mudarem, acredito que boa parte da A.L será tomada pela água.

Mas ainda será um lugar feliz e cheio de cultura e diferentes lugares para conhecer e explorar.

A 18

A América Latina teve uma colonização muito difícil, pois teve varios colonizadores, mortes dos indigenas, muita escravidaio. Mas apesar disso teve uma consêqüencia importante e muito boa, a cultura. Esse cultura que até hoje está até hoje presente no nosso dia-a-dia.

Hoje em dia a América Latina superou algum desses problemas, mas também adquiriu outro como a pobreza. Também se depara com bastante conquistas, nos desenvolvemos pouco a pouco com a idea de um dia ter uma america latina muito melhor.

Daqui a 50 anos eu me imagino, um aposentado ou trabalhando fazendo aquilo que eu realmente gosto. Imagino uma América Latina sem problemas, com uma condição de vida realmente boa. Imagino uma América que realmente goste de viver.

A 19

No passado a America Latina tinha indiginas morando lá, assim chegaram os europeus e eles destruíram a maioria dos indiginas pois queriam a pose da terra assim o pouco de indiginas que ficou eles botam para trabalhar nas minas, mas esqueceram da alimentação, ai deu doenças e alguns morreram, assim a america ficou com poucos ingenas. Por causa desse acontecimento, agora com o avanço da tecnologia tudo melhorou e no futuro vai ficar melhor ainda.

A 20

A América Latina no passado existiam cerca de 80 milhões de indígenas. Esses chamados “indígenas” eram povos que na era glacial através do estreito de Bering. Com a chegada dos espanhóis o número de indígenas diminuiu muito, pois mataram muitos deles e usaram para o trabalho nas minas, já que os espanhóis queriam muita prata e etc... Esquecendo da produção de alimentos e conseguiram a conquista das terras sobrando poucos indígenas.

Hoje na América há poucos indígenas por causa desse acontecimento. A América já não tem tantos conflitos como tinha antigamente, o avanço da tecnologia fez com que tivéssemos melhoria de vida, acho que os povos ao futuro vão pensar do mesmo jeito que a gente pensa sobre os indígenas hoje, que eram povos pouco desenvolvidos, vão pensar isso pois o avanço da tecnologia esta cada vez mais evoluída.

A América no futuro vai ser e ter tecnologia muito mais avançada. OBVIO que se a profissia maia estiver certa que o mundo terminará em 2012 não vai ter nada disso (So foi p/ descontrar). ESPERO UM FUTURO SEM GUERRAS E violência, pois a violência está TOMANDO CONTA DE TUDO.

ESPERAMOS UM FUTURO MELHOR, COM TECNOLOGIA AVANÇADA.

A 21

América Latina

A América Latina de antigamente, pouco desenvolvida antes da chegada dos europeus era muito diferente da nossa América Latina de agora que tem tecnologia de varios automoveis, televisões e etc.

Como estamos agora vivemos bem e achamos o modo de vida antigamente pouco desenvolvido mas eles poderiam se achar desenvolvidos o suficiente para sobreviver e eu acho que os povos que viverem aqui no futuro vão pensar o mesmo que nós pensamos dos povos de antigamente agora. Por que os povos do futuro vão ser concerteza, do jeito que a tecnologia está evoluindo, ser bem mais

desenvolvidos materialmente que nós, tudo que temos de tecnologia agora eles vão ter melhor e mais que ainda vão inventar.

A 22

A america latina traz vários recordações sobre os povos maias, astecas e olmecas e eles viveram momentos difíceis eles fizeram várias imigrações. Nessa época não tinha tecnologia nenhuma, mas para eles era o suficiente, para poder manter os povos eles tinham sua própria tecnologia o jeito de plantar, colher e viver os maias descobriram um jeito de dividir e contar. A america latina passou por difíceis momentos de sua trajetória de desenvolvimento. Agora já estamos bem desenvolvidos no modo de produção com industrias, no modo de vida com diversas tecnologias, apesar de agora a america já está bem evoluído ainda tem muita pobreza.

Acho que no futuro já vai ser bem desenvolvido com varios tipos de tecnologia, mas vai ficar muito perigoso, e não sei onde isso vai parar a população vai cresce e diminuir com tantas mortes e não vai ter muitos empregos.

B 01

No passado existiam varios povos alguns deles são maias, astecas, incas e olmecas, eles tinham varias crenças, mesmo sem tecnologia os maias tinham uma previsão acabará em 2012. Eles também acreditavam em varios deuses. Então viviam só eles, aqui na America Latina, mais tarde vieram pessoas de outros países (europeus etc...) dizendo que essa terra era deles, e quando viram que havia nativos, fizeram-nos de escravos, e praticamente eles desapareceram (alguns, ou melhor, varios), e tiraram todas as riquezas da terra.

Hoje no presente, a tecnologia, há casos, há pessoas sivilizadas.

No futuro imagino, que o mundo acabara mais não porque os maias preveram mais sim da vinda de Jesus. Eu acredito.

B 02

* No passado da América Latina, as coisas eram menos “tecnológicas digamos”, a televisão era sem cor, não existia computador, não tinha celular, e hoje em dia as coisas são mais tecnológicas, existe mais coisas e são mais avançada na tecnologia, por exemplo hoje em dia existe MP3, MP4, MP5, Ipod sendo que a maioria desses eletrônicos tiram foto, e Ifone também, é um eletrônico com mistura de MP com Ipod com celular e também tira fotos e muito mais coisas, no passado da América latina não existia essas coisas, essas ficaram ao longo do tempo as coisas vão evoluindo e as pessoas também, agora nesse tempo as pessoas também evoluem em vários outros aspectos “ignorância, falsidade, preconceito, devia de existir antes, mas nesse tempo agora as pessoas tão mais PRECONCEITUOSAS com tudo cor, sexualidade e mais, no passado da América Latina não existia muito disso mas agora existiu muito mais.

* xx e os principais atores dessa história são as pessoas da América Latina porque são elas que fazem essas histórias, os acontecimentos da nossa vida e da América Latina sem elas não iria ter nada para contar e para realizar na América Latina.

B 03

Os índios que viviam na América Latina foram torturados e massacrados pelos Espanhóis que se achavam superiores e que o deus deles era melhor que o dos índios, mas hoje no século 21, os índios estão nas reservas e a América Latina está melhor do que antes, economia, tecnologia e o desenvolvimento, mas os maias preveram que alguma coisa ruim vai acontecer em 21 de dezembro de 2012 então não sei o que esperar do futuro.

B 04

Bom, o passado da América Latina teve muitas injustiças, muitas discriminações, mas também existia muita cultura. Houve vários povos que influenciaram a nossa cultura e a nossa linguagem hoje em dia. Esses povos tinham deuses, criaram profecias etc. No passado o cenário da América Latina era verde e não era tão poluído. Tudo mudou no presente.

Algumas culturas foram modificadas, foi muito desmatamento, o cenário da América Latina foi muito modificado, foi muito poluído, a tecnologia foi muito evoluída diferente do passado que não existia tanta coisa (tecnologia), algumas regras foram aplicadas, foram removidas, etc. Enfim, a América Latina teve suas consequências, aconteceu coisas muito ruim mas também há muitas culturas e belezas da grande América Latina.

O futuro, eu acredito que a tal “profecia maia”, que em 21 de dezembro de 2012 o mundo vai acabar * eu acredito que isso aconteça, mas se o mundo progredir ou não, eu não consigo imaginar, e se a profecia não acontecer, acho que o mundo vai ter muita tecnologia, e essa tecnologia pode acabar com a nossa terra, o nosso mundo. Acredito que seja a camada de Ozônio, para impedir a entrada de raios ultra-violetas, acredito que criem um modo de proibir carros com gasolina poluente, eu acredito na ciência e muito, mas também acredito em Deus e acho que só ele decidirá nosso futuro.

A América Latina é muito mais que um pedaço de terra de terra, acho que é uma parte de um mundo curioso, com muita cultura, muitas semelhanças e diferenças e com suas diversidades.

(É fácil julgar, difícil sempre é conhecer)

- um relatório de Kamille e Joana Casagrande

Última opinião do futuro:

Acho que um dia vão achar um planeta que possamos habitar, até lá espero que a água, o ar ou a comida não acabe, eu espero o bem de nosso planeta.

B 05

Bom, a América Latina infelizmente foi colonizada por exploração enquanto a América Anglo-saxônica foi colonizada por povoamento. Nas grandes navegações, onde Cristóvão Colombo encontrou a América e já foi se achando “dono” dela, assim os navegadores chamaram os povos nativos de índios pois no começo achavam que a América era a Índia.

Era horrível pois eles escravizaram os índios e ainda trouxeram africanos para terem maior número de mão-de-obra escrava.

Os índios ou africanos aqui não obedeciam ou tentavam fugir, se encontrados recebiam castigos muito, mas muito violentos.

Agora, no presente, a América Latina é um lugar em desenvolvimento, há pouco tempo era subdesenvolvida graças a essa exploração tão sangrenta.

Os europeus ainda se acham os donos do mundo, até os EUA, para eles na minha opinião o Brasil, por exemplo é um 3º mundo.

Eu espero para o futuro a América seja mais valorizada, que sejamos desenvolvidos, que não tenha tanta injustiça e que não sejamos mais visto como inferiores pelo EUA ou pela Europa.

B 06

Passado: Antigamente existia povos separados por culturas, modos de viver e os povos não se misturavam, cada um em cantos do mundo e cada povo com o seu.

Até a hora em que um povo começou a se achar melhor que o outro e começou as guerras, e com essas guerras povos foram sendo destruídos e os que prevaleceram por anos foram formando a América Latina até chegar ao que é hoje depois de milhares de séculos, isso pelo menos é o que eu lembro que aprendi mas com muitos outros detalhes e outra coisa que eu lembro é que a guerra aconteceu por causa da exploração.

Mas também acredito na história da Igreja Católica.

Presente: hoje o ser humano não está respeitando a vida na terra no futuro ele “só vai apenas” pagar por tudo que está fazendo hoje, porque

acho que no futuro se o ser humano não se concientizar no que faz vai acabar vivendo num lugar sujo, e porco.

B 07

Passado: A América Latina era alguma coisa que eu não estou me lembrando. Só lembro dos maias, astecas, olmecas e incas.

Presente: A América Latina é algo que não existe mais pois agora América do Sul e América Central.

Futuro: A América Latina vai ser destruída por tsunames e vulcões, movimentação da crosta terrestre, terremotos e pelos assassinos marroquinos.

Elefantes vão dominar o mundo.

B 08

No passado sei que Pedro Álvares de Cabral ele chegou tinha índias que estranharam o modo de vida dos portugueses que quando parte deles voltaram e viram seus homens mortos daí começaram a matar os índios. Presente sei que está havendo muita poluição, queima da floresta amazônica e outras coisas. Futuro eu ainda acho que a terra não vai durar muito pois com a poluição cria buracos na camada de ozônio e com isso a temperatura tende a aumentar muito. Eu acho que a terra vai durar mais uns 10000 anos pois se continuar assim não dura nem a metade.

B 09

Do começo do século XV aconteceu grande história da América Latina coíso podemos saber mais sobre a América Latina e quem que colonizado Espanhol.

B 10

O passado da América foi triste pois seu povo foi massacrado em cima pelos espanhóis e embaixo pelos portugueses. Essa colonização brutal deixou marcas até hoje no presente.

Eu acho que o Brasil vai se tornar uma potência mundial e toda a América latina irá se desenvolver.

B 11

A América-latina começou com a chegada dos Europeus. Grande parte da América Latina quase por inteira foi colonizada pelos Espanhóis, México, Peru, Argentina, Uruguai, Paraguai, Colômbia e entre outros. Por Portugal somente o Brasil foi colonizado, outros países que foram colonizados por Europeus foram as Guianas, foram colonizadas pelos franceses.

Aqui 50 eu espero já estar aposentado, em biologia, espero que os países da América-Latina se unam e vire uma superpotência, batendo a Europa, Ásia, América do Norte.

B 12

Olha na real eu não faço nem idéia do futuro da América Latina, como também se 1 “adivinha” soubesse e me perguntasse se eu queria saber eu diria que não!

Isso porque na minha opinião o futuro da nossa história está nas mãos de Deus, e não cabe a nós julgar. Sendo que para mim o único jeito de mudar nosso futuro é rezando e pedindo a Deus para ter piedade de nós.

Porém eu vou dizer a MINHA opinião (embora eu não deveria), eu acho que em 2012 o mundo irá acabar, só que não das formas que as pessoas julgam, e sim de uma forma bem diferente, porque para mim em 2012 as “coisas ruins” acabaram e a inocência e a pureza reinaram, portanto para mim em 2012 acontecerá coisas (que não cabe a mim

julgar, se são boas ou ruins), em 2012 iniciará uma nova era, uma era de luz, misericórdia e paz.

E agora para responder a outra de suas perguntas, eu não faço nem idéia de como escrever a a história da América Latina, por mais que eu tenha passado esse ano inteiro estudando sobre ela, eu saberia escrever “tudo” que a turma aprendeu porém eu acho que essa história importa para o planeta... e sabe né, a preguiça é um dos meus defeitos.

Hum foi mal pela sinceridade porém eu acho que essa é a minha opinião e já que tu perguntou, eu não vou perder essa oportunidade de abrir meu coração.

Grata pela compreensão

B 13

A América Latina foi um conjunto de povos diversificados, pois cada povo é diferente do outro, por isso como cada povo é diferente do outro, cada povo será diferente do outro.

O futuro não vejo, mas o presente, posso dizer que é cheio de conflitos (não repare na letra).

Como disse eu não vejo o futuro, mas como eu estou falando da América Latina, o mundo vai acabar.

B 14

A América-Latina era só um pedaço de terra quando foi descoberta. Explorada e “massacrada” pelos portugueses e espanhóis, não se tornou uma potência no mundo.

A América-Latina no futuro será uma super potência mundial, só atrás dos Estados Unidos e Japão.

Meu futuro será ser um bom advogado ou jornalista. Não sei se irei pro céu, mas não quero ir pro inferno, pois li que é uma cidade em chamas com monstros em cima e demônios comendo as almas.

B 15

Quanto o Latino se casou com a Mirela.

Os principais atores são o Brad Pitt e Angelina Jolie.

A América Latina começou a melhorar quando o Flamengo começou a jogar. Ele tem a maior torcida da América Latina.

Eu amo a Angelina Jolie se ela não existisse não existiria mundo muito menos América Latina.

Se ela se elegeisse presidente da América Latina eu votaria nela, além de ser extremamente gostosa ela ajuda a África e outros países de 3º mundo meu Deus essa mulher é perfeita cara.

Além de doar mais de 5 milhões de dólares por ano para a UNO.

Angelina Jolie minha deusa.

B 16

O passado da América Latina que começou a ser América Latina há 99 anos atrás, que o melhor time nasceu. O temível PALMEIRAS. Quando surge o alvi-verde.

B 17

A história da América se caracteriza em uma colonização de exploração e que foi se desenvolvendo conforme o tempo foi passando, e os Europeus se expandindo e matando cada vez mais, e os que não eram mortos que tinham a sorte para contar alguma história eram feitos escravos sem a possibilidade de esperança de vida; pois seriam vendidos e revendidos até não aguentarem mais. As primeiras expedições realizadas na América Latina foram pelos Portugueses que tomaram algumas partes, mais quem realizou uma grande tomada de terra foram os Espanhois que com um grande exército e com uma tecnologia mais avançada do que os povos que aqui viviam, sendo com o descobrimento da pólvora que proporcionou aos Espanhois uma superioridade a qualquer outra civilização, com um exército e tecnologia ele conseguiu

um grande numero de escravos materia prima e terras para a Coroa espanhola.

Podemos concluir que por todos esses fatores que ocorreram influenciaram e muito em nosso modo de viver e em nossas crenças, pois nossos antepassados foram aculturados pelos espanhóis; Assim pelo oque a América Latina foi e é hoje teve uma grande influência de muitos outros povos, pois a América Latina, e principalmente o Brasil serem daqui alguns anos serem a maior ou uma das grandes potências mundiais.

B 18

Durante anos na América Latina os únicos ou alguns dos povos que abitaram as terras da américa latina foram os Maias, os Astecas, incas, olmecas e guerreavam durante anos eles guerreavam e tomavam territórios, em 1492 Colombo chegou as américas, e matou milhares de indios além disso destruíram todas as civilizações existentes na América, logo chegou Américo e nomeou a terra descoberta e hoje ainda muitos indios são mortos todos os dias.

Porque não te calhas.

B 19

A América Latina contém vários países, onde há cultura, educação, leis, e etc...

Vou citar alguns países: Brasil, Chile, Argentina, Guiana Francesa, e mais alguns outros países fazem parte da América Latina.

Na América Latina à algum tempo atrás existiam muitos povos, por exemplo: os maias, astecas, incas e olmecas. Os maias acham que o mundo vai acabar em 2012. Eu acho que em 2012 pode vir a acontecer muita violência, talvez possa ter muita poluição e aquecimento global.

Mas talvez as previsões dos maias podem estar erradas.

Pode acontecer que o mundo acabe depois de 2012.

Por exemplo, há vários veículos, indústrias, alguns carros (...) soltam uma fumaça, nessa fumaça existem vários tipos de substâncias químicas que poluem o ar que nós respiramos.

Apesar de que algumas pessoas acham que o mundo vai acabar com guerras, poluição... eu tenho a esperança de que o mundo pode vir a melhorar.

B 20

Bom, pra começo de conversa, eu não faço idéia de como será a América Latina daqui a alguns anos, pois como as coisas andam... Quero dizer que, praticamente todos os dias estão ocorrendo mudanças aqui, de todas as maneiras, assim eu acho que daqui um tempo as coisas vão ser bem diferentes. Um exemplo disso, é os maias, astecas, incas, etc. nas suas épocas as coisas eram muito diferentes do que são hoje, e eu acho que as mudanças vão continuar acontecendo. Quanto ao meu futuro eu também não acho ideia, mas eu espero ser feliz! E que seja um mundo melhor até lá.

Já a América Latina no presente, eu acho que é um lugar muito “legal”, mas que tem que melhorar em alguns aspectos, como na violência, as drogas, o desrespeito, etc. Assim, ficara um lugar muito melhor e o que eu escrevi na linha acima, sobre a violência, etc, é uma coisa que eu espero que mude.

Eu contaria a história da América Latina, falando sobre a violência feita a povos daqui, etc, concerteza é história “muito sofrida”, cheia de altos e baixos, mas gosto daqui.

Tchau!

B 21

Para mim a América Latina vai acabar devido a previsão maia que o mundo vai acabar em 2012, então para mim o mundo vai acabar e nem vai chegar em 2050.

C 01

- Sobre o passado da América-Latina, pois sou muito jovem para saber
- Sobre o presente, sei apenas alguns povos: Astecas, Incas, Maias e Olmecas
- Sobre o futuro acho que os povos que existiram não vão mais existir, pois hoje, 2009, já quase não existem.
- Sobre o meu futuro, acho que já vou estar velho, e chto pra caramba. E pretendo ser médico/jogador de futebol.

C 02

Os colonizadores Espanhóis e Portugueses vieram à América-Latina e encontraram os Ameríndios. Eles lutaram e os Espanhóis os fizeram de escravos. Pegaram ouro, prata, para comércio.

Hoje existem alguns resquícios dos povos antigos, os maias, Astecas, incas, etc. E também existem algumas pessoas descendentes desses povos.

Eu acho que, no futuro, iremos ouvir menos sobre a América-Latina, eu espero ser uma pessoa muito inteligente e ser bem sucedida no meu trabalho.

C 03

Após ser colonizado e sofre varios acontecimento, desde a colonização e escravidão até a morte de muitas pessoas inocentes. Tornou-se a América Latina, o mundo em que vivemos foi irracional e incompreensível com outros povos.

A América Latina seria um mundo devastado pela poluição e a irracionalidade das pessoas.

Eu espero por um futuro melhor, de paz e racionalidade!

C 04

Contendo! Descrevendo! Esperando

Passado: Não sei já passou

Presente: Não está bom

Futuro: Estou fazendo no presente.

A América Latina está melhorando.

C 05

No passado a América Latina eram as terras de muitos povos, como Incas, Astecas, Olmecas, etc.

E continuaram sendo até a chegada do homem europeu, que escravizou, e matou os povos, colonizou suas terras.

Hoje, a América Latina abriga muitos povos, e vem se desenvolvendo.

Espero, que no futuro seja um lugar melhor.

C 06

A história da América Latina é marcada pela violenta colonização feita pelos europeus. Depois de muito tempo os países que compõe a América Latina, começaram a se recuperar economicamente e socialmente dessa grande tragédia. Atualmente a situação desses países é melhor mas ainda há os países sofrem com a pobreza.

Acho que daqui a 50 anos a situação deve melhorar ainda mais. Acho que 50 anos é o suficiente para que ocorra as mudanças necessários para termos aqui países de primeiro mundo.

C 07

Do passado até os dias atuais a América Latina se desenvolveu muito tecnologia e culturalmente e acho que vai continuar se desenvolvendo.

C 08

Passado: Foi um povo muito injustizado.

Presente: Morreram tudo

Futuro: Quem sabe eles voltem a vida.

C 09

No passado a América Latina era habitada pelos ameríndios. A América Latina era cheia de grupos de povos diferentes. Cada um com sua cultura, modo de viver, entre outros. A América Latina tinha uma grande diversidade natural.

Tudo isso foi tirado pelos portugueses quando eles chegaram aqui achando estar nas índias.

Hoje a nossa cultura é influenciada pela dos europeus (portuguesa), nossas línguas, xxx, comércio, entre outros.

Penso que no futuro isso continue assim, agora a nossa cultura não tem como mudar.

Em relação a América Latina, acho que xxx seu mais natural, com mais natureza, e mais respeito uns com os outros.

C 10

Antigamente, as pessoas “civilizadas” da europa pensavam que somente eles existiam no planeta e que eles era superiores.

Um dia, um homem que discordava dos outros dizendo que o mundo não era quadrado e que era possível contorná-lo para chegar a um lugar inacessível por outros caminhos. Então, com a ajuda dos “políticos” da época, ele e mais vários homens viajaram por meses com o objetivo de dar meia volta no mundo e chegar as índias.

Durante um dia, eles finalmente avistaram terra e se prepararam para naufragar.

Quando chegaram, se depararam com homens nus e, do ponto de vista deles, selvagens. No começo, vieram dizendo que seriam passíficos, mas depois, começou a matança. Nos anos seguintes, o numero de nativos americanos diminuiu drasticamente.

A América Latina hoje xxxx dos lugares mais ricos do mundo pois deve parte de suas riquezas xxxxx.

Espero que, no futuro, o respeito, as riquezas (tanto naturais como sociais) cresçam e a América-latina seja um ótimo lugar para viver.

C 11

No passado viviam os índios, não usavam roupas, alguns eram canibais, viviam na mata.

Logo depois espanhóis e portugueses roubaram suas terras, destruíram suas vidas e começaram a vir escravos.

No presente, os índios, muitos deles já não tinham onde morar, muitos vivem na rua etc.

E o futuro, só Deus sabe o que acontecerá.

C 12

O futuro da América é que vai ter uma guerra por água, e só na América latina haverá água.

O passado é que os povos indígenas que antes viviam foram conquistados pelos europeus.

O presente é que agora existe países e cidades.

C 13

A história da América Latina começou antes da chegada espanhola, aqui já existiam os maias, astecas, incas, olmecas, entre outros. Agora no presente a América Latina é formada por várias nações, a maioria fala espanhol. Eu acho que no futuro a América Latina vai um local muito poderoso economicamente.

C 14

Na América Latina já existiam povos, ricos em cultura, com uma imagem de um futuro distante, sem uso de máquinas, nem carros e com a mente ingênua.

Mas esses povos foram destruídos com a chegada dos europeus, que não tiveram dó nem piedade e escravizaram e até mesmo mataram os povos da América Latina.

Mesmo com a chegada desses europeus que não tinham pena e não mostraram ser boas pessoas, alguns desses povos resistiram à nova cultura, à escravidão, à novas línguas e crenças e até hoje existem indígenas descendentes dos indígenas da época da colonização.

Hoje a América Latina ainda tem influências dos povos ameríndios, mas temos muito mais influências dos europeus.

Eu penso que no futuro teremos uma América Latina mais desenvolvida, mas vai continuar tendo influências indígenas.

Espero que assim como hoje, no futuro as pessoas pensem, estudem e entendam os povos que antes da chegada dos europeus viveram aqui e sofreram muito com a colonização.

C 15

- 1) Antigamente a América Latina era um palco de muitos conflitos, os autores desses conflitos eram os indígenas e seus colonizadores (europeus principalmente). Também tinha muitos

problemas políticos. Os países sofreram muito com os conflitos e com esses conflitos também tiveram coisas boas.

2) Melhorou muito em relação à antigamente.

Eu espero que seja melhor do que já é. Também espero que seja mais tranquilo de se viver nele.

C 16

No passado, os povos Latino americanos foram massacrados pelos espanhóis tiveram muitos confrontos diminuindo a população em milhões.

Muitos povos perdem perante outros ficam com pouca população e pior eles deixam de existir.

Mas depois disso acabou então estão vivendo em paz mais seus nomes mudaram perante a colonização.

No presente eles estão normais com suas vidas não muito boa e não muito ruim alguns valorizados e outros analfabetos.

No futuro eles revolucionarão suas terras conseguirão seus direitos a tecnologia avançará mudando o espaço.

C 17

O começo dessa história foi marcado pela brutalidade, pela violência contra os habitantes nativos, o que levou ao extermínio.

Hoje a América Latina está vivendo um tempo de mudanças e desenvolvimento.

E no futuro acho que não haverá muitas mudanças, os problemas que enfrentamos hoje continuarão, e o meu futuro eu não sei o que vai ser.

C 18

O futuro da América latina os índios não existirão mais, pois eles foram muito injustiçados.

No passado os índios tinha o modo de convivência deles mas os europeus invadiram para eles.

C 19

A América Latina foi descoberta por Cristóvão Colombo, mais antes de Cristóvão “achar” a América Latina era uma floresta muito xxxxx

E eu espero no meu futuro o mundo esteja mais conciente e que todo mundo se úna para um mundo melhor.

C 20

Antes da chegada dos europeus a América Latina era basicamente uma floresta fechada onde viviam povos bem estruturados com sua cultura estabelecida e uma crença própria em seus deuses. Assim que os europeus chegaram já declararam que aquelas terras pertenciam ao rei da Espanha e comessaram a colonizar a América Latina. A partir de então tudo mudou, a cultura, a religião... os povos que viviam aqui foram torturados e desrespeitados com o trabalho nas minas.

Hoje a América é um continente com uma grande vastidão de terras e grande diversidade cultural.

Eu acho que daqui a 50 anos a América vai ser um continente com muita indústria.

C 21

Os povos nativos com suas crenças, localidades, tradições e culturas muito diferentes foram colonizados pelos Europeus.

Semelhanças e diferenças, lembrar e esquecer.

Passado: tudo o que já passou.

Presente: o que está acontecendo agora;

Futuro: você já saberá já já

C 22

antigo, agora, novo semelhanças diferenças, lembrar e esquecer.

Passado: antigo, e sangrentos

Presente: E o agora praque vo te explica?

Futuro: tô com cara de vidente?

C 23

o passado era muito chato, o presente é legal e o futuro eu não sei como vai ser, eu quem sabe talvez provavelmente não sei oque eu aprendi.

C 24

Diria que a América Latina além da diversidade, representou muitas guerras e hostilidade.

Hoje, a diversidade ainda permanece.

Espero que haja mais respeito independente de idades, que respeitem a liberdade de expressão, reduzir a pobreza, a fome, entre outros.

C 25

Passado não sei, presente menos ainda e o futuro eu acho todo mundo vai morre congelado.